



VOOS

E

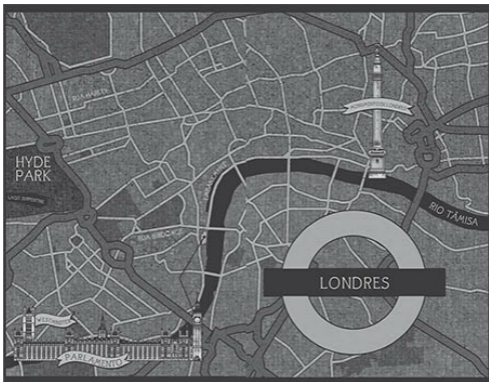
SINOS

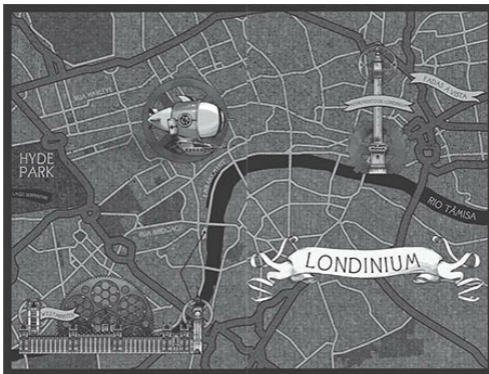
E

Misteriosas
DESTINOS

Emma Trevayne

SKGUN+1





Emma Trewayne

VOOS
E
SINOS
E
Misteriosos
DESTINOS

Ilustrações
GLENN THOMAS

Tradução
ÁLVARO HATTNER

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Para todos os leitores que acreditam em lendas e *portas*
Para todos os escritores cujas histórias pude explorar
E para Brooks, o primeiro a acreditar nas que estão aqui

*'Esperança' é a que tem plumas
e na alma vem pousar*

EMILY DICKINSON

PRÓLOGO

EXISTEM PORTAS E EXISTEM *PORTAS*.

Do primeiro tipo, há muitas: em quartos, lojas, escolas, casas e salões. A maioria das pessoas passa a vida entrando e saindo das portas do primeiro tipo, batendo-as de vez em quando, ou então as fechando com o mais suave dos *diques*. Elas nunca ficam sabendo das portas do segundo tipo, e, dependendo de quem essas pessoas forem, podem ficar contentes com isso ou não.

Naquela época, Londres tinha muitas portas do primeiro tipo, e nem eram tantas quanto há agora. Fechadas contra a fuligem negra e oleosa que pairava sobre a cidade, como uma promessa permanente de chuva, ou abertas para atrair qualquer brisa que pudesse vir do rio como se estivesse chegando para tomar um chá.

Atrás das mais bonitas, cujas aldrabas brilhavam depois do polimento que a criada lhes dava todos os dias, a luz elétrica estava acesa. Nos miseráveis cortiços do bairro de East End, o brilho fraco das velas de sebo escapava pelas frestas da madeira. No centro da cidade, pessoas se reuniam em becos úmidos para dar uma rápida olhada na estrela que tinham acabado de ver no palco enquanto ela saía pela porta e entrava na carruagem que a esperava. Do outro lado das portas, pessoas cuidavam de seus negócios, fossem eles honrados ou não.

Do segundo tipo de porta, havia muito menos, e apenas uma interessava para esta história.

Aqueles que sabiam o suficiente procuravam por elas, mas não nos lugares certos. Vasculhavam cemitérios ou salas escuras, fechadas, onde pessoas se reuniam em círculos

de mãos dadas. Outros zombavam deles por tentarem. Que coisa estranha para pessoas sensatas fazerem! E Londres, sede do poderoso Império Britânico, deveria ser acima de tudo sensata. A própria rainha era uma das pessoas que procuravam portas para o reino dos mortos, mas ela nunca encontrou, e com certeza também nunca esbarrou em uma entrada para outro mundo onde as pessoas estivessem bastante vivas.

Havia lendas, é claro. Histórias de terras distantes, que viajavam de um país para outro. A paisagem sempre mudava, mas a magia, não. As histórias eram contadas a crianças pequenas, para assustar ou acalmar, mas aqueles que as contavam não acreditavam. Talvez isso nem fosse um problema, porque as histórias distorciam a realidade. Isso sempre acontece. As lendas falavam sobre dragões e fadas, sobre torres fechadas e princesas presas, e isso até era verdade.

Porém as fadas de verdade não eram azuis ou cor-de-rosa. Elas não sorriam, a não ser quando alguma coisa dava errado. Preto, prata, marrom e cobre são as cores que se deve imaginar aqui. Elas passavam óleo umas nas outras regularmente, como as meninas que fazem tranças nas amigas, e seu riso era como aço. Os dragões enrolavam-se em cavernas secretas, e seu hálito era vapor, não fogo.

Havia pessoas normais, exceto pelo fato de não serem realmente normais. De vez em quando, elas escapavam por uma porta, levando consigo o conhecimento que parecia mágica, embora para elas fosse o mesmo que ciência, e aprendiam com essas criaturas.

E havia uma coisa que não era fada ou dragão, embora tivesse asas; uma coisa ainda mais mágica.

Antes de ser quebrada. Antes de ser morta.

Mas algumas coisas não ficam mortas para sempre.

O FEITICEIRO SEMPRE ALERTA

Londres, 1899

QUANDO LORCAN ANDAVA, ele o fazia de maneira cuidadosa e lenta, como se medisse o quanto seus sapatos finos afundavam na lama.

Na maioria das vezes, no entanto, ele preferia ficar sentado. Essa era a posição dos que comandavam; andar era para os comandados. Ele não andava com frequência, apenas quando era assim ordenado.

Só havia uma pessoa que podia dar essa ordem a ele, e recusar seria impensável. Imperdoável.

Naquele momento, Lorcan estava andando, não muito longe, embora *longe* fosse algo relativo. Estava longe o bastante de casa e desejava voltar, mas a Senhora queria um menino, um filho, e todos os desejos dela eram atendidos.

Por mais que ele tentasse adiar, a hora inevitável tinha chegado. Todos os experimentos daquele maldito doutor para encontrar outra solução tinham falhado. Os gatos, os pássaros e as borboletas que ele tinha ido buscar para agradá-la tinham se tornado tediosos e foram libertados do palácio para viver à solta do lado de fora. E por isso Lorcan abria caminho através de ruas movimentadas no lugar errado, tão familiar e ainda assim tão estranho.

Pequenos objetos de metal faziam barulho em seus bolsos a cada passo e seus dedos compridos se contraíam de vontade de segurá-los. Em vez disso, Lorcan acariciou o bigode e viu as pessoas passando apressadas por ele. Prestavam pouca ou nenhuma atenção naquele homem enquanto entravam e saíam dos trens. Se repararam nele por algum motivo, foi pela estranheza de seus óculos escuros, mas o ambiente estava muito claro e a luz elétrica quase o cegava. Nuvens de vapor soltavam fuligem sobre os trajés de viagem, e isso, pelo menos, diminuía seu desejo de estar de volta em sua própria terra.

Em breve, muito em breve, estaria lá. Um apito soou alto, estridente, tão parecido com um canto de pássaro assustado que seus dedos se contraíram novamente em direção ao bolso. Dessa vez ele deixou que entrassem, apenas para verificar, e eles esbarraram em meia dúzia de bordas afiadas.

Sim, ainda estavam lá.

Lorcan tirou um relógio de ouro pesado preso a uma longa corrente quando parou no meio da estação, fingindo que aquilo era o que pretendia fazer o tempo todo. *Paciência*, sussurraram os ponteiros dourados. Não este, o próximo.

Seria tudo muito simples. O plano estava encaminhado, e a Senhora ficaria satisfeita, muito satisfeita com Lorcan por um trabalho bem-feito.

Talvez ela sorrisse. Fazia algum tempo desde a última vez em que ela realmente sorrisse, e mais ainda desde que Lorcan tinha sido levado a ela por aquele que veio antes dele, assim como ia fazer com o menino. O homem que o levava estava morto agora, apodrecera e virara pó. Lorcan não conseguia lembrar o nome dele.

Era jovem naquela época, e feliz como os meninos devem ser. Mas ele tinha envelhecido, envelhecido a ponto de não poder mais ser filho dela, e, a cada minuto que passava desse lado da porta, ficava ainda mais velho.

Ah, como queria estar em casa. Em casa, onde viveu milhares de dias e não envelheceu mais, nem um único dia.

Ele colocou a mão no bolso outra vez.

O trem se afastou da plataforma com um novo grupo de passageiros, em direção ao norte, onde o céu era frio e as estrelas congelavam atrás de um escudo de nuvens.

Cinco minutos, provocou o relógio. Logo ele poderia voltar, voltar para a terra das coisas reconfortantes. Um lar onde ele era poderoso, porque ali seu poder era escasso. A Senhora ia se divertir com o novo filho, e a frota precisava de sua atenção. Era improvável que não tivessem sido vistoriadas em sua ausência, mas a guerra retumbava do outro lado do oceano como um trovão antes da tempestade. As colônias desejavam governar a si mesmas e logo precisariam de um lembrete de que havia apenas um Império e apenas uma Senhora para governá-lo. Lá, os objetos em seus bolsos iam se

acomodar mais uma vez em seu lugar seguro e escondido. Ele não gostava de carregá-los consigo e o fazia apenas por medo.

Uma nova onda de pessoas, com a passagem na mão, passou por ele. Era fácil dizer quais estavam acostumados a viajar, porque andavam com passos seguros até a plataforma correta, jornal debaixo do braço, os cantos da mala de couro desgastados pelo uso. Outros hesitavam, liam lentamente o que estava escrito na passagem várias vezes, ou então procuravam o inspetor da estação para pedir ajuda. E ele ajudava, apontando os braços carnudos na direção certa, botões de metal apertados brilhando em seu peito. Os olhos do inspetor encontraram os de Lorcan e ele sorriu simpático, provavelmente supondo que o homem estava aguardando para encontrar alguém que ia sair do trem das 14h17.

O que, de certa forma, era verdade.

Dois minutos.

Um.

Ele ouviu o *duque-duque* da máquina antes de vê-la. Se houvesse um coração normal em seu peito, o ritmo das batidas teria mudado para acompanhar aquele som, mas Lorcan não tinha um coração normal. Ali, ele mal tinha uma coisa que pudesse ser chamada de coração, na verdade. Havia apenas uma coisa inútil e morta no lugar.

O trem se arrastou para o campo de visão dele, engolindo lentamente os trilhos, como se estivesse cansado e com fome após a longa viagem e, depois de ter comido, poderia descansar assim que seu nariz preto chegasse ao final da plataforma. Deu um grande e ofegante suspiro, enchendo a estação de vapor no momento em que as portas se abriram com um ruído. Formas fantasmagóricas de cavalheiros ajudavam senhoras a descer sem torcer o tornozelo.

Lorcan se aproximou.

— Ande logo, Jack — disse uma mulher.

— Estou indo, mãe.

Lorcan não se importava nem um pouco com o que aquilo causaria à mulher, que era uma tola. Mandar o filho para o internato, buscando-o apenas nos feriados que interferiam com as festas suntuosas que ela dava por razões fúteis.

Não como a Senhora, que manteria o menino Jack bem perto, mimando-o com amor, bugigangas e bolo, porque todas as crianças gostam de bolo.

Era inconveniente agir daquela forma, mas os pés de Lorcan haviam afundado na lama do lado de fora dos altos muros da escola, os dedos do pé contraídos pela frustração de não saber como atrair o menino para lá. Não tinha como dizer que ele seria levado para um lugar melhor, para a Senhora, para se tornar o próximo filho do Império das Nuvens. E, na verdade, aquele jeito até trazia alguns benefícios.

Lá estava ele.

Jack se parecia com a Senhora, com os mesmos olhos e cabelos escuros, a mesma pele lisa, embora tivesse um punhado de sardas no nariz, que Lorcan sabia que iriam encantá-la. Era um pouco baixo para sua idade, mas, fora isso, era saudável e tinha as bochechas bastante rosadas. O terninho amassado como o de todos os meninos, a ponta de uma gravata com listras pretas e azuis saindo da mochila, a biqueira dos sapatos engraxada, como um espelho...

Uma escolha perfeita, e Lorcan tinha se esforçado muito para desistir naquele momento. Foram meses. Meses de observação, decidindo, à espera, e o prazo que lhe fora dado já estava quase no fim.

Se só restavam a Lorcan truques e algumas mentiras bem contadas para pegá-lo, que assim fosse. Era um pequeno sacrifício, e nenhum era grande demais para agradar à Senhora.

— Fique aqui enquanto vou pegar sua bagagem e arranjar um cabriolé. Seu pai precisou de Wilson e da carruagem hoje — disse a tola, o elegante vestido verde tremulando quando ela o deixou (ela o deixou!) sozinho. Lorcan sorriu, prendendo a respiração até que a tola conseguisse um carregador para pegar as coisas sem as quais o menino achava que não poderia ficar, ainda que por um curto espaço de tempo.

Bem, aquelas coisas poderiam ser substituídas. De qualquer forma, ele não ia precisar delas, não no lugar para onde estava indo.

As mãos de Lorcan contraíram-se novamente. Tentador, tão tentador, simplesmente pegar o menino e fugir, mas ele precisara de paciência para chegar onde estava. Havia sempre a chance de ser pego, por menor que fosse, e se por acaso isso acontecesse, ele nunca conseguiria voltar para casa e para a Senhora.

Qualquer coisa para a Senhora. Nada nem ninguém importava mais.

Lorcan rangeu os dentes. Ele precisava fazer aquilo; não tinha escolha.

A tola retornou. Ela e Jack seguiram um carrinho com dois pequenos baús, empurrado por um homem uniformizado e muito magro. Lorcan deixou-os se afastar, mas não muito.

Não, não muito.

Observou-os subir no cabriolé, o nariz da trouxa retorcido, os olhos do menino acesos com a rara aventura. O cocheiro bateu as rédeas no dorso de um cavalo velho e raquítico, que relinchou e bufou antes de partir.

Um meio de transporte desagradável, com certeza, mas não tinha como evitar. Lorcan chamou um para si, dando um endereço em Mayfair que ele conhecia já havia algum tempo.

O grande relógio da torre de Westminster ecoou por toda a cidade, marcando a

meia hora. Lorcan teve um sobressalto. Não deveria estar tocando... Então ele lembrou.

Era uma bela torre, de pedra e ferro, com um relógio enorme e lindo. Tinham dado um nome para o sino ali. Big Ben. Ridículo. Ele havia se apropriado de todos os detalhes da torre, exceto esse.

Apalpou os bolsos novamente, recostou-se contra as almofadas sujas e sorriu.

Ah, a Senhora ficaria tão contente.

CONFUSÕES E ESPIÕES

JACK FOSTER ESTAVA SENTADO NA GRAMA NO JARDIM, fora do alcance da sombra da casa, desejando que estivesse em outro lugar, qualquer lugar menos chato do que a casa em que ele ficaria confinado durante as férias de verão.

Era uma casa antiga e muito suntuosa. Do tipo que se guardava como se fosse uma joia preciosa, polida quando necessário e usada, confortavelmente ou não, pelos filhos e filhas que a tinham herdado. Hera subia pela fachada e era cortada das janelas pelo jardineiro com uma tesoura muito afiada, a qual Jack tinha sido proibido de tocar. Garotinhos tinham perdido os dedos com ela, disse a sra. Pond. Por mais que Jack se irritasse ao ser chamado de garotinho, porque já tinha quase onze anos, o pensamento o fazia estremecer. O sangue, e algo se contorcendo como uma minhoca no chão.

Em sua imaginação, sempre continuava a se mexer.

O sino do relógio no salão soou, alto o suficiente para ser ouvido lá fora. Jack abriu a boca como se fosse falar, mas esperou, de olho na janela da cozinha.

— Entre, Jack, e coma uma fatia de bolo.

A sra. Pond era muito pontual. Jack não queria bolo. Ele preferia as grandes porções de comida marrom da escola — misteriosos pedaços de carne nadando em uma espécie de lodo escuro —, mas não ousaria dizer uma coisa dessas à sra. Pond. Afinal, ela estava autorizada a puni-lo, e não ia entender por que Jack sentia falta de uma

refeição tão indigesta.

— Já vou — ele respondeu, em voz alta o suficiente para que a sra. Pond o ouvisse através da janela aberta da cozinha, mas não tão alto a ponto de perturbar sua mãe e os convidados dela.

Jack se levantou, arrastando os pés pela grama aparada como se fossem feitos dos metais que tinham tornado seu pai tão rico. Mais perto da casa, o cheiro de cordeiro assado tomou conta dele, quase uma sombra por si só, escura e grossa, fazendo-o sentir frio. *Garotinhos* estariam na cama quando o cordeiro fosse servido aos convidados na mesa grande, a luz elétrica refletida nos diamantes e nas penas. Risos subiriam as escadas, andariam na ponta dos pés pelo corredor e deslizariam pela fresta debaixo da porta do quarto. Mais tarde ainda, quando os pratos fossem retirados, passos seriam ouvidos entre a sala de jantar e o jardim de inverno, onde a mãe tocaria o piano que, certa vez, colocara Jack em apuros quando tentou desmontá-lo só para ver como funcionava.

Uma batida soou na porta. Outro visitante. Criados e vendedores davam a volta e entravam pelos fundos, onde tocavam a campainha. Jack encostou-se à parede, fora de vista, enquanto a empregada corria pelo corredor que atravessava a casa e alargava-se então em um grande saguão antes da porta da frente. Risos vinham do salão ao lado. Os dedos da mulher, desajeitada, se atapalharam com as fechaduras. Jack não tinha se preocupado em aprender o nome dela. Ela iria embora logo, tão depressa quanto os outros, assim que chateasse a mãe por alguma coisa insignificante. Ela tinha o hábito de mandar as pessoas embora.

— Uma boa tarde para vocês — disse o homem na porta. A luz fraca do sol espalhava-se à volta dele, de modo que, para Jack, era apenas uma sombra, um contorno escuro, um rosto sem traços nítidos. Folhas foram sopradas para dentro com ele, curvadas como penas, embora fosse verão e ainda cedo para que elas caíssem.

E, quando Jack estava lá fora, não havia vento. Era um truque, então.

A voz dele era estranha, mas Jack não conseguia descrever exatamente por quê.

— Fui convidado pela...

O homem parou. A porta da sala se abriu.

— Você deve ser o sr. Havelock, de quem ouvimos falar maravilhas — disse a mãe de Jack. — Entre. Estamos reunidos no salão. Sua carta dizia não mais do que meia dúzia de pessoas, e eu lhe garanto que todas elas são bastante compreensivas. Verity, por favor, guarde o paletó do cavalheiro. A sala está terrivelmente quente hoje.

— Obrigado, senhora — disse Havelock. A porta se fechou. Os sapatos dele estalaram sobre o piso, que parecia um tabuleiro de xadrez. Anos antes, Jack tentara jogar uma partida sobre ele, mas só tinha peças de tamanho normal, e um dos sapatos reforçados da sra. Pond chutara dois peões cruciais para longe enquanto ela carregava

uma bandeja de chá até o salão.

Com o chapéu na mão, o sr. Havelock ficou sobre um dos ladrilhos pretos, que combinava com seu terno. Não como um rei, pensou Jack, mas como uma torre, talvez, alto e com os ombros retos. Ele era jovem — trinta anos, no máximo —, e seu rosto era liso, apesar de um bigode bem aparado e uma barba. Óculos escuros pequenos cobriam-lhe os olhos, o que era a coisa mais estranha. Vai ver ele tinha algum tipo de doença e não aguentava claridade. Vai ver ele só queria parecer misterioso.

Verity posicionou-se para receber o paletó do sr. Havelock. Os braços tinham acabado de sair das mangas e um colete de seda tinha se revelado quando ele começou a sacudir as mãos violentamente, para tentar pegar o paletó de volta. Em choque, a empregada derrubou a peça de roupa, e alguns pedacinhos de metal caíram dos bolsos e se espalharam no chão.

Um deles bateu no bico do sapato de Jack em seu esconderijo, e ele apanhou o objeto. Não era nada de mais, só um pequeno parafuso, coberto por uma fina camada de ferrugem. Mas parecia ter alguma importância para o sr. Havelock, que estava ocupado recolhendo os outros enquanto a sra. Foster repreendia Verity por seu descuido.

— Desculpe — disse Havelock firmemente. — Ferramentas de trabalho. Devo mantê-las comigo. O metal é essencial. Por suas propriedades de ligação à terra, a senhora sabe como é.



— Claro — disse a sra. Foster, que evidentemente *não* tinha entendido — Encontrou todos?

O sr. Havelock assentiu. Um sorriso brilhou em seu rosto, rápido e frio.

— O menino está com um deles.

Jack teve um sobressalto, perturbando as sombras. Por trás das lentes escurecidas, o sr. Havelock olhava diretamente para ele. Sentiu um arrepio na espinha.

— Jack? — chamou a sra. Foster, seguindo o olhar do sr. Havelock. Ele deu um passo para a luz, a salvo da língua afiada da mãe enquanto um dos convidados estivesse presente. — Por que você está nos espionando? Será que não ensinam boas maneiras naquela escola? Devolva ao sr. Havelock... seja lá o que for isso.

Talvez não estivesse tão a salvo assim.

— Ora, ora, não há nada de errado com a curiosidade! Venha, meu jovem. Jack, é esse o nome dele? — A mãe concordou. — Lorcan Havelock, a seu dispor.

Jack ainda não conseguia ver os olhos dele. Seu sorriso, embora largo, era uma faixa fina de lábios apertados entre a barba e o bigode. Seus dedos se contraíam, como se ele quisesse pegar o relógio de bolso que pendia de uma grossa corrente de ouro no colete, mas ele relaxou as mãos ao lado do corpo, sem ver as horas.

— Prazer em conhecê-lo, senhor — disse Jack. A saudação adequada para agradar sua mãe. Ele estendeu a mão que segurava o parafuso.

— Sim. — Um sussurro que mal se ouviu. Os óculos eram como olhos muito negros, encarando Jack. — Sim — disse Havelock, mais alto agora, pegando o parafuso com os dedos frios.

— Você é um mágico? — perguntou Jack.

A outra mão do homem se curvou, esmagando a aba do chapéu que segurava. Ele deu aquele sorriso de lábios finos novamente, que, em seguida, ampliou-se em um sorriso de verdade. — Mas é claro — disse Havelock, perscrutando à sua volta até que seus olhos brilharam sobre um vaso cheio de flores colhidas pela sra. Pond naquela manhã. Ele arrancou uma delas, uma enorme margarida amarela, e Jack viu quando, ao toque do sr. Havelock, ela murchou em segundos, as pétalas caindo secas e marrons no chão. Jack ficou boquiaberto, mas essa não foi a melhor parte. Com um estalar dos dedos do mágico, as pétalas se ergueram, juntaram-se e tornaram-se viçosas novamente, e Jack cambaleou para trás.

— Queira perdoá-lo — disse a sra. Foster. — Teve uma educação terrivelmente mundana. Foi uma escolha do pai, sabe? O sr. Havelock é nosso novo espiritualista — ela disse para Jack. — Altamente recomendado pela Sociedade. E precisamos começar. Vá correndo dizer à sra. Pond para não salgar demais a carne.

Ele não se mexeu.

— O garoto não vai se juntar a nós? — perguntou o sr. Havelock, colocando a linda flor de volta no vaso.

A sra. Foster riu.

— Ah, não. Venha comigo, por favor.

O sr. Havelock moveu-se lentamente, o olhar firme. Aquele olhar fazia Jack querer sair dali, mas ele continuou parado.

A mãe levou o sr. Havelock para a sala, fechando bem a porta em meio a exclamações e apresentações, as amigas como aves tagarelas, nobres em suas árvores de riqueza e ócio.

Não restava muito tempo. Em breve a sra. Pond iria procurá-lo, prometendo uma surra por não ter ido quando chamado, embora ela nunca cumprisse a promessa. O cadarço das botas ficou enrolado como uma cobra sobre o azulejo, e foi deixado para trás enquanto ele caminhava, em silêncio, de joelhos, e espremia o olho contra o buraco da fechadura.

Lá dentro estava escuro como a noite. Uma vela sobre a mesa era a única estrela piscando. Pesadas cortinas de veludo tinham sido fechadas e sete cadeiras de encosto reto formavam um círculo em volta da quase indistinta fonte de luz. Se Jack apertasse o olho, conseguia distinguir partes de sua mãe e do sr. Havelock, virados para a porta, mas o resto eram apenas borrões de elegância, como aquelas mulheres sempre tinham sido para ele.

— Nem *tudo* tem uma alma, com certeza — disse uma delas, em uma voz de melão grosso. — Ora, estes diamantes são lindos, mas não estão *vivos*.

— Ah, é?

Uma presilha de cabelo brilhante, no formato de um pássaro, saiu voando da cabeça dela e deu uma volta ao redor da sala. Jack afastou-se do buraco da fechadura em um impulso e, quando voltou, o pássaro tinha voltado para o cabelo da mulher, perfeitamente imóvel e comum.

Algumas das mulheres riram nervosas. O sr. Havelock se inclinou para a frente, um estranho brilho nos óculos, como se a fumaça da vela tivesse ido para dentro das lentes.

— Um truque — disse ele. — Na verdade, a senhora está certa, mas a maioria das coisas têm alma. De qualquer forma, não estamos aqui para invocar as almas de suas belas joias.

Mais risos nervosos.

— A concentração é essencial se quisermos que os espíritos cooperem! — disse ele. Jack virou a cabeça para colocar o ouvido contra o buraco da fechadura. O sr.

Havelock parecia... zangado. Irritado com as risadinhas tolas e tentando esconder isso.

Passos na cozinha. A sra. Pond estava vindo. Ele não ia conseguir ver nada interessante, o que simplesmente não era justo. O sr. Havelock tinha perguntado se Jack ia se juntar à invocação, mas a mãe dele não deixou.

— Vocês devem ser dedicadas a seus objetivos — disse Havelock com seriedade. — Dispostas a fazer o que for necessário para obter o que procuram. — Ele não estava zangado agora. Jack olhou pelo buraco da fechadura novamente. Agora o sr. Havelock parecia um homem sedento a quem tinham acabado de servir um copo de vinho. Uma nuvem de solenidade pairava sobre a mesa.

A porta da cozinha se abriu.

A cabeça do sr. Havelock se ergueu de repente, olhando além das mulheres, direto para o buraco da fechadura. Jack piscou, recuando sobre os ladrilhos de tabuleiro de xadrez, certo de que o que vira tinha alguma coisa a ver com a luz. Um bruxulear da vela causado por uma corrente de ar que a lente escura refletiu e fez os olhos do sr. Havelock brilharem como chamas. Uma ilusão criada pela luz, pensou, enquanto a sra. Pond o erguia pelo braço e o arrastava para longe.

O quarto de Jack era grande e azul e não tinha mudado nada desde que era bebê, exceto pelo fato de que uma cama agora ocupava o lugar do berço. Os outros quartos eram brancos, verdes ou tinham um papel de parede com estampas florais horríveis, seguindo os caprichos de sua mãe, mas no dele ela não havia mexido. Talvez simplesmente tivesse esquecido. Aquele já havia sido o quarto de seu avô, muito tempo antes, mas Jack não o conhecera e não sabia se fora diferente na época.

Estantes com livros de histórias de fantasia, dicionários e volumes grossos que as pessoas sentem que devem ler, mas nunca leem, preenchiam uma das paredes. Na verdade, Jack tinha lido a maioria deles, mas as histórias de fantasia eram suas favoritas, com a fênix, dragões, unicórnios e príncipes com espadas que salvavam a terra.

Havia janelas na outra parede, e fileiras de brinquedos preenchiam o resto do espaço não ocupado pela cama. Os favoritos de Jack eram os soldadinhos que haviam pertencido a seu pai, misturados com alguns mais novos para que ele pudesse montar exércitos por idade e patente. Jovens cabos que tomavam parte em todos os combates, sob a orientação de coronéis que seriam gordos não fossem feitos de madeira. Jack se perguntou se tinham alma, como havia dito o sr. Havelock.

O quarto tinha assumido um ar empoeirado e de abandono desde que Jack fora para a escola, apenas levemente agitado por seu retorno durante os diversos feriados. Uma maleta escolar vazia estava ao lado do guarda-roupa, pronta para ser usada

novamente. O diretor Adams e o resto dos professores de Jack podiam ser rigorosos em sua missão de criar jovens decentes, educados e íntegros, prontos para os rigores da sociedade e do mundo comercial e financeiro de Londres, mas ele dormia melhor lá, no quarto que compartilhava com outros cinco meninos, do que naquele quarto grande e solitário que era todo seu.

— Desça, Jack, e sem demora, ouviu? — chamou a sra. Pond do patamar entre os dois lances de escada. Mais bolo, ele tinha certeza. Quando o menino saiu daquele quarto sem graça e chegou à escada escura e sem graça, ela já estava voltando para a cozinha, o corpo redondo e a cabeça branca como neve dela atravessando a casa sem graça.

— Lave as mãos — a sra. Pond ordenou, limpando as próprias mãos gordas em um avental enfarinhado. Ele já as estava ensaboando, certificando-se de limpar as unhas, porque ela estava olhando.

Um baque alto ecoou pela casa. A sra. Pond fez um estalo com a língua, mas não disse nada.

— Você acha que foi um fantasma? — perguntou Jack.

— Eu acho que você precisa comer seu bolo e tomar seu leite.

Jack deu uma mordida. A cozinha brilhava com uma estreita coluna de sol que teve a sorte de entrar, determinada o suficiente para romper a névoa cinzenta que sempre pairava sobre a cidade, principalmente no verão.

O sr. Havelock estava no salão de novo, como tinha estado muitos dias antes. Jack o via rapidamente, mas sempre sentia aquele formigamento nas costas, como se estivesse sendo visto por olhos de fogo. Todas as vezes, o homem perguntava à mãe de Jack se o garoto ia participar. Todas as vezes, ela dizia que não.

Outro baque. A corrente que pendia da cintura da sra. Pond tilintou quando ela estremeceu, as chaves, a tesoura e o dedal balançando.

Talvez ela estivesse com medo, mas Jack não se assustava. Era interessante a conversa sobre fantasmas, espíritos e outros mundos.

Ele gostava da ideia. Havia sempre a possibilidade de os outros mundos serem mais interessantes do que aquele.

Por prudência, Jack não dizia isso à sra. Pond.

— Sua mãe quer saber por que o gramofone não está funcionando.

Jack deu de ombros.

— Um fantasma deve ter entrado nele.

A sra. Pond sorriu de uma forma que seu rosto pareceu uma maçã podre.

— Não me venha com essa, e trate de consertá-lo.

— Está bem — disse Jack mal-humorado. Todos ficariam gratos quando a agulha

parasse de oscilar. — Quando o papai vai voltar para casa? — Ele teve o cuidado de não dizer que estava entediado, já que a sra. Pond tinha maneiras muito maçantes de entretê-lo, como mandá-lo lustrar a prataria.

— Só na hora da festa — ela disse —, e você não vai perturbá-los. A baronesa Watson está chegando, e vou lhe dizer uma coisa: que trabalho eu tive para fazer tudo ficar brilhando para a realeza! — Ela se voltou para uma tábua de cortar cheia de legumes, com uma faca grande na mão.

Realeza... Grande coisa. Jack não entendia o que os tornava tão especiais. Ficar sentado o dia todo com uma coroa na cabeça não devia ser especialmente difícil. Só se a coroa fosse pesada demais e eles fossem para a cama com dor de cabeça toda noite.

Trás da porta do salão, alguém gritou, e outro alguém riu. A faca golpeava — *tec, tec* — fatias de batata que caíam para os dois lados. Jack brincou com as migalhas no prato.

Um forte zumbido encheu a sala.

— Ah, céus! — a sra. Pond resmungou, como de costume. Às vezes, murmurava “geringonça infernal” quando achava que ninguém podia ouvir. Com a faca na mão, ela atravessou a cozinha até um painel de botões redondos na parede, pressionando o que correspondia ao salão. A luz sob o botão se apagou.

— Verity!

— Estou indo, senhora. — A empregada irrompeu pela porta da adega, limpando fuligem de seu avental, e saiu correndo para o salão.

Palavras de despedida chegavam abafadas até ele, enquanto cada uma das senhoras, depois de diversão suficiente para uma tarde, partia para sua própria casa, seu próprio marido e seus próprios filhos. Jack ouviu a mãe prometer um chá qualquer dia daqueles, ou uma excursão até o novo chapeleiro sobre quem todo mundo estava dizendo maravilhas. Ele esperou que Verity retornasse rapidamente para suas atividades na adega e foi até o salão, pois não tinha visto a mãe desde o café da manhã.

Mas ela não estava sozinha.

Vozes atravessavam a porta fechada e escapavam pela fechadura. Jack aproximou o olho dela, como tinha feito tantas vezes, e encontrou a mãe retorcendo as mãos, seus anéis grandes brilhando à luz das cortinas abertas.

— Ele sempre foi uma criança estranha — disse a mãe. Jack fez uma careta. Ele *não era* estranho. Só porque ela gostava de passar o tempo rindo com outras mulheres tolas em vez de ler ou jogar xadrez e pensava que mexer com relógios e gramofones era uma atividade apenas para empregados... E como ela saberia que ele era estranho, mesmo se fosse? Ela o mandara embora para o internato. Quase não o via.

— Claro, claro — disse o sr. Havelock suavemente. — Percebi assim que o vi. A

senhora entende que, naturalmente, isso faz dele um bom candidato.

— Seria um aprendizado?

Jack pensou que seus ouvidos fossem cair, tal era a força que ele fazia para ouvir.

— Ele seria bem cuidado — disse o sr. Havelock, tão suavemente que a mãe de Jack não pareceu se dar conta de que aquilo não era bem uma resposta. Ela andou pela sala, entrando e saindo do campo de visão da fechadura. Um farfalhar de veludo roxo e rendas, para a frente e para trás.

— É evidente que o movimento só ganha força — disse ela. — Ora, a Sociedade conta com muitas pessoas influentes, importantes, entre seus membros, inclusive eu, se me permite dizer.

— Sem dúvida, senhora. Ele iria testemunhar mistérios ocultos, segredos permitidos a apenas alguns afortunados deste mundo.

A sra. Foster retorceu as mãos novamente, o que fez Jack prender a respiração. Será que ela queria mandá-lo embora de novo, para algum lugar novo, para aprender com o sr. Havelock, que disse que apenas fazia truques, mas Jack não tinha tanta certeza assim?

— Infelizmente, meu marido, apesar de indulgente, não tem os olhos no futuro como nós. — Ela se virou e Jack pôde ver seu rosto, bonito, distante. — Muito mais preocupado com o material, com o tangível. Não — disse a mãe, balançando a cabeça. — Eu não posso. O pai dele ficaria furioso. Gerações de Foster frequentaram aquela escola, e todos foram bem-sucedidos. — Suas costas se endireitaram.

— Eu lhe garanto que... — começou a dizer o sr. Havelock.

— Não — ela disse. — Por mais estranho que ele possa ser, vai ficar onde está.

O sr. Havelock não gostou daquilo. Jack apertou os olhos. Aqueles óculos escuros escondiam os olhos, mas não o aperto da mandíbula do sr. Havelock, o afinamento dos lábios abaixo do bigode. — A senhora está cometendo um grave erro, madame — disse ele, e sua voz não estava calma agora. Parecia que se segurava para não morder.

— Imagino que sim — respondeu ela, fria e frágil. — Não seria o primeiro.

O sr. Havelock assentiu com a cabeça. Seu chapéu estava na mesa ao lado da única vela, apagada e fumegante, e ele o pegou. Jack se afastou da porta, em direção às escadas. O menino correu por todo o caminho até o andar de cima, sem parar ou se importar com quem ouvisse o baque de seus passos apressados. A mãe não o queria ali, mas isso não era tão incomum — o quarto de Jack na escola estava cheio de meninos cujos pais também pensavam assim —, só que ela também não lhe permitia aprender algo realmente interessante, mais do que matemática, Dickens e história, como se tivesse alguma importância o que este ou aquele rei disse certa vez no topo de uma colina. A única vez em que ele realmente *quis* ser mandado embora, a mãe não

deixou. Como se ela soubesse e quisesse magoá-lo.

Jack enfiou o rosto no travesseiro e a odiou.

MEIO-DIA EM PONTO

O CÉU ESTAVA QUASE ESCURO e Jack permanecia deitado em sua cama, esperando a sra. Pond trazer o jantar em uma bandeja. Os soldadinhos de brinquedo juntavam mais um pouco de poeira na prateleira. Os livros estavam fechados e espremidos, contando suas histórias só para si mesmos.

O assoalho rangeu, mas não foi a sra. Pond que abriu a porta com as costas, as mãos trazendo a bandeja com leite, ovos cozidos e torradas. Jack sentou-se na cama. Foi a sra. Foster, linda em um vestido de seda azul, que entrou. Certamente ela vinha dizer que tinha mudado de ideia! Jack quase explodiu de alegria, até que se lembrou de que a mãe não sabia que ele tinha ouvido a conversa.

— Oi, querido — ela disse, ficando perto da porta, a cabeça inclinada para ouvir os primeiros convidados chegando. — Suas roupas estão ficando muito pequenas. Não sei como não percebi antes. A sra. Pond vai levá-lo à loja amanhã.

— Por que você não me leva? — ele perguntou. — Ou o papai?

A mãe sorriu com os lábios muito vermelhos e passou as mãos nos cabelos.

— Seu pai precisa trabalhar, é claro.

— Ele não precisa — disse Jack. — Já somos bem ricos. — A família Foster estava no negócio de metais valiosos havia muito tempo, metais com os quais se construíam navios e se faziam anéis para as damas.

— Não seja grosseiro — retrucou a sra. Foster. — A companhia é uma tradição de família da qual temos orgulho, e um dia será sua. Você deveria ser grato por seu pai trabalhar tanto. — A voz dela suavizou-se. — E eu mesmo o levaria, querido, você sabe disso, mas prometi à sra. Hamilton que a visitaria antes que eles fossem embora. Pobre Eleanor. Passou por momentos tão difíceis recentemente, depois do que aconteceu com o pai... De qualquer forma — ela disse, passando a mão no cabelo de novo —, você vai com a sra. Pond, e lembre-se de obedecê-la. Nada de correr por aí.

— Sim, mãe — disse ele, deitando e virando a cabeça para a janela. Ela não iria puni-lo, não agora. Não tinha tempo para isso.

— Não sei de onde vem esse seu mau humor, não sei mesmo!

Ela estava sempre preocupada com o humor de Jack. E com o fato de ele ser *estranho*. A irmã dela tinha sido colocada em um hospício por causa de seu mau humor e morrera lá. Eles nunca falavam sobre ela, mas a sra. Pond havia lhe contado a história certa vez, quando Jack encontrou a fotografia de uma mulher que não reconheceu.

— Boa noite, Jack.

— Boa noite, mãe.

Na manhã seguinte, ele não a viu, nem viu o pai. O dia estava feio, uma escuridão se adensava com nuvens baixas sobre a casa, mas a chuva não poderia diminuir sua animação com o passeio. Mesmo que fosse para algo tão tedioso quanto fazer compras. A sra. Pond deu instruções suficientes para manter Verity ocupada por uma semana inteira, enquanto Jack tomava seu café da manhã apressadamente. Ele ficou de pé no chão quadriculado, como um pequeno peão solitário, esperando durante cinco minutos até a sra. Pond se juntar a ele, com uma bolsa grande em um dos braços e sem o avental sobre o vestido marrom.

Dois cavalos pretos, reluzentes, batendo os cascos no chão sem parar, estavam à frente de uma carruagem na rua. Havia cortinas nas janelas recortadas nas portas, um degrau de ferro logo abaixo e lanternas penduradas de ambos os lados de um banco alto, totalmente exposto ao clima. Os cavalos piscaram para a casa, a rua, o grande parque verdejante em frente. Um mar de árvores e grama que cercam o famoso lago Serpentine, aonde a sra. Pond tinha levado Jack para dar comida aos patos algumas vezes, as águas cinzentas como aço sob o céu tempestuoso. Fora de vista, no canto norte, ficava o imponente Arco de Mármore, em pedra branca sufocada pela fuligem e pela sujeira.

— Para a rua Oxford, por favor, Wilson — disse a sra. Pond ao homem no banco do condutor, as rédeas de couro soltas em seu punho também coberto por couro. — Pertinho da Tottenham Court, e tente evitar aquela bagunça da praça Grosvenor.

— Certo, Effie — disse Wilson, saltando para o chão. — Olá, jovem Jack. — Wilson era um homem grande, mais parecido com um boxeador do que com o criado de confiança de um comerciante, disfarçado em um terno muito justo que parecia que ia estourar sobre seus músculos, e uma cartola cobrindo-lhe o rosto cheio de marcas. — Passando as férias em casa, hein? Feliz por estar de volta?

— É... — começou Jack. Um trovão ressoou vindo do oeste, e a sra. Pond empurrou-o para a porta da carruagem.

— É melhor irmos andando. Não gostei nada desse trovão. Pode subir, Jack. — Wilson fechou a porta no momento em que eles se acomodaram nos assentos e subiu facilmente de volta a seu banco. Os cavalos, ansiosos e bufando, saíram andando com um solavanco mal o couro tocara seu dorso, passando por ruas estreitas, ladeadas por casas altas que pareciam cobertas de açúcar.

Carruagens sacudiam sobre paralelepípedos, puxadas por cavalos de todas as cores. Aqui e ali, Jack via passar rapidamente um automóvel e pressionava o rosto contra a janela da carruagem até o veículo sumir de vista. O sr. Foster às vezes insinuava o desejo de comprar um, mas a sra. Foster resmungava coisas sobre *essas máquinas bestiais* não serem seguras, até que ele abandonava o assunto.

A sra. Pond estava sentada no assento oposto, a grande bolsa ao seu lado, sobre o veludo vermelho. Agulhas de tricô retiniam e batiam uma na outra, produzindo fileira após fileira de pontos bem-feitos. A paisagem cotidiana da cidade não parecia interessá-la da mesma forma que interessava Jack.

— Quanto tempo falta? — perguntou Jack, que queria estar entre as pessoas, não preso dentro daquela carruagem abafada. Fumaça subia em espirais acima de telhados pontiagudos enquanto eles passavam por ruas tortuosas, esgueirando-se como a água da chuva tentando encontrar uma fenda, fluindo até chegar ao fim e então sendo lançada novamente em direção a outra fenda.

— Pouco — ela respondeu sem olhar para cima.

Mas, na verdade, passou-se quase meia hora até que Wilson conseguisse levar a carruagem até seu destino, atravessando uma Londres que Jack mal conhecia, embora seu pai falasse dela como a maior cidade do mundo, a sede do império mais magnífico da história.

Os vendedores de rua usando calças sujas anunciavam sorvetes e bebidas refrescantes; empregadas uniformizadas corriam para realizar suas tarefas. Passaram por um teatro de variedades, onde, em um raro passeio — um presente de aniversário, dois anos antes —, Jack, de um camarote, tinha visto acrobatas de calças listradas voarem pelo ar e uma médium com um pano sobre os olhos adivinhar o conteúdo dos bolsos das pessoas. Um mágico tinha feito um vaso levitar e o atirado ao chão, quebrando-o.

Enquanto o público vaiava ou ria, os fragmentos se transformaram em borboletas que voaram até as vigas.

Jack tinha pedido e implorado para que voltassem na noite seguinte, mas seus pais se recusaram, dizendo que ele ficaria mimado demais. Agora o lugar estava escuro, vazio, os artistas ainda dormindo em suas camas.

E sua mãe não ia deixá-lo ir com o sr. Havelock para aprender truques ainda melhores do que aqueles.

Porque ele era estranho, mas não estranho o suficiente.

— Você chupou um limão? Anime-se. Quem sabe encontramos uma maneira de nos divertir por uma ou duas horas, se não demorarmos muito para comprar suas roupas...

E, de fato, não demorou nada — ou pelo menos assim pareceu — para que uma pilha de camisas que eram muito largas, calças cinco centímetros maiores e pulôveres que pinicavam o pescoço se amontoassem sobre o balcão da loja. Um homem velho e careca, com olhos esbugalhados, prometeu mandar seu empregado fazer a entrega no dia seguinte, assim que a costureira tivesse terminado de arrumar todas as peças. Jack ficou de olho em uma pequena bússola de madeira, com borda de metal, até que a sra. Pond a acrescentou à compra.

— Ela é linda — disse a mulher. — Mas não a peça.

— Pode deixar. — Jack nunca tinha perdido nada em sua vida, a não ser de propósito. Às vezes era simplesmente mais fácil perder um brinquedo ou um chapéu do que dizer para a mãe que não gostava do presente dela.

Lá fora, Wilson afugentava um moleque que estava de olho nos cavalos, especialmente na prata que havia nas rédeas. Imundo, muito magro, entrou correndo atrás de uma barraca de frutas para ser engolido pela cidade.

— Patife — resmungou Wilson, voltando para o lugar onde Jack esperava com a sra. Pond. — Para casa, Effie?

Ela olhou para o céu. Ainda parecia cheio de fantasmas, descendo lá de cima para assombrar as ruas e torres, mas não estava pior do que uma hora antes. — Para Victoria Embankment — ela decidiu. — Almoçamos mais cedo, e Jack pode...

— Ver os barcos no rio! — ele completou, com um sorriso largo.

— Não interrompa — disse a sra. Pond, dando-lhe um peteleco na orelha. — Vamos!

Os jardins, que ainda não estavam marrons e retorcidos como quando o calor de agosto chegasse, acomodavam uma curva do rio largo e fedorento. Babás empurravam carrinhos pelas trilhas recortadas na grama, os bebês adormecidos, apesar do constante barulho de sinos, buzinas, apitos e gritos que ressoavam entre os navios que deslizavam

sobre a água. A fuligem enchia o ar e dava penas pretas aos pássaros brancos. Abaixo da passarela, catadores de lixo procuravam entre as águas rasas qualquer coisa que pudessem vender com as calças arregaçadas até os joelhos.

Deixaram Wilson esperando com a carruagem, porque a sra. Pond tinha sido criada, muitos anos antes, entre os valentões de East End, e portanto era capaz de fazer coisas estranhas e terríveis com um alfinete de chapéu em caso de necessidade. Não que fosse acontecer alguma coisa em plena luz do dia no meio daquela agradável paisagem verde.

Mas eram os barcos, e não as flores, que atraíam os olhos e os pés de Jack, e ele correu o mais longe possível na direção deles antes de ouvir uma advertência. Tudo nos barcos sinalizava aventura. Os mastros imponentes e suas velas ondulando ao receber os ventos que sopravam em todo o mundo. As proas curvas que cortavam a água como se fosse ar e corriam por todos os mares. Jack sabia tudo sobre eles — tinha lido um livro muito grosso a respeito. Um dia, iria se sentar à mesa do pai, enquanto outros homens capitaneavam os navios utilizados pela empresa, ou aqueles cujos motores e vigias haviam sido forjados em suas fábricas.

Havia torta e limonada para o almoço, comprados de um homem com um carrinho perto dos portões, e tudo tinha o gosto da comida da escola. Ou seja, não tinham muito gosto, e Jack teve de mastigar com força alguns pedaços de cartilagem. Ele quis outra torta, mas a sra. Pond ainda estava comendo cuidadosamente sua primeira fatia, tomando limonada entre uma mordida e outra.

— Fique perto — ela disse, limpando o molho da boca com um lenço. Jack deixou-a no banco sobre a grama, chamado novamente pelos barcos. Ele se misturou a um grupo de pessoas bem vestidas com sotaque estranho que se aglomerava ao longo da grade, apontando, tagarelando, as palavras esticando-se e vibrando como cordas de violino.

— Olha só aquele — disse um deles, e levantou binóculos de bronze. Jack se perguntou de onde aquelas pessoas tinham vindo, com pena delas. Londres era magnífica.

Começaram a tagarelar sobre subir o Monumento, aquela coluna imponente com uma urna dourada no topo, dedicada ao terrível incêndio que certa vez quase devorou toda a cidade, e Jack parou de ouvir. A sra. Pond o levava até lá uma vez, ofegando e bufando pela escada em espiral, enquanto ele corria na frente. Jack tinha ficado tonto, e de qualquer forma as pessoas engraçadas estavam indo embora, e um barco a vapor, arrotando punhados de fumaça cinzenta, tinha acabado de tocar sua buzina, pronto para zarpar para terras desconhecidas.

Ele olhou para trás. A sra. Pond havia encontrado uma amiga, e era estranho

pensar que ela tinha amigos fora da cozinha brilhante onde dava ordens para a empregada. As duas estavam conversando, rindo, uma criança pequena agarrada às saias da outra senhora.

A bússola pesou em seu bolso. Jack tirou-a de lá, tocando a madeira fina com o polegar, liberando o fecho para que a tampa com mola se abrisse. Ele se virou para um lado e para o outro, e a agulha sempre parava apontando para o Norte.

Mas algo chamou sua atenção.

O sr. Lorcan Havelock, espiritualista — ou mágico, como Jack preferia pensar —, apressava-se ao longo de um dos caminhos que cortavam o parque. Jack reconheceu o terno, o chapéu e, principalmente, os óculos escuros.

A sra. Pond conversava. Jack hesitou um segundo.

Ele queria saber. Saber o que o sr. Havelock queria lhe mostrar e ensinar. O barulho do rio martelava em seus ouvidos. Chamá-lo em voz alta seria inútil: o sr. Havelock poderia ouvi-lo, mas a sra. Pond também.

Se Jack conseguisse pará-lo mais à frente...

Ele o seguiu.

Vinte passos atrás do homem, Jack esquivou-se dos canteiros e carrinhos de bebê, das pessoas que faziam piquenique e das fontes que lançavam ao ar uma delicada chuva.

O sr. Havelock acelerou o passo. O Parlamento apareceu à frente, os telhados pontudos como as copas das árvores de uma floresta de pedra.

— Meu deus!

— Desculpe, senhorita! — disse Jack, mas ele não parou.

À frente, o sr. Havelock atravessou os portões do jardim em meio ao barulho de carruagens e bondes perto da ponte. Como uma sentinela postada no canto dos grandes edifícios do governo, estava a enorme torre do relógio que todos chamavam de Big Ben.

O que era completamente, irritantemente, errado. Big Ben era o nome do enorme sino lá dentro, e não do relógio. O relógio era apenas um relógio.

Do outro lado de um cabriolé puxado por quatro cavalos grandes, o chapéu do sr. Havelock — e, presume-se, o resto dele — começou a correr.

Os pés de Jack deslizaram na lama. Alguém gritou para ele. Em algum momento entre ter localizado o sr. Havelock e chegar aos portões do jardim, Jack tinha parado de seguir o homem apenas porque queria falar com ele.

Não. A questão mais interessante, naquele momento, era aonde ele estava indo com tanta pressa. Uma reunião?

Poderia ser com qualquer pessoa. Outro mágico, talvez.

Mas o sr. Havelock parou, de uma maneira tão abrupta que assustou um cavalo que

estava por perto, do lado de fora do portão de ferro forjado do Palácio de Westminster, onde senhores de sobrecasaca tomavam importantes decisões sobre o funcionamento do país.

O relógio começou a bater. Tão perto que o som era surpreendentemente alto.

Um pequeno portão recortado entre as grades, o rangido que fez, se é que fez, perdido na cacofonia do sino. Jack sentia o som em seus dentes.

Dois.

Três.

A base da torre era de pedra lisa, fria como o sorriso de um inimigo. O sr. Havelock pressionou uma das mãos com luva de veludo sobre ela.

A pedra rachou. Rachou ordenadamente, as linhas encontrando-se perfeitamente umas com as outras.

Uma porta.

Mágico, Jack pensou, enquanto o sr. Havelock a abria e passava por ela. A porta começou a se fechar atrás dele.

Sete. Oito. E Jack sabia com toda a certeza que a porta ia mesmo se fechar, as linhas iam desaparecer, e ela ia sumir completamente até a décima segunda badalada do sino, porque era mágica.

Ele chegou perto de onde estariam as dobradiças — se é que havia dobradiças. As rachaduras estavam fechando.

Talvez não funcionasse com ele. Jack não era mágico e nunca seria, porque sua mãe era horrível e não o deixava fazer nada.

Dez.

Jack tocou a pedra. As rachaduras fizeram um som estranho, hesitaram, voltaram a se abrir. Ele *era* especial, pensou enquanto a porta se abria.

Lá dentro, havia o breu da noite preso, e alto, tão alto. Jack colocou as mãos sobre os ouvidos com força. Acima, o imenso sino de nome bobo soava meio-dia, ecoando por uma eternidade através da torre e dos telhados, e então tudo ficou quieto.

LONDINIUM, OU O IMPÉRIO DAS NUVENS

ESTAVA REALMENTE MUITO ESCURO NA TORRE DO RELÓGIO, mas Jack não tinha medo do escuro, e quem dissesse o contrário era um mentiroso. Bertie Ducksworth, da escola, era um mentiroso.

— Sr. Havelock? — Agora era a própria voz de Jack que soava, mas não houve resposta.

Às cegas, ele bateu o caminho pela parede. Não devia ser fácil para o sr. Havelock enxergar ali, com aqueles óculos escuros. Ele devia tê-los tirado, guardando-os cuidadosamente em um dos bolsos para não riscar as lentes.

Era uma maluquice não ter lâmpadas. Com certeza várias pessoas entravam lá, relojoeiros para acertar a hora e faxineiros para tirar o pó, mesmo que os senhores em seus casacos extravagantes estivessem muito ocupados para isso.

— Olá? — Ele tentou de novo, mas não havia nenhum som, nenhum passo, nenhum espirro inconveniente de alguém tentando ficar quieto.

Pensou nas muitas vezes em que teve de apertar o nariz para não espirrar e fazer barulho enquanto olhava através do buraco da fechadura do salão...

Seu rosto bateu em algo muito duro, e ele disse uma palavra que teria sido motivo para uma boa surra da sra. Pond, se ela estivesse lá para ouvir. Esfregando a testa com

uma das mãos, Jack estendeu a outra à frente do corpo e começou a tatear.

A maçaneta estava fria e parecia solidamente real em sua mão. Ele a girou. Luz começou a infiltrar-se no ambiente escuro, graças a janelas finas no alto das paredes de uma escada que ia até o céu, com pequenos patamares em cada andar.

A sra. Pond ainda devia estar fofocando com a amiga, Wilson deveria estar afastando moleques maltrapilhos dos cavalos. A escada não poderia ser muito alta, e se o sr. Havelock estivesse lá em cima — e deveria estar, pois não havia outro lugar para ir —, ele ficaria muito impressionado com a persistência de Jack. E com a *magia* de Jack, pois ele tinha aberto a porta.

— Quanto talento — diria o sr. Havelock, encantado. — Preciso treinar um menino tão especial, e desta vez não vou aceitar um não como resposta!

A primeira centena de passos — Jack os contou mentalmente — foi bem fácil. Então seu peito começou a queimar, e ele desejou ter se esforçado mais nas atividades físicas da escola, como o professor gordo sempre gritava para ele fazer.

Continuou a subir, parando de vez em quando para respirar, para ouvir, para testar as portas que ficavam resolutamente trancadas. Ele teve impressão de ouvir o tique-taque do relógio, mas talvez fosse só seu próprio batimento cardíaco.

Quando Jack certamente já devia ter subido até as estrelas, uma porta se abriu, e sua respiração ofegante se interrompeu por completo.

Ah, era uma coisa maravilhosa, melhor do que qualquer gramofone ou piano fedorento. Cada engrenagem polida girava perfeitamente, rodas e pinhões oleados, um contra o outro, e o conjunto todo maior do que o próprio Jack, dez vezes.

Deve ser muito divertido ser um relojoeiro, pensou. Ele também tinha lido um livro muito grosso sobre isso.

Tique, taque, faziam os ponteiros do relógio que podia ser visto de quase toda a cidade.

Fora isso, a sala estava completamente imóvel, como se um relógio tão grande tivesse roubado até mesmo o tempo que levava para uma partícula de pó flutuar em um raio de sol, precisando de cada minuto, de cada segundo que pudesse encontrar.

Mas não havia raios de sol. Atrás das janelas altas, havia apenas cinza. A batida de uma gota de chuva. Outra. Outra.

Ah, *droga*.

Jack quase voou escada abaixo, descendo o mais rápido que pôde sem cair, porque isso não seria bom para ninguém.

A sra. Pond ficaria *furiiosa*. Ia levar a maior surra, com certeza, e a qualquer minuto o grande sino ia começar a marcar o quarto de hora, o que queria dizer que ele tinha desaparecido há tempo de mais.

A sra. Pond devia estar procurando por ele para que sáísse da chuva, voltasse à carruagem e fosse para casa. Ele nem poderia dizer que tinha seguido o sr. Havelock, que já tinha desaparecido, ou que ele fizera uma porta aparecer exatamente onde precisava de uma. A sra. Pond diria que Jack estava inventando histórias.

E meninos que queriam jantar não inventavam histórias.

Atorreado, Jack chegou à sala escura, e os pensamentos mais terríveis encheram sua cabeça já confusa. E se ele não conseguisse encontrar a porta? E se ela não aparecesse de jeito algum?

Bom, a sra. Pond teria certa dificuldade de puni-lo se ele ficasse trancado ali para sempre, então talvez não fosse tão ruim assim.

Além disso, deveria haver outra saída, para os lordes, relojoeiros e faxineiros, pessoas comuns que não conseguem fazer com que uma porta se abra em uma parede.

E depois desaparecer.

Jack não precisava ter se preocupado. Depois de procurar bastante, descobriu não só a parede onde a porta tinha estado, mas uma maçaneta. Aparentemente, daquele lado ela fingia ser uma porta de verdade, mas não havia muito tempo para pensar naquilo no momento. Ele a abriu e deu de cara com uma parede de chuva.

Jack estava encharcado quando chegou à rua de pedras escorregadias, e estava mais molhado ainda quando chegou aos portões do jardim. — Sra. Pond! — ele gritou, ao mesmo tempo em que se ouviu um enorme trovão. — Effie! — O que foi extremamente rude.

Não houve resposta. Não havia ninguém, pois a chuva tinha limpado o parque e as ruas ao redor. Não havia carruagens nem carros entupindo o acesso à ponte. Mesmo os navios eram apenas contornos fantasmagóricos, os deques desertos e escorregadios.

Seus dentes batiam. A água enchia seus sapatos, arruinados. Ele podia ouvir a voz da sra. Pond em sua cabeça. “Venha para dentro”, ela dizia. “Vai ser a sua morte.” Ela vivia falando coisas que Jack não entendia. Como uma chuva podia ser a morte dele?

De repente, Jack sentiu-se extremamente sozinho. Era difícil pensar com o cérebro congelado pelo frio.

— Wilson! — Wilson devia ter ficado. A sra. Pond devia ter saído da chuva, mas Wilson, o chapéu puxado sobre as orelhas, ficaria com os cavalos. Jack não conseguia vê-los apenas porque estavam em alguma esquina, abrigados sob um beiral.

Claro. Fazia sentido. Os professores da escola adoravam ensinar lógica. Era só pensar um pouco.

A chuva diminuiu enquanto Jack percorria o caminho em direção ao local onde ele e a sra. Pond haviam deixado Wilson muito tempo antes. Quanto tempo? Jack não tinha certeza. O relógio certamente tinha tocado, os sons engolidos pela tempestade,

mas ele não sabia quando.

Uma última e teimosa gota de chuva caiu com um *splash* bem em cima de sua cabeça quando Jack atravessou os portões e voltou para a rua.

Ele olhou em volta, apertou os olhos, passou as mãos sobre o rosto para tirar a água. Mas a rua estava vazia.

Depois da chuva, a cidade brilhava sombriamente, uma floresta de chaminés e telhados. Lama acumulava-se nas sarjetas. Lá em cima, um pássaro soltou um pio metálico.

A gravidade do que havia feito começou a pesar sobre Jack, como um casaco feito de medo e forrado de preocupação.

Ele precisava encontrar um policial ou uma senhora bem vestida para ajudá-lo a encontrar a sra. Pond, ou para levá-lo até o escritório de seu pai. Uma surra não parecia algo tão assustador quanto antes.

Havia um homem na esquina seguinte, a mão enluvada segurando uma bengala. Sua cartola estava puída, mas era claro que já havia sido elegante no passado, assim como o casaco empoeirado e as botas de couro, cujos saltos estavam completamente gastos agora.

— Com licença, senhor — disse Jack.

O homem se assustou.

— Ora! — disse ele, encarando o menino.

Jack se assustou também, pois o rosto do homem era uma visão terrível. Seria normal, não fosse a pequena tela de bronze sobre suas narinas excessivamente grandes. Jack nunca tinha visto uma coisa daquelas. Grampos minúsculos prendiam-na à pele, que era de uma palidez doentia, e os olhos pareciam gemas de ovo escorrendo.

— O que está olhando? — o homem perguntou, ajustando a mão sobre a bengala. Jack não sabia dizer do que era feito o apoio da bengala; parecia alguma coisa com engrenagens, dobradiças e pedaços de bronze, meio escondida pela luva de veludo folgada, como se dentro dela a mão fosse apenas osso.

— N-nada, senhor — disse Jack. — Eu ia...

— Tenho um problema respiratório — disse o homem, ríspido. — Não arregale os olhos como se nunca tivesse visto algo assim.

— Desculpe. É uma bela bengala, senhor. Posso vê-la?

O homem não a soltou, mas mudou a maneira de segurá-la para que Jack pudesse dar uma boa olhada. O apoio era uma espécie de pássaro, as asas formadas por engrenagens e abertas de modo que a mão pudesse descansar entre elas. O bico estava

aberto, como se estivesse cantando. Jack nunca tinha visto nada parecido.

— É linda — disse ele.

— Hummm. — O homem avaliou as roupas encharcadas de Jack, que podia ouvir o ar passando através da tela. — Que façanha admirável, ficar na rua debaixo da chuva. Não há muito o que se possa aproveitar na cabeça dos jovens.

— O senhor poderia me indicar a direção para Mayfair? — perguntou Jack. — Por favor. Se não for muito incômodo.

A cartola balançou, cambaleou e escorregou. O olhar lacrimejante deslizou para cima e para baixo da rua.

— Mayfaer? — O homem pronunciou de forma estranha, mas devia ser um sotaque. — Você está muito longe de casa, rapaz. A menos que lá não seja onde você realmente mora. — Ele analisou a aparência um tanto desgrenhada de Jack. — Acha que pode conseguir uma boa coleta por lá, não é? — O ar chiava dentro e fora da tela, o peito do homem subindo, descendo, subindo.

— Não! Eu moro lá, *senhor*. Quer dizer, meus pais moram.

— Hummm. — Ele apontou com a bengala. — Vá por ali. É uma longa caminhada. É melhor você atravessar pelo parque, é o caminho mais rápido a pé. Vire na gaiola. Vai encontrar muitas carruagens por lá, mas imagino que um moleque como você não tem uma única moeda no bolso, não é?

Os bolsos de Jack estavam vazios, a não ser pela bússola. A manhã na loja de roupas com a sra. Pond parecia ter acontecido muito tempo antes, muito longe dali.

— O senhor sabe que horas são? — perguntou Jack. O homem inclinou o rosto estranho para cima, os olhos apertados, como se estivessem sendo devorados pelo resto do rosto, na direção da torre do relógio do outro lado da rua.

— Não tenho a menor ideia. Essa coisa maluca não funciona há semanas.

— Funciona, sim. — Jack olhou para o homem. Talvez ele estivesse atrapalhado. — Desculpe, senhor. Muito obrigado.

— Disponha. Você é muito... rosa — disse o homem.

Não havia o que dizer em resposta àquilo, e o homem certamente estava confuso. Jack o deixou ali, ainda apoiado na bengala, bufando através do metal.

Que coisa estranha aquilo. Devia ser obra de um dos consultórios médicos da rua Harley, sem dúvida, embora Jack se perguntasse que tipo de problema os levaria a fazer *aquilo*.

Jack correu, de cabeça baixa, olhando para os pés, e por isso não viu. Mais nuvens ameaçadoras apareceram no horizonte, embora não estivesse mais chovendo. Portas se abriram. Com o canto do olho, ele viu um automóvel parar na calçada, mas não havia tempo para admirá-lo. Ele correu, deixando o jardim, a torre e o Palácio de

Westminster para trás, olhares curiosos recaindo sobre ele, discretos como uma brisa.

Então ele não viu.

A rua era larga, espaçosa, ladeada por árvores finas cujos ramos cuspiam chuva indesejada. Prédios baixos e compridos alinhados de um lado, um imenso parque acarpetado com grama molhada e macia do outro. Nada ali era especialmente familiar para Jack, mas ele teve impressão de que se lembrava do parque, uma mancha em um mapa que seu pai guardava.

O menino entrou em uma vereda que precisava muito de reparos, as pedras do chão lascadas, as bordas despedaçando-se.

À frente, um pouco antes de o caminho fazer uma curva e desaparecer de vista, um mirante elevava-se sobre o gramado, e de fato parecia, de longe, com uma gaiola ornamentada.

Alguém estava lá dentro, de costas para ele, os cabelos longos em cachos elaborados. Jack se apressou, as botas escorregando no chão molhado. Ela poderia dar uma orientação melhor do que “Vá por ali”.

— Com licença, senhorita! — Uma boa impressão inicial era importante. Ela ia querer ajudar um jovem educado, encharcado e com frio, claramente ansioso para voltar para casa. — Com licença — disse de novo, aproximando-se quando ela pareceu não tê-lo ouvido da primeira vez.

Ainda assim, ela não se virou. Pingos de chuva batiam sobre a gaiola dourada em que ela estava, seca sob a cúpula de metal. Ao lado, Jack viu uma escadinha que levava para dentro e subiu.



— Olá — ele disse em voz baixa, para não assustá-la, mas alto o suficiente para que pudesse ouvi-lo apesar do *tum-tum* da chuva, que era mais alto do que ele pensava, amplificado pelo metal.

O rosto dela era liso, os olhos pareciam vidrados, os cílios, longos e curvos. Como uma boneca, pensou Jack, mas ele sabia pouco sobre essas coisas. Bonecas eram para meninas, ou era isso que o pai dele sempre dizia. Jack tinha seus soldadinhos de brinquedo, mas eles não eram bonecas, eram um exército. Com certeza não usavam vestidos de renda nem sapatos bobos nem fitas azuis no cabelo.

— Você consegue me ouvir? — perguntou Jack, imaginando se haveria algo de errado com ela que pudesse causar a estranha expressão vazia. Ou, talvez, todas as meninas fossem assim. A única que Jack conhecia era sua prima Susan, que gostava de cutucá-lo com gravetos e sair correndo.

A menina abriu a boca.

— Eu... — ela começou. Jack esperou. — Eu... — disse ela novamente. Enquanto ele observava, aconteceu uma coisa curiosa: a boca da menina fechou, abriu e fechou mais uma vez. Os braços dela caíram moles ao lado do corpo e suas pálpebras deslizaram, fechando com um *dique*, pouco antes de sua cabeça pender para a frente, as fitas de cabelo balançando ao vento.

— Você está doente?

Um dos dedos dela se contraiu. Jack chegou mais perto, sem saber o que deveria fazer se ela *estivesse* doente. Na escola, quando isso acontecia, chamavam a supervisora. Em casa, um médico viria com uma maleta preta de couro cheia de instrumentos metálicos e gases.

Em torno da gaiola, o vento aumentou, uivando como um cão sem dono. Uma rajada soprou, agitando o vestido da garota, fazendo com que as fitas balançassem enquanto o cabelo afastava-se do pescoço, revelando uma chave escondida lá.

Jack olhou. Pensou nos soldadinhos, alinhados na prateleira em seu quarto.

— Ora — ele sussurrou. — Você é uma boneca de corda, não uma menina de verdade.

A FÚRIA DA SENHORA

QUANDO LORCAN ENTROU PARA FALAR COM A SENHORA, fez isso com orgulho, as costas eretas e os ombros abertos pela confiança. Ele sempre fora um bom filho, um bom servo.

Suas mãos tremiam. Quis resistir à tentação do palácio, ao seu desejo de voltar para a Senhora. Era necessário inspecionar a frota, é claro. A guerra se aproximava cada vez mais no horizonte, e o Império das Nuvens *trunfava*. Ele poderia dormir em seu próprio dirigível enquanto perambulava pelos quatro cantos da ilha, uma joia que, apesar de cheia de fuligem, era a mais bela da coroa do Império. Todos os dirigíveis tinham que estar em ordem, parados um ao lado do outro com suas velas vermelhas, como bandeiras, prontos para partir ao comando que Lorcan daria muito em breve.

Mas ele não conseguia ficar longe do palácio, não agora que havia retornado depois de um longo tempo fora. O lugar era uma obra de arte, semelhante a um bolo de casamento de pedra. Ninguém falou com Lorcan no caminho pela escada ampla e baixa, passando pela porta da frente, ao longo do tapete vermelho, ou por um corredor grande o suficiente para abrigar mil homens exaustos.

Uma criaturinha de metal pulava junto a seus tornozelos. Pensou em chutá-la, mas não havia necessidade. Ia guardar suas forças para mais tarde.

— Encontre-me na torre, Berloque — disse ao diabrete, que concordou com a

cabeca e saiu correndo muito mais rápido do que havia chegado.

— Sir Lorcan voltou. — Um laço curvou-se e endireitou-se novamente, com as costas contra a porta aberta. Um dos braços, perdido na Última Grande Batalha, a última guerra travada pelo Império antes dos muitos anos de paz que agora estavam perto de um fim, era de metal até o cotovelo.

Lorcan entrou. O piso polido refletiu seu belo terno e ecoou seus passos. O salão era refinado, cheio de ouro, veludo e vidro. Pequenas fadas prateadas giravam em torno das chamas bruxuleantes de lâmpadas de cristal, como as fadas costumam fazer. A luz piscava e lambia suas asas. Lorcan apalpou os bolsos.

— Onde ele está?

Dessa vez, foi Lorcan quem se curvou.

— Senhora — disse ele, endireitando-se novamente. — Está ótima. — Ah, ela sempre era uma visão em azul, aquele tom profundo de preto da meia-noite, como se tivesse rasgado o céu para usar como seda. Lorcan não tinha nenhuma dúvida de que ela poderia fazer exatamente isso se quisesse. Várias damas de companhia davam risadinhas, agrupadas ao redor do trono. Seu cabelo escuro estava ondulado, trespassado por joias que serpenteavam sob uma minúscula cartola coroada com penas.

— Bajulador — disse a Senhora com um sorriso.

Uma tigela de maçãs maduras de casca fina e dourada estava sobre uma mesa a seu lado. Ele sabia que eram para ele. Ela era tão gentil, tão atenciosa.

— Bem, aproxime-se, meu querido, e conte-me tudo sobre ele. Está lá em cima? Você já o levou para o quarto? Deve ter adorado. Claro que sim, mas eu gostaria de conhecê-lo! Arabella!

Uma das jovens se levantou, uma mocinha presunçosa com cara de leite azedo. Havia flores recém-collidas em um vaso sobre a mesa, da qual ela se aproximou.

— Sim, Senhora?

— No quarto das crianças você vai encontrar um menino perfeito. Nenhum pedacinho de metal, nenhuma engrenagem à vista. Vá buscá-lo e traga-o para mim.

— Sim, senhora — disse Arabella.

Lorcan avaliou seriamente suas opções. Uma em cada mão. Deixar a menina ir lhe daria cinco minutos, talvez mais, se os pés dela se movessem tão lentamente quanto o cérebro.

— Espere — disse Lorcan. Arabella estava quase entre ele e a Senhora, e isso era bom. Um passo para a direita...

Arabella piscou. A Senhora também. Apenas Lorcan sabia o que aquela ligeira contração da boca significava. Ela já estava pensando em maneiras de puni-lo por sua insolência. Questionar suas ordens na frente dos outros... Ora, isso simplesmente não

era possível.

— Quer me dizer alguma coisa, Lorcan? — perguntou a Senhora. Ela se levantou. Seus sapatos espiavam sob a bainha do vestido. Os saltos estalaram no chão. — Meu querido, você pode me contar qualquer coisa. Sabe disso.

Sua pele era perfumada como estrelas; os olhos, duros como pedra.

— Houve... houve um contratempo, Senhora. Ele não era adequado. Já estou procurando o perfeito, e ele será encontrado e trazido até aqui. Eu juro.

As meninas tinham parado de rir. Arabella ficou parada, imóvel, um dos pés virados para a porta. Se estendesse a mão, conseguiria tocar tanto Lorcan quanto a Senhora, mas é claro que não fez isso.

Por um breve momento em que o tempo ficou suspenso, todo o salão prendeu a respiração, o silêncio quebrado apenas pelo bater de asas de aço das fadas, que não sabiam de nada nem se importavam. Lorcan encontrou os olhos da Senhora.

E esperou.

— Eu acho — disse ela, uma pontinha de língua cor-de-rosa aparecendo entre os lábios — que você está mentindo para mim. Você falhou, Lorcan, meu querido? Foi enganado por uma criança? Ou, talvez, não quisesse trazer meu novo filho. Diga-me por que está mentindo.

Ele deu um passo para trás. Um erro. Aquela maldita mãe idiota havia arruinado *tudo*.

— Eu nunca me atreveria a mentir, Senhora.

A cabeça da Senhora se inclinou, e uma das mãos enluvadas estendeu-se para a frente como se fosse agredi-lo, mas não foi o que aconteceu. Em vez disso, o cetim mais macio acariciou suavemente o rosto de Lorcan.

— Você já foi tão jovem — lembrou ela. — Tão jovem e tão inocente. Sentava aos meus pés e brincava com os autômatos que os metalúrgicos faziam para você. Você me amava naquela época.

Uma fada, talvez cega pela luz, voou contra o vidro de uma das lanternas, e o som ecoou pela sala como um sino.

— E ainda amo, mãe.

Ele percebeu imediatamente. As meninas bobas perceberam. Até mesmo as fadas pareciam ter percebido, porque suas asas pararam de vibrar e elas pousaram fazendo suaves ruídos: *dunc, dunc, dunc*.

A boca da Senhora se retorceu. Faíscas choveram de seus olhos para o chão, chiando em seu vestido.

— Como se atreve? — ela gritou. — Como se atreve a me chamar assim? AO MESMO TEMPO EM QUE MENTE PARA MIM?

A força de seu golpe jogou o pescoço dele para trás. Ela não podia machucá-lo, não muito, mas podia fazê-lo desejar estar morto.

E de fato isso aconteceu. Um dos anéis dela tinha acertado o rosto dele, e ele sentiu o sangue escorrer, queimando e ardendo, transformando-se em cinzas secas em sua bochecha. As meninas olhavam, sem palavras, confusas. Uma delas soltou uma risadinha nervosa.

A Senhora fez um gesto com a mão. A menina caiu no chão, sem tempo sequer para um último suspiro, uma careta congelada no rosto.

Em um redemoinho de meia-noite, a Senhora atravessou o salão. As fadas voaram para se esconder, posicionando-se atrás de livros nas prateleiras, voando até pousar no grande lustre de gás. Cristal se quebrou, espalhando-se em diamantes afiados por todo o chão. Um vaso de valor inestimável espatifou-se e transformou-se em cacos.

— Vou consertar isso, Senhora — disse Lorcan, a voz alta sobre a agitação das cortinas. A luz entrava com relutância no salão. As damas de companhia, aproveitando a oportunidade, correram dali, quase derrubando o laçao em sua pressa, deixando a morta para trás. — Vou lhe encontrar outro. Um filho melhor.

Uma maçã não o atingiu por pouco, batendo ruidosamente em um toca-canção atrás. O enorme cone balançou e caiu com um estrondo cacofônico.

— Eu quero aquele que me foi prometido. Ora, o artista já começou o retrato dele, mas não dá para trabalhar muito só com uma fotografia. Temos de ver o menino, e eu já aguentei essa tolice por muito tempo, Lorcan. Está ouvindo? Não quero gatos, borboletas ou meninas em quem é preciso dar corda todas as manhãs! Cumpra seu dever, como todos aqueles que vieram antes de você, e ME TRAGA O MEU FILHO.

Lorcan levantou o queixo.

— Ele será seu.

— Cuide disso. Ah, e Lorcan? Acho que já é hora de você me chamar de Andrasta.

Então ela não era mais sua mãe. Lorcan se curvou, rigidamente, em vez de dizer alguma coisa. Ele ia pegar o menino e ela o perdoaria. Ele voltaria a ser aquele em quem ela mais confiava.

Voltaria, sim.

A GAROTA MOVIDA A CORDA

UMA MENINA MOVIDA A CORDA. Quem já ouviu falar de algo assim?

— Você *parece* real — Jack disse. Certa vez, a sra. Pond o levava a um circo, onde dois titereiros tinham realizado uma apresentação bastante elaborada com marionetes presos a fios. O rosto das marionetes era brilhante, de madeira, os lábios carnudos eram pintados de um rosa muito intenso, os olhos eram muito grandes, e isso foi o suficiente para assombrar os sonhos de Jack durante semanas.

Aquela garota não estava presa a fios.

Seus olhos, embora fechados — ele se lembrou do *dique* —, tinham cílios que ele tinha certeza de que eram de verdade. Seus dedos curvavam-se como os de mãos normais. Jack inclinou-se. Dobradiças minúsculas formavam as juntas. As unhas eram bem aparadas. Ou melhor, bem formadas, porque nunca iam crescer. Ela fora construída. Talvez em uma oficina, na qual haveria uma pequena caixa com dentes, outra, maior, com globos oculares, gavetas cheias de rebites, fios e troncos compridos com tubos de cobre para os ossos.

Ele a cutucou e puxou o dedo de volta rapidamente, como se tivesse se queimado.

Como um teste, Jack tocou o próprio braço, viu a carne se abaixar e voltar ao lugar quando tirou a mão.

Ele a cutucou novamente. A... *pele* dela — Jack não conseguia pensar em uma

palavra melhor, apesar de conhecer várias — era lisa como uma parede, um prato de porcelana.

Aquilo era *muito* estranho.

A chave em seu pescoço tinha a forma de uma asa de borboleta, com dois grandes furos na parte superior e inferior do bronze. As bordas dos furos acomodaram o polegar e o indicador de Jack quando ele a segurou.

Dar corda nela não deveria ser algo tão errado, não se ela era daquele jeito mesmo. E não havia ninguém para lhe dizer para não brincar com as coisas que não lhe pertenciam.

Lentamente, Jack girou a chave.

Nada aconteceu, não a princípio. Uma rotação, duas, três. Apoiou os pés sobre o assoalho de madeira macia da gaiola, os dedos frios contraídos dentro das meias molhadas. Sete, oito, nove.

Na décima, os olhos azuis dela se abriram. Jack pulou para trás, quase tropeçando em sua pressa para afastar-se dela, como se não tivesse sido ele quem a trouxera à vida.

— Olá — disse ela, a voz exatamente igual à de uma menina. Seus lábios se moviam, rígidos, mas não mais do que os de sua mãe quando ela tentava ser educada com alguém.

— Você fala — disse Jack.

— Olá. — Ela olhou para ele.

— Você sabe dizer mais alguma coisa?

— Claro que sei. E você?

— Hum — disse Jack. Havia milhares de coisas que ele queria perguntar, como na escola, quando eles estavam aprendendo algo interessante e os professores guardavam as partes realmente boas para si, e Jack e seus colegas levantam a mão. Mas não havia mais ninguém ali, e as mãos de Jack estavam ao lado do corpo, firmes, para que ele não a cutucasse novamente. Agora aquilo parecia errado. — Eu sou Jack. Você tem um nome?

— Olá — ela piscou, olhando para todo o mundo e as pessoas nele como se estivesse pensando. — Jack. Eu sou Beth. Beth número treze.

Jack pensou naquilo por um momento.

— Há mais doze de você?

— Em algum lugar. Você é muito rosa. E um pouco burro.

— Isso não foi muito legal — retrucou Jack.

— Eu não sou muito legal. — Beth cruzou as mãos. — Mas o dr. Cataplasma diz que eu devo pelo menos tentar. Sinto muito — disse ela, não parecendo nem um pouco arrependida.

— Tudo bem. — *Muito rosa*. Ela foi a segunda pessoa a dizer isso.

— Você estava tentando fugir da chuva também? Não foi muito bem-sucedido. Você está todo molhado, então talvez *seja* burro mesmo. *Secando bem, a fúria não vem* — Beth cantarolou.

— Mas eu não enferrujo se ficar na chuva. — Tudo se contorcia na barriga de Jack, que tinha a sensação de ter comido demais.

— Não? Puxa. Então todas as suas peças de metal ficam por dentro?

— Eu não tenho peças de metal. — A sensação do quanto Jack estava molhado e com frio voltou como um raio. A sra. Pond ia ficar tão brava. — Eu estava tentando chegar em casa, em Mayfair.

Um trovão retumbou. A gaiola tremeu. Além do parque, nuvens em um tom de cinza espesso agrupavam-se, rodopiando.

— Então você precisa ir naquela direção — disse Beth, apontando. — Dando a volta no lago. Para o norte. — Ela parecia mais humana naquele momento, os olhos semicerrados, a boca quase fechada. Então olhou para o outro lado do parque. — Ah, veja. As aeronaves estão voando.

Jack seguiu a mão dela até o horizonte.

Não era um trovão. Um arrepio percorreu sua espinha.

Telas de metal, meninas com engrenagens, barcos velejando no céu, grandes lençóis pendurados em mastros com buracos de tiros de canhão.

— O que... O que é aquilo? — ele perguntou, descobrindo-se de repente sentado, os joelhos puxados contra o peito, as barras de ferro da gaiola marcando listras frias em suas costas, como se alguns passos a mais fizessem diferença.

— São as aeronaves — repetiu Beth.

Navios voadores estavam se aproximando.

Jack sabia, da mesma maneira que as pessoas sabiam de um sonho do qual não conseguiam se lembrar. Apesar da superfície difusa, a verdade estava lá, no fundo, fugindo de seus esforços para tentar entendê-la.

E, no entanto, ao mesmo tempo ele não sabia.

Jack caminhou com dificuldade pelo parque sob o rugido enfadonho e sibilante dos dirigíveis, com Beth a seu lado.

Ela andava como uma pessoa normal, mas uma pessoa normal que havia levado um chute no joelho. Mancava entre um passo e outro, mas isso não impedira que insistisse em acompanhá-lo para que não se perdesse.

Jack não queria dizer nada para ela, não até que tivesse certeza. Ela já achava que

ele era burro. Rosa e burro.

Chutou uma pedrinha. Pelo menos *ele* não era um *brinquedo*.

Lá em cima, as naves rasgavam o céu. Três delas, em fila, eram feras tossindo enormes golfadas de fumaça negra de suas monstruosas barrigas. A fumaça se enrolava como uma serpentina preta, e, em seguida, dissolvia-se, perdida para sempre em direção às nuvens. Esticando o pescoço e apertando os olhos, Jack viu as linhas onde uma prancha encontrava a próxima, pensando que deviam ter derrubado uma floresta inteira para conseguir tudo aquilo.

— Para Mayfaer e suas fadas! — gritou Beth, mancando.

Andaram durante vinte minutos. Passaram pelo lago, atravessaram a avenida e seguiram para a próxima. Beth manteve-se cuidadosamente no caminho, afastando-se da grama ainda molhada da tempestade. Jack fez o mesmo, pois as meias já estavam molhadas o bastante. Era muito mais rápido daquela maneira, sem a aglomeração de carroças e carruagens em que ele estivera preso com Wilson e a sra. Pond.

Em Piccadilly — embora quem escreveu a placa não soubesse soletrar direito, pois ela dizia PICK-A-DILLY —, eles pararam.

Ou melhor, Jack parou. Porque as ruas não estavam mais vazias.

Automóveis grandes e desajeitados deslizavam em suas próprias nuvens de vapor, as janelas escurecidas não deixando ver o interior. Pessoas se movimentavam, todas elas uma curiosa mistura de carne e metal. Uma tela, uma mão, um estranho e grave *danc* quando alguns arfavam e afastavam-se de Jack. Óculos para se proteger da nuvem de fuligem, que estava se formando novamente após a chuva. Um pé calçado pisando forte, *tunc*, nas pedras engorduradas.

Esse era o lugar aonde o sr. Havelock tinha ido. Não *ali*, exatamente, mas ali em geral. Aquele lugar.

Alguna coisa com a metade da altura do joelho de Jack cutucou sua canela com força com um dedo de aço e fugiu, gargalhando.

— Ai!

Beth parou e virou-se, um sorriso em seu lindo rosto de boneca.

— O que é *isso*? — Jack perguntou, esfregando a perna, olhando para a coisa que seguia pela rua. Asas, tinha asas de aço e cobre, e era, enfim, *muito* estranho.

Ela não pareceu achar que ele estava ficando mais inteligente.

— É só um Tra-Kina, seu boboca. Comandantes da Ordem dos Insensatos, assistentes da Liga da Leviandade. É um tipo de fada.

Jack sentiu o turbilhão na barriga novamente.

Parecia uma rua absolutamente comum. Em Piccadilly. Em... Londres. Lojas, comerciantes e pessoas reclamando sobre o preço das coisas enquanto se separavam de

suas moedas.

Mas, ao mesmo tempo, não parecia. Era verdade que ele não conhecia Londres bem, mas tinha certeza de que nenhuma das lojas tinha uma enorme escama de dragão de cobre atrás da vitrine, sinal de sorte garantida.

E não havia essas nuvens de fuligem caindo, abraçando tudo o que tocavam. Não desse jeito. Não tão pretas e asfixiantes, saindo em ondas das carruagens a vapor, dos automóveis, de cada chaminé que Jack podia ver se apertasse os olhos.

— Depressa — ele disse, agarrando o braço de Beth. Eles se apressaram para atravessar a rua, esquivando-se aqui e ali. De lá, era apenas uma curta distância a pé até onde, em outro lugar, ficava a casa de Jack.

Ele sabia que não estava no mesmo lugar. Sabia antes de ver a enorme fábrica ocupando toda a extensão da rua onde deveria haver casas elegantes, soleiras limpas e brilhantes. A sra. Pond e suas colegas deveriam estar na cozinha, enquanto as mulheres tomavam chá em salões aveludados.

Não havia cozinhas ou salões escondidos atrás das paredes. O chão tremia. Um ruído surdo e prolongado agitava o ar e uma névoa saía das grades no chão, transformando Beth, a falsa garota, em um fantasma de verdade, uma forma cinza e nebulosa.

— Aí está — disse Beth. — Não vejo o que há de tão especial nisso e por que você estava com tanta pressa de vir aqui. Mas entre, se precisa mesmo fazer isso. É claro que o supervisor vai esquentar suas orelhas por ter saído.

Jack balançou a cabeça.

— Eu... Esta era a minha casa.

— Não parece muito uma casa.

— Não — Jack concordou.

— Então, aonde você gostaria de ir agora?

— Hum...

Beth começou a se afastar, na direção da rua movimentada, e Jack teve que correr para alcançá-la.

— Eu vim através do relógio — disse ele, e percebeu que não fazia muito sentido quando falou em voz alta, mas ela não parecia estar ouvindo mesmo. E Jack não queria voltar para o relógio, não imediatamente.

Ele supôs que iria encontrar o sr. Havelock em algum momento, se aquele monstro industrial não o tivesse engolido inteiro para nunca mais ser visto.

O sr. Havelock realmente era um mágico, e uma coisa dessas era mais fácil de acreditar ali do que tinha sido quando Jack viu a flor morrer e voltar à vida, ou o enfeite de cabelo voar. Outra fada passou rapidamente, puxando o cordão de todos os

sapatos que encontrava pelo caminho.

— Qualquer lugar — Jack disse a Beth. — Leve-me para qualquer lugar. Quero ver tudo.

— Gostei de você — disse Beth. — Certo, então! Aventura!

— Só existem fadas por aqui? — Jack perguntou quando Beth virou a esquina, abaixando-se para se esquivar das pessoas. — São todas feitas de metal? *Todo mundo* é?

Beth negou com a cabeça, dizendo por cima do ombro algo sobre dragões e unicórnios enquanto o levava a uma grande praça aberta, repleta de barracas de feira.

— Há uma centena de tipos de fadas, e todas elas são umas danadinhas. Muitas outras criaturas são mecânicas também — disse ela —, menos aquelas pessoas que comem vacas e afins. E eu... Eu sou mecânica, mas sou um pouco especial. A maioria das pessoas é como você, mas com peças de metal onde for necessário.

Elas precisavam das peças para respirar. Jack pensou na tela no nariz do velho. Seu próprio peito já estava doendo de correr pelo ar cinzento e pastoso, mas aquilo não era nada comparado ao que estava na sua frente. O mercado era uma profusão de cores brilhantes contra os tijolos sem graça e as pessoas pálidas fazendo compras. Jack viu coisas normais — tortas e queijos — e tantas coisas anormais que nem conseguiria listá-las. Uma barraca vendia grandes tapeçarias mostrando um pássaro dourado, o mesmo que ele tinha visto na bengala, mas que fazia sentido agora, se os pássaros ali fossem de metal e não de carne e osso. Havia bancadas com estranhas engrenagens de relógios, tigelas com ervas que ele nunca tinha visto no jardim de casa, e uma velha lendo a sorte em uma poça de óleo.

— Como é que você veio através do relógio? — perguntou Beth, puxando-o do mercado e o levando para um beco estreito como uma rachadura. — Não estou dizendo que acredito, mas você é bem estranho, e gosto de uma boa história tanto quanto qualquer um.

Ela já havia dito que ele era muito rosa. Jack sentiu-se um pouco mais rosado.

— Bom, eu segui alguém. Um mágico que foi à minha casa e queria me levar com ele. — O sr. Havelock queria levá-lo *ali*, e por um momento Jack odiou a mãe de novo. Ele poderia ter visto tudo aquilo dias antes, e ela o impediu. — Acho que deveria encontrá-lo.

— Ah — Beth sorriu. — Isso é fácil, é só você me dizer o nome dele. Conheço todo mundo, de tanto andar por aqui. Deixo o médico louco. Quem é esse mágico?

— O nome dele é sr. Havelock — Jack respondeu, esforçando-se para lembrar. — Sr. *Lorcan* Havelock.

Beth era pálida, certamente porque tinha sido construída dessa forma. Mas Jack também tinha a certeza de que ela havia ficado ainda mais pálida ao ouvir aquele nome,

se isso fosse possível.

— Mas ele é um homem horrível — ela disse lentamente, afastando-se alguns passos de Jack na rua de paralelepípedos. — Um homem horrível, do mal, e você não parece horrível. O que quer com ele?

Não. Não podia ser. O sr. Havelock tinha sido gentil, educado e inteligente. Ele queria ensinar magia a Jack.

A mesma magia, talvez, que tinha feito seus olhos brilharem, vermelhos como os do diabo, à luz da lâmpada do salão. A mesma que fez a flor morrer a seu toque.

— Você não está tão cor-de-rosa agora — ela disse, enquanto os joelhos de Jack batiam um no outro. — Acho que devemos ver o dr. Cataplasma. O melhor médico em toda Londinium. Conserta qualquer coisa, conserta sim.

Londinium. Jack pensou que deveria estar com medo, mas não estava. Ele estava longe de casa, cercado por magia e mecanismos de relógios, e com certeza aquela garota de corda estava errada sobre o sr. Havelock.

Aquilo era *incrível*.

CRISTAL E COBRE

ELE ESTAVA CERTO SOBRE AS CAIXAS DE DENTES. Todas estavam dispostas em fileiras em uma mesa comprida, bem arrumadas como peças de xadrez.

Levaram quase uma hora para sair do mercado e andar pelas ruas que Jack tinha visto pela janela da carruagem com a sra. Pond naquela manhã.

Parecia ter acontecido dias antes. As ruas estavam todas diferentes. Ele parava a todo instante, boquiaberto diante de mais fadas de metal, mais pessoas que não eram inteiramente de carne e osso, mas que sorriam, faziam compras e se preocupavam como se fossem. Parava para olhar o lodo oleoso e fedorento que revestia o céu e tudo abaixo.

E agora estavam ali. Até mesmo Jack tinha ouvido falar da rua dos médicos, a rua Harley. Mas ali havia outro *e*, que a tornava a rua *Harleye*. Ele tinha ido lá uma vez, quando ficara doente e não havia médico para vê-lo em casa. Beth andou com desenvoltura até uma porta como qualquer outra, em uma construção de tijolos marrons sujos, com uma janela de cada lado e cortinas vermelhas.

— Entrem, entrem — disse o homem desganhado que devia ser o dr. Cataplasma. Ele se parecia com um terno velho, enrugado, desgastado e cheirando a naftalina, mas seu cabelo era uma penugem branca espetada, como um dente-de-leão.

Prateleiras cobriam as paredes, cedendo sob o peso de coisas viscosas em frascos.

Máquinas estranhas estavam espalhadas pelo chão, ou em cima de bancos frágeis. Vapor emanava assobiando lentamente de uma máquina em um canto, criando um miasma de nuvem no teto, e o odor penetrante do cobre chegava a Jack vindo de todas as direções.

— Ora, ora — disse o dr. Cataplasma, andando em um círculo ao redor de Beth. Ele levantou os dedos para inspecionar as dobradiças, curvando-as uma por uma. Beth ficou perfeitamente imóvel. Ele abriu-lhe as pálpebras, olhando bem de perto, apertando os olhos, até que assentiu com satisfação. — Você foi uma das minhas melhores obras. — Ele agachou e pegou o pé dela de forma que flexionasse o joelho. — Mas ainda não está perfeita. Rangendo um pouco, hein? Você, garoto, pegue aquela chave de fenda.

Aquela informação não ajudava muito. Havia ferramentas de todos os tamanhos espalhadas sobre cada superfície livre. O dr. Cataplasma acenou sem direção, e só depois de algumas tentativas Jack encontrou a certa.

Por mais que quisesse ver, no momento em que o dr. Cataplasma puxou a pele de Beth de uma costura escondida na articulação, Jack se virou, fixando os olhos atentamente no que parecia ser o cruzamento de um ferro de passar com um polvo. Se um polvo pudesse ser feito de aço.

O som dos parafusos sendo apertados era ruim o suficiente. Jack se encolhia a cada ruído, mas Beth estava em silêncio, então ele supôs que o dr. Cataplasma não a estava machucando.

— Ficou melhor — disse o homem, seus joelhos estalando quando se ergueu. — E com a corda completa? Excelente.

— Eu que dei a corda — disse Jack.

— Sim, e quem é você? Não é preciso ser gênio para ver que você é esquisito, e eu *sou* um gênio. Você é do interior, não é? Eu diria que das montanhas, mas você não fala com sotaque de lá, e eu conheço sotaques, rapaz. É difícil entender o pessoal das montanhas.

— Eu sou Jack. Jack Foster.

— Dr. Mefisto Cataplasma. É um prazer. Para você, naturalmente.

— Acho que ele está perdido — comentou Beth, inspecionando uma bolinha de gude vermelha que havia encontrado em uma das muitas mesas. — E diz que não tem nada de metal nele. Nem dentro. E conhece Sir Lorcan.

— Entendo. Ele é *amigo* de Sir Lorcan?

— Não exatamente — disse Jack. A expressão no rosto do médico lhe dizia que esta era a resposta correta.

— Bem, vejamos. Perdido? Os jovens sabiam interpretar mapas no meu tempo.

— Ele balançou a cabeça. — Há um mapa em algum lugar por aqui.

— Como o senhor faz isso? — Jack olhou em volta novamente, para as caixas, garrafas e frascos. — O senhor faz *peças* aqui?

Os olhos do médico se iluminaram.

— Eu tento. Eu tento.

— Mas como?

— A-há — disse o dr. Cataplasma. — Tudo depende das medidas, sabe? — Movendo-se rapidamente para o outro lado da sala, ele pegou um globo ocular de uma tigela de vidro. — Pouco menos de uma polegada. Bom para a velha senhora que espreita atrás da cortina. Pequeno e lustroso, veja bem. E aqui... — ele remexeu em uma gaveta e ergueu uma mão completa cortada no pulso — boa e forte. Dedos resistentes. Receio que seja de um estaleiro. Reparos toda semana.

Jack olhou. As unhas estavam sujas.

— O senhor constrói tudo? — Jack pensou na fada que tinha cutucado sua canela.

O dr. Cataplasma riu.

— Sinto dizer que as criaturas mágicas estão um pouco além da minha especialidade. Os deuses construíram as primeiras. Agora elas constroem umas às outras. Eu as estudo, é claro. Muito a aprender, muito a aprender.

— E a-aquilo? — ele perguntou, apontando para os frascos.

O dr. Cataplasma franziu a testa, carrancudo.

— Sempre tentando aperfeiçoar minha arte — disse ele, aproximando-se da prateleira e pegando um frasco. Alguma coisa chapinhou lá dentro. — Fígado. Oito polegadas. Vai ter um senso de humor terrível, este aqui, se eu conseguir. Nem um pouco engraçado. — Ele ergueu outro. — Baço. Bom para o temperamento, sabe?

Jack não sabia se ficava revoltado ou fascinado. Abriu a boca, viu as caixas de dentes com o canto do olho e fechou-a novamente. Ocorreu-lhe naquele momento que, para um homem que mantinha fígados em frascos, o próprio Jack era uma coleção de peças muito bem embalada.

O dr. Cataplasma riu.

— Você está seguro aqui, rapaz. Vejo que tem muitas perguntas. O formato de suas narinas. Curioso, mas disposto a aceitar o estranho. Vamos até o andar de cima e responderei o que puder. Beth sabe o caminho.

Ela se moveu atrás dele, e Jack começou a andar. Ele tinha quase esquecido que ela estava lá, que o levava para aquela casa. Era evidente que Beth estava familiarizada com o lugar, pela maneira como deslizava entre as mesas e saltava pelas coisas no chão. Na parte de trás da sala, uma porta dava para uma estreita escada em caracol, o tapete gasto se soltando em alguns pontos. Jack segurou o corrimão para não tropeçar, mas

Beth balançava os braços ao lado do corpo, e seus passos eram mais suaves do que antes.

A sala de estar estava tão cheia de coisas quanto a oficina. Binóculos de todas as formas e tamanhos enchiam uma caixa de vidro, uma dúzia de relógios de bolso sobre a lareira mostrava horários diferentes. Um trenzinho de brinquedo apitava sobre sinuosos trilhos suspensos. No meio de uma mesa redonda perto da janela, uma bola de cristal estava apoiada em uma base com pernas de bronze em cima de uma toalha de veludo preto desbotado. Aquilo, Jack conhecia. A espiritualista da mãe — antes do sr. Havelock — tinha uma, e a porta do salão ficava sempre fechada, assim como as cortinas, poucos momentos depois que ela chegava e a tirava da bolsa.

— Não vai ajudar você — disse o dr. Cataplasma, entrando na sala a passos lentos, mas a tempo de pegar Jack com o nariz quase encostando no objeto. — Coisa maçante. Só vê o passado, o que, francamente, é inútil para um pensador progressista como eu. Uso apenas como peso de papel. — Ele colocou uma caneca de chá preto na frente de Jack, resmungando algo sobre sempre se esquecer do leite. — Agora, me diga o que está acontecendo.

Jack olhou para Beth, balançando as pernas em uma cadeira de encosto alto. Olhou para o trenzinho, que havia parado ao lado de um trecho da estante para pegar um grupo de pequenos passageiros aglomerados ali.

— Não há nada que possa me surpreender, rapaz. Pode falar.

— Quero saber onde estou — disse Jack.

— Ora — respondeu o médico. — Isso é uma coisa muito curiosa para se dizer.

Na escuridão, Jack rolou sobre a cama improvisada com cobertores que o dr. Cataplasma tinha feito para ele. Desfazendo-se a todo instante, cheirava a mofo e a mil insetos mortos e transformados em pó.

Beth estava sentada em uma cadeira, as mãos sobre os braços. Ela não estava dormindo. Ela não estava... nada. Dessa vez, Jack não ficou tentado a dar corda nela novamente. Ainda não; melhor manter o silêncio para conseguir pensar.

O Império das Nuvens. Fazia sentido. A névoa rodopiante de vapor, fuligem e sujeira pairava sobre a terra há tanto tempo quanto todos lembravam e, disse o dr. Cataplasma, ficava limpa apenas alguns minutos depois de cada uma das frequentes tempestades.

E as pessoas, as fadas, as criaturas corriam para se abrigar quando vinham as chuvas. *Secando bem, a fúria não vem* — era o que Beth tinha dito na gaiola. Por causa do metal, e foi isso que fez o coração de Jack disparar.

Uma terra de latão, aço, mecanismos, vapor e dirigíveis, engrenagens que se

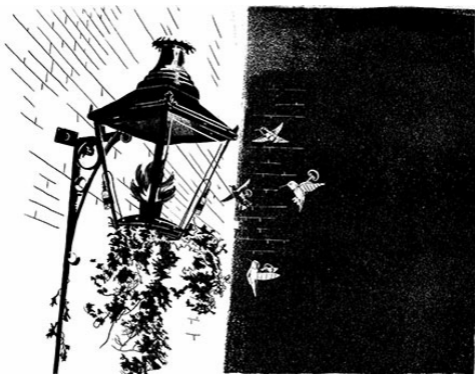
transformavam, rodas que giravam. Jack se perguntou se estava sonhando, de tão perfeito que era aquele lugar, e se acordaria em sua cama ao som da sra. Pond preparando ruidosamente o café da manhã na cozinha lá embaixo.

Sentiu-se um pouco enjoado. A sra. Pond ia sentir falta dele. Mas sua mãe provavelmente ficaria feliz se Jack ficasse ali para sempre, e ele achava que poderia muito bem fazer exatamente isso. Eles iam ver só.

Do outro lado da sala, a bola de cristal brilhava à luz do luar.

Não poderia fazer mal só *olhar*.

Os cobertores estalaram sob seus joelhos; as meias muito grandes saíram de seus pés. O dr. Cataplasma colocou as roupas de Jack em uma máquina de lavar do tamanho de um automóvel e durante vários minutos ele viu as peças imundas revirarem na água cheia de espuma como serpentes marinhas raivosas devorando um peixe.



Ele se aproximou da mesa. Além da janela, na rua, coisas prateadas do tamanho de aves mas que certamente não eram aves fizeram uma espécie de dança elegante sob o brilho de uma lâmpada a gás, as asas vibrando e piscando. Jack observou até que a música na cabeça delas parou e ficaram sobre o poste.

Contra o pano de veludo preto que não parecia tão empoeirado no escuro, a bola de cristal era uma lua perfeita, brilhando, suspensa, etérea. Perto o suficiente para ser tocada e, de certa forma, muito longe também.

Não ocorreu a Jack que ele não seria capaz de fazê-la funcionar. Várias vezes ele havia se ajoelhado no buraco da fechadura. Não havia nada de especial a ser feito, não era preciso dar três voltas ao redor da mesa, ou recitar uma oração específica para os mortos. Era uma simples questão de concentração.

A mesa rugeu. O veludo sussurrou.

— Mostre-me — disse Jack, o que era desnecessário, mas sentia que devia dizer *alguma coisa*.

Dentro da bola, a névoa estremeceu. Jack respirou fundo, inclinando-se para a frente. Uma nuvem formou-se na superfície e desapareceu novamente quase ao mesmo tempo.

— Mostre-me — ele repetiu, mais alto. Muito alto. Se Beth fosse capaz de ouvi-lo, certamente teria acordado. Jack viu seu próprio reflexo, deformado na curva suave da bola.

Lá dentro, o brilho leitoso começou a ficar menos espesso, escurecer, ondular e se espalhar. Um calor tomou conta das mãos de Jack; ele tocou o cristal e imediatamente se afastou, chupando o dedo para aliviar a queimadura.

A névoa clareou e lá estava ele. Não seu reflexo, mas ele. A esfera era o olho de um pássaro, olhando para baixo das vigas de uma estação de trem para Jack, ainda com o uniforme da escola e a mãe de vestido verde. Outros passageiros menos importantes apareciam desfocados.

O sr. Havelock apareceu, perfeitamente claro, o terno impecável. Ele estava esperando.

Esperando.

A mãe se afastou para cuidar da mala de Jack.

Esperando por Jack.

Estava claro, mais claro do que a bola de cristal em que Jack olhava. O sr. Havelock observou enquanto Jack e sua mãe foram buscar as coisas, então os seguiu até a carruagem que os levaria a Mayfair. E continuou seguindo.

Ele havia saído do Império das Nuvens para ir à Londres de Jack buscá-lo. Isso o menino já sabia, mas não sabia que o sr. Havelock o observava tão de perto. Mas por quê? Para ensinar seus segredos de mágico? O que tornava Jack especial?

Jack tinha ouvido histórias. Histórias de homens maus, de cadáveres ensanguentados abandonados para apodrecer. Elas chegavam até ele vindas de Wilson, do jardineiro ou da sra. Pond, e também quando Jack escutava pelo buraco da fechadura. Onde Wilson as ouvia, Jack não sabia, mas elas perambulavam pela casa em voz baixa até que todo mundo soubesse.

Jack estremeceu. Seus olhos se fecharam e, quando os abriu, ele estava na

carruagem, os cavalos bufando.

A névoa na bola escureceu e se fechou. Jack recuou, atordoado, confuso. Um arrepio percorreu seu corpo.

Ele deveria estar ali. Aquela cidade de vapor, aquele Império das Nuvens, o queria, ao passo que em sua própria Londres ninguém notou ou se importou se ele estava lá ou não. Mandá-lo para o internato. Deixá-lo na cozinha ou no quarto enquanto as festas ressoavam na sala de jantar.

Ele quase não percebeu, tão imerso que estava em seus pensamentos. A névoa brilhou novamente.

E então chacoalhou, tão violentamente que a própria bola de cristal sacudiu em seu suporte, e no meio do cinza algo apareceu de repente, de cobre e latão, e gritos silenciosos de uma boca pontuda.

Um bico.

Voava na direção dele, cada vez mais perto até que seus olhos engoliram a esfera, olhos dourados enormes cheios de fogo e raiva, e a bola se partiu em pedaços grandes, irregulares, que quebraram as janelas, lançando Jack para trás com muita força.

— Garoto tolo!

Jack estava no chão. Sua cabeça latejava. Sobre ele se inclinou a figura do dr. Cataplasma, em sua roupa de dormir. As listras azuis do pano se mexiam, fazendo com que a cabeça de Jack doesse.

— Pronto, vamos, está tudo bem — disse o médico, e como ele era um médico, deveria saber. — Será que ninguém nunca lhe ensinou a não mexer no que não é seu?

— Eu quebrei — sussurrou Jack, seu estômago amarrado por uma fileira bem definida de nós. — Desculpe! Eu vou comprar outro. Vou...

— Está tudo perfeitamente bem — disse o dr. Cataplasma, e estava. Lá, em seu suporte, flutuando sobre o veludo preto, a bola de cristal era uma lua cheia novamente. A cabeça de Jack doeu mais ainda.

— Eu não entendo.

O dr. Cataplasma estava ocupado medindo a distância entre as sobrancelhas de Jack.

— Sem dúvida. Mas fique sossegado, seria preciso mais do que um nico desastrado como você para destruí-la. É melhor você sentar e me dizer o que viu. — O médico levantou e se aproximou da cadeira onde Beth estava sentada. Uma coisa, mas uma garota também. O som da chave girando encheu a sala. Seus olhos se abriram e seu pescoço torceu para que ela pudesse sorrir para o dr. Cataplasma, em seguida franzir a testa para a escuridão.

— Seu amigo achou que não seria má ideia meter seu narizinho rosado em

assuntos que não lhe dizem respeito — explicou.

— Eu me vi nela — disse Jack.

Beth e o dr. Cataplasma viraram-se lentamente para olhar para ele.

— Antes de quebrar, quero dizer. Foi tudo um pouco confuso.

E ele contou o que tinha visto.

Beth estava sentada muito rígida. Sua corda havia acabado.

— Isso explica muita coisa — disse o médico, retornando com outra caneca de chá.

— Por que ele estava me procurando? — perguntou Jack, esperando que o dr. Cataplasma, que parecia saber muito sobre tudo, respondesse. Mas foi Beth quem falou:

— A Senhora — foi tudo o que ela disse.

— Sem dúvida — concordou o médico.

Jack olhou de um para o outro. Ele não gostava daquilo, não gostava que escondessem coisas dele. Afinal de contas, Jack era especial. Ele não tinha entrado pela porta? Não merecia uma resposta?

— Contem tudo — disse, e não era um pedido.

— Você é bastante ativo para sua idade, não é? — bufou o dr. Cataplasma. Ele acenou com a mão, o chá balançando como um oceano preto dentro da caneca. — Tudo bem. Tudo bem. Um lugar não pode ficar sem alguém que dê as ordens. Alguém faz isso no seu mundo, não é?

— Muitos, pelo que diz o meu pai. — A rainha era velha e grisalha, sempre vestida de preto, em luto pelo marido, que havia morrido muito antes de Jack nascer, antes mesmo de seus pais nascerem. Mas havia outros. Duques e duquesas, lordes e damas, políticos o suficiente para encher o Palácio de Westminster.

O dr. Cataplasma assentiu.

— Bem, nós temos a Senhora. Ela está por aqui há mais tempo do que qualquer um pode lembrar. E Sir Lorcan também. Há lordes, duquesas e gente desse tipo nas colônias, porém por quanto tempo serão colônias ninguém sabe. Aqui, nós temos a Senhora e Sir Lorcan.

— Eles devem ser muito velhos — disse Jack.

— Não dá para dizer olhando para eles — afirmou Beth. — Dizem que *ele* fez um acordo com as fadas para nunca envelhecer. Sir Lorcan é filho da Senhora, mas ela gosta de crianças que possa mimar e encher de doces. E nunca deixa ninguém sair, nem leva a lugar nenhum, e isso é muito chato, mas eu gostava dela.

— Todas as mães são assim — disse Jack. Ele se perguntou se sua própria mãe sentia falta dele. Se estava desesperada de preocupação, ela e seu pai batendo os punhos no

balcão da Scotland Yard. *Ele é apenas um menino*, diriam.

O dr. Cataplasma riu sem graça.

— Talvez.

— Eu não entendo. Por que ela precisa roubar crianças da... da *minha* Londres? Por que não tem uma criança ela mesma, ou... — *Ou rouba uma daqui*, ele quis dizer, mas aquele pensamento era como uma vespa zumbido cruel em sua cabeça latejante.

— A Senhora não é como nós, não é como nenhum de nós — disse o dr. Cataplasma. — Ninguém sabe de onde ela veio. Parece que não está mais satisfeita com crianças como Beth.

— Ela gosta de coisas bonitas — disse a menina. Suas pálpebras fecharam e abriram. — Coisas perfeitas. Carne e sangue, sem partes metálicas. Há muitas crianças aqui, mas nenhuma assim.

Jack pensou na primeira pessoa que encontrou ali. E as pessoas no mercado, com suas toses metálicas. A mão do dr. Cataplasma tilintava quando tocava a porcelana. A pele de Beth não era realmente pele.

Ah.

— Você entende?

Jack assentiu com a cabeça para o dr. Cataplasma, embora ele não tivesse entendido, não tudo.

— Você pertencia a ela — disse a Beth, que não respondeu.

— Eu fiz treze. Cada uma melhor que a anterior. Beth foi a última. Ora, olhando para ela, dá para pensar que é inteiramente humana. Mas não é boa o suficiente. Corações são coisas complicadas, sabe? Faça as medições que quiser, ainda assim é impossível acertar. Jogaram-na fora sem pensar duas vezes. As pessoas dão corda nela de vez em quando. Beth pode vir para cá para sair da chuva se quiser. A Senhora não é flor que se cheire, e aquele safado do Lorcan é pior.

Então, filhos foram dados à Senhora, mas eles não a amaram, e por isso Lorcan, que Jack tinha conhecido como sr. Havelock, tinha ido roubar Jack. Ele apertou as mãos nos olhos.

O dr. Cataplasma levantou lentamente da cadeira, recolhendo as canecas.

— Se Lorcan conseguiu chegar nessa sua Londres, há uma maneira de voltar. É melhor você dormir agora. Amanhã vamos encontrá-lo.

— Mas por quê? — Jack perguntou na manhã seguinte. O dr. Cataplasma olhou para ele por cima de um ovo cozido. — Por que tenho que ir para casa?

O médico pensou naquilo.

— Sua mãe e seu pai devem estar sentindo sua falta, não?

Jack não estava totalmente convencido disso.

— Aqui é interessante. Londres é uma cidade chata, e eu quero aprender tudo sobre os mecanismos dos relógios. Sou bom com esse tipo de coisa.

A gema do ovo parecia grudada sobre a colher. Balançou quando o médico a levou à boca.

— Isso tem um preço, meu caro. Você não tem dimensão do que está pedindo.

— Então me explique — disse Jack num tom que teria lhe rendido uma surra da sra. Pond, mas que apenas fez com que a sobranceira espessa do dr. Cataplasma se levantasse.

— A glória do Império das Nuvens — disse ele, quase para si mesmo. — Olhe ao seu redor, rapaz. Você quer acabar como um de nós? Ele ergueu a mão de metal. — Vidas perdidas, doenças, pelo privilégio da indústria. Tenho que colocar pulmões novos em crianças antes que elas tenham respirado pela primeira vez. Dar-lhes olhos para que possam ver.

Melhor do que uma peruca e uma beca, pensou Jack, ou um escritório entre pilhas de papel, engasgando com a poeira e as contas. Mas ele não disse isso. Algo lhe dizia que o dr. Cataplasma não ia concordar.

— Não há esperança em Londinium, ou em qualquer parte do Império. Até mesmo os fantásticos confortos que as pessoas inventaram para lhes dar consolo foram esquecidos, se é que chegaram a existir *de verdade*. Não é seguro para você aqui. Você é tanto alvo de curiosidade para nós como nossas fadas e pássaros mecânicos devem ser para você. E se Sir Lorcan descobrir que o seguiu, bem, eu diria que isso é algo que não queremos que aconteça.

— Vou ter cuidado — disse Jack, pensando nos automóveis virando as esquinas, a máquina de lavar mal-encarada na sala lá embaixo que arrancaria um dedo sem hesitação.

— Se fosse tão simples assim...

— Se o quê fosse tão simples assim? — perguntou Beth, entrando no quarto.

— Minha querida, já conversamos sobre interrupções. Seu amigo aqui quer ficar. Beth virou seus estranhos olhos de vidro para Jack.

— Sim!

— Não. — A voz do médico era firme. — Tenho que cuidar de algumas coisas. Vão se divertir, vocês dois, e deixem a bola de cristal em paz.

Jack não tinha contado a eles sobre a coisa dentro da bola que a quebrou. Parecia que era só dele, de alguma forma, se é que não tinha realmente imaginado tudo aquilo. E, de qualquer forma, ele se sentia melhor por ter um segredo, certo como

estava de que o dr. Cataplasma e Beth ainda não tinham lhe contado tudo.

Beth mostrou-lhe como fazer as pessoinhas entrar e sair do trem e como controlar a locomotiva por meio de uma caixa estranha com botões que brilhavam quando pressionados. Juntos, eles o fizeram parar a cada estante, ao longo de uma das hastes do lustre, e ficar preso em um túnel dentro da parede até ouvirem gritinhos vindos lá de dentro.

Eles não podiam *obrigá-lo* a ir embora.

O pássaro na bola não era o único segredo de Jack. Ele tinha dito a Beth e ao dr. Cataplasma que seguira Lorcan através da porta, mas não explicara como havia feito isso. Não disse que o homem tinha esperado, os olhos escondidos atrás dos óculos escuros, que o sino desse doze badaladas. E que poderia ser igualmente simples voltar para casa novamente.

Havia outro relógio, dentro de uma campânula de vidro cor-de-rosa em cima da lareira. Jack esperou, apertou botões com Beth, ficou observando as pessoinhas com suas bolsas e compras correndo ao redor de grossos volumes encadernados em couro que certamente iam esmagá-los se tombassem. Os ponteiros, pontudos e afiados, varreram o tempo e fizeram a manhã passar.

UM SIMPLES PEDIDO

QUANDO LORCAN VOLTOU PARA A PORTA, não precisou esperar os sinos tocarem. E, de qualquer forma, eles não iam tocar mesmo. Daquele lado era necessário um truque diferente. Com os bolsos pesados, impaciente, entrou no quarto escuro, esperou um segundo e saiu novamente.

A luz queimou seus olhos. Pessoas detestáveis, com sua luz elétrica e cores brilhantes, e o sol — ah, o sol acima de tudo, sem tanta fumaça, vapor e fuligem para encobri-lo. Mas os óculos ajudavam. Tornavam suportável.

Ele mal se lembrava do grande incêndio ali. Era tão jovem, e acontecera havia muito tempo, mas com certeza a claridade tinha sido a mesma quando o fogo se abateu sobre o casebre onde Lorcan nascera. Mas ele se lembrava *bem* da moeda de ouro brilhante, como uma pequena chama, que tinha sido o seu preço, caindo na palma da mão manchada de fuligem de uma mulher cujo rosto Lorcan não conseguia mais lembrar. Seis bocas famintas tinham chorado por necessidade depois que o fogo se alastrou, e se o jovem bonito e simpático queria tirar uma delas de suas mãos sobrecarregadas de trabalho, bem, era uma bênção. Não durou mais do que alguns segundos, a troca da moeda pelo menino, e logo ele estava em um grande salão, em um grande palácio, com a mais importante das senhoras.

A Senhora. Era a partir daí que suas lembranças realmente começavam, e por isso

ele faria qualquer coisa por ela. O que a Senhora queria, ela teria, e a Senhora queria esse novo filho. O garoto ainda devia estar em casa, não tinha voltado para a escola, no norte.

Do lado de fora dos portões do Palácio de Westminster, diversas charretes aguardavam os pagamentos generosos saídos dos bolsos dos enérgicos lordes.

Uma cidade tão bonita. Era uma pena, aquelas pessoas, a luz. Mas ele orientara os arquitetos da Senhora a copiar as partes de que gostava. Ela se divertia governando sua própria Londres, como sempre deveria ter sido. Dois séculos antes, Londinium era uma bagunça, um amontoado de barracos remendados pelos descendentes dos pioneiros. Somente o palácio era bonito, embora Lorcan também o tivesse mudado ao longo dos anos.

Ele seguiu para Mayfair na carruagem com cheiro de mofo, acima da fossa de bateadores de carteira e pedintes, lixo e tédio.

A rua do garoto estava calma, a não ser por algumas carruagens agrupadas fora de sua casa. A tola, é claro, estava recebendo pessoas novamente, mas não importava. Na verdade, poderia até ser bom. Ela talvez não recusasse tão prontamente, não na frente de seus tolos convidados.

E se ela o fizesse... Bem, ele tinha outras maneiras.

Uma empregada jovem atendeu à campainha, o avental amarrotado, a saia com crostas de sujeira.

— Sou o sr. Lorcan Havelock. Vim ver a sra. Foster.

Tão educado. Tão cuidadoso. Por enquanto.

— A senhora não vai receber ninguém hoje, senhor — a garota fungou, possivelmente devido ao clima.

Lorcan franziu a testa, num movimento quase imperceptível.

— Meu assunto, na verdade, é com o jovem mestre Jack. Ele está?

A moça arregalou os olhos. Havia um lenço amarrotado em sua mão.

— Jack... — ela sussurrou. — Ele está desaparecido, senhor, desde ontem, e a sra. Pond foi despedida por não ter cuidado direito dele! Os policiais vieram até aqui, ficaram a noite toda, até de manhãzinha, mas ele não está em lugar nenhum! Como pode um menino não estar em lugar nenhum?

Desaparecido. Não podia ser.

— Eu *tenho* que ver a sra. Foster — Lorcan insistiu, a boca seca. — Posso ajudar. — Uma mentira branda. Quase.

A garota simplesmente não se moveu, mas era uma coisinha insignificante. Lorcan a empurrou e entrou no piso quadriculado. A porta do salão estava entreaberta, deixando passar um farfalhar de murmúrios e lágrimas.

— VOCÊ! O que fez com o meu filho? — gritou a tola no momento em que Lorcan entrou. Ele não tinha sangue nas veias, mas o imaginou lá, tornando-se gelo.

— Como disse? — perguntou com bastante cautela.

— O que significa isso? — perguntou um homem barbudo e corpulento, levantando-se de uma cadeira ao lado dela. Lorcan tirou os óculos, desnecessários com as cortinas fechadas e as lâmpadas fracas. Os olhos da sra. Foster estavam vermelhos, as presilhas caindo dos cabelos.

— Você me pediu Jack! O que fez com ele?

— Eu não peguei o garoto — disse Lorcan. Uma verdade bastante cuidadosa. — Não sei onde nesta cidade imensa ele possa estar. A senhora tem a minha palavra.

A tola murchou como se tivesse sido espetada com um alfinete.

— Este é o sr. Havelock, Wallace, querido — disse calmamente. — Da Sociedade Espiritualista. Mas o que ele está fazendo aqui, eu não sei. Não marcamos esta visita.

— Então vou agradecer se ele for embora — disse o marido. O pai do garoto. Meses e meses, e Lorcan mal teve vislumbres dele, caminhando da casa para a carruagem antes de o sol sair, retornando para um jantar à luz de velas e diamantes. — Jack está desaparecido. Não é o momento para suas bobagens.

Uma nova onda de lágrimas correu pelo rosto dela. Mas Lorcan não sentiu pena. Não havia espaço para isso, com toda a esperança que, de repente, brotava dentro dele.

Se conseguisse encontrar o menino primeiro, antes dos policiais, antes que ele voltasse para casa por vontade própria, cansado de aventura... Essas pessoas nunca saberiam que ele tinha sido encontrado. A dor agora estava no auge. Ia melhorar com o tempo, como acontecia com tantas outras coisas.

— Na verdade — disse Lorcan, sem se mover um centímetro no tapete —, eu acho que este é precisamente o momento. Sua boa esposa pode atestar minhas habilidades como espiritualista. — Truques, é certo, mas talvez não fossem um grande desperdício de tempo agora. — Veja bem, nós temos maneiras de fazer as coisas que os policiais não têm.

— Bobagem! — disse Wallace Foster, virando as costas, mas a tola sentou reta em sua cadeira.

— O senhor pode encontrá-lo?

— Talvez. Talvez. — Ah, sim. A Senhora ia conseguir o que desejava, e ficaria feliz e sorridente. Ela ia bater palmas e lhe dar maçãs e tudo ficaria bem em Londinium, mesmo que Londres se desmanchasse em pó. — Mas vou precisar de algo.

— Qualquer coisa, qualquer coisa que o senhor precisar.

Wallace Foster bufou, mas não disse uma palavra. Lorcan falou do que precisava, e

a empregada foi chamada.

Momentos depois, ele o segurava entre o polegar e o indicador. Alguns fios de cabelo. Quase nada, mas a menina tinha trocado as camas e limpado os pentes seguindo a instrução da sra. Pond, enquanto ela e Jack iam à loja de roupas.

Com um pouco de sorte, um único fio de cabelo seria suficiente.

O HOMEM COM MEIO ROSTO

— VAMOS TER DE DISFARÇAR VOCÊ — disse o dr. Cataplasma. — Não pode ficar trancado aqui para sempre, não se quisermos levá-lo para casa.

Casa. Ela já parecia distante a Jack, muito mais do que simplesmente do outro lado de uma porta. Casa era uma mansão e a sra. Pond. Ou um conjunto de salas de aula e dormitórios e o vozeirão do diretor Adams. Era bem no interior, ou era Londres.

Mas ali era Londres também. Quase. *Londinium*.

— Não podemos fazer um braço ou uma perna — o médico estava dizendo. — Muito complicado, a menos que você esteja disposto a perder um dos seus membros. Não? Bem, eu entendo. Alguma coisa, no entanto. Hummm. Aaaah.

Jack não gostou muito daquilo, mas o dr. Cataplasma tinha um argumento. Não havia nada a fazer com o tom rosado de sua pele, enquanto todo mundo ali era tão pálido. Pensou na tela de bronze usada pelo homem a quem ele havia pedido informações sobre como chegar a Mayfair, como se voltar para casa fosse muito simples, mesmo naquele momento.

— Olhos fechados. — O tom de voz do dr. Cataplasma foi tão parecido com o da sra. Pond que Jack fechou os olhos imediatamente.

Mãos lavadas.

Era frio, muito frio contra sua pele, e o cheiro metálico era tão forte que parecia

estar em sua boca. Uma correia de couro estava presa em volta de sua cabeça, puxando seu cabelo.

— O que acha, Beth? — perguntou o médico, e Jack entendeu isso como a permissão para abrir os olhos de novo. A oficina estava escura como breu, o vidro grosso dos óculos de proteção, como aqueles usados para soldar, ocultando a verdade. Aros de metal se apoiavam nas bochechas e acima das sobrancelhas, e sua cabeça tombava para a frente com o peso.

— Muito esperto — disse Beth. — Colocamos uma cartola e nem a própria mãe vai reconhecê-lo. Ah! Desculpe, Jack. — Através do vidro, ele a viu cobrir a boca com uma das mãos.

— Lembre-se de suas aulas, Beth, minha querida. — Ele franziu a testa. — Cérebro perfeito, tamanho perfeito, os melhores materiais possíveis — ele disse a Jack. — Mas mesmo assim às vezes ela diz coisas que não deveria.

— Tudo bem — murmurou Jack, lembrando-se da vez em que sua mãe tinha ido buscá-lo na escola e não o reconhecera entre o grupo de garotos.

A cartola foi colocada em sua cabeça. Era muito grande, mas ficou no lugar, sustentada convenientemente pelos óculos de proteção. Afundava um pouco na nuca. A corda de Beth foi girada ao máximo, e os três saíram pela porta, naquilo que o dr. Cataplasma descreveria como “uma missão tola para encontrar um tolo”.



— Ah, eu sei — disse Beth. O médico sorriu.

Era a primeira oportunidade, desde que Jack conhecesse Beth, de realmente olhar para Londinium, as pedras, as engrenagens e o vapor, e apreciar o que estava vendo. Os óculos dificultavam, mas ainda assim ele conseguia ver as enormes carruagens, barulhentas como um trovão, estovadas como cavalos de corrida, embora não conseguisse enxergar o que estava escrito na lateral. Em casa, aquelas propagandas eram sobre coisas perfeitamente normais, como pasta de dente e geleia, mas ele não achou que ali fosse o caso. Sua cabeça começou a ficar suada embaixo da cartola; o ar sufocava seus pulmões. Em todos os lugares — literalmente *em todos os lugares* — havia pessoas ruidosas e estridentes, com olhos de vidro colorido protuberantes ou óculos de proteção, como os que ele estava usando.

Nenhuma delas olhou mais de uma vez para Jack, apesar de várias terem tirado o chapéu para o médico, e uma ou duas terem inclinado a cabeça rápida e bruscamente ao passar por Beth. Muitos usavam uma grande máscara sobre a boca e o nariz, com telas de seda ou malha fina.

Jack desejou que pudesse ver tudo de uma vez. Levantou a cabeça pesada e imediatamente teve um sobressalto.

— O que é isso?

— Hummm? — O dr. Cataplasma virou a cabeça até ver a que Jack se referia. — Sim, sim, vergonhoso. Tenha um pouco de decência, seu vagabundo imundo. — A gárgula sorriu com os lábios de aço, acenou com uma garrafa de bebida escura de seu poleiro acima de uma porta e arrotou uma nuvem de vapor. — Criaturas fascinantes, muito a aprender, dimensões curiosas, é claro, mas são muitas vezes culpadas de misturar bebida com óleo, e então simplesmente ficam por aí, fazendo todo tipo de bagunça.

Jack manteve-a em seu campo de visão enquanto pôde, de forma que quase andou de costas. Ele tinha visto gárgulas antes, mas elas eram de pedra, não de metal liso, e estátuas não deveriam se mexer daquele jeito...

Seguiram pela rua. Jack se esforçava para enxergar o que havia atrás das vitrines, cheias de ervas cujos nomes ele não conseguia pronunciar, uma gaiola com diabretes feitos de engrenagens mecânicas, altos e magros, com uns trinta centímetros, pulando sobre as pernas arqueadas de cobre. Uma placa prometia que eles eram bons para tarefas domésticas e infalivelmente leais.

Sentiu-se tonto. O peso dos óculos e ficar apertando os olhos atrás deles para enxergar melhor fizeram sua cabeça doer, mas ele não conseguia parar de olhar, nem por todas as moedas do país.

— Para o metrô! — gritou o dr. Cataplasma, levando-os a um lance de escadas que surgiu na calçada.

Aquilo, Jack conhecia. Eles tinham um na sua Londres, mas a mãe nunca tinha deixado que ele viajasse nele. Era nojento, dizia, e cheio de ratos.

Jack seguiu Beth e o médico, sorrindo. Não importava para onde estava sendo levado. Sabia o segredo do relógio, mas nunca ia contar, porque queria ficar ali para sempre, dormindo atrás dos óculos e manchando o rosto rosa com fuligem, se precisasse.

Para baixo eles foram, entrando na estação, onde o dr. Cataplasma colocou moedas em uma máquina que chiava, até ela abrir as cancelas. Desceram de novo, até uma plataforma cheia de pessoas que não prestaram atenção neles.

Mas Jack ficou observando-as por trás do vidro pesado. Tentou adivinhar quais partes delas não eram feitas de carne e osso.

— Fique perto. — Um estrondo profundo fez o chão vibrar, um apito soou, e o médico teve de gritar para ser ouvido. Um vapor encheu a plataforma e Jack não conseguiu enxergar a própria mão diante do rosto quando a levantou. Corpos roçaram o dele, e uma pontada momentânea de medo o atravessou.

Beth pegou seu braço, levando-o para o trem. No interior, o ar estava quase limpo, e o dr. Cataplasma os levou a um compartimento exatamente igual àqueles em que Jack ia para a escola e voltava de lá. Um tecido áspero recobria os assentos, e havia lampiões acesos nas paredes. Beth acomodou-se em um banco — embora Jack não soubesse se ela poderia *não* ficar acomodada — e cruzou as mãos sobre o colo. Ele sentou ao lado dela, e o médico do outro lado.

A porta do compartimento se fechou, o apito soou novamente, e aos poucos eles começaram a se mover.

— Até onde vai?

Beth olhou através da janela, mas não havia nada além de escuridão.

— O trem?

— O Império.

O dr. Cataplasma inclinou a cabeça desgrenhada para o lado.

— Até onde *o seu* vai? — perguntou ele, daquela maneira que geralmente implica que a pessoa não espera uma resposta.

Através dos oceanos, até terras que Jack só tinha visto em mapas, e sobre as quais ouvira histórias de selvagens e cavaleiros. Ele limpou uma película de fuligem de seus óculos e não fez mais perguntas.

Pensou no trem em miniatura no salão e se perguntou se ele mesmo não estava em uma cidade em miniatura colocada sobre a mesa de um gigante. Provavelmente não, mas não parecia uma ideia tão fantástica àquela altura.

Eles desceram depois de umas poucas paradas. Logo estavam abrindo caminho em meio ao vapor de novo, quase cegos até chegar a escadas que os levaram de volta para

a rua.

O coração de Jack disparou. Acima dos telhados erguia-se a torre do relógio.

— Não perca tempo, rapaz.

Beth acelerou o passo, e Jack teve que fazer o mesmo. Ele poderia ficar para trás, escapar por um beco e despistá-los, mas o Império das Nuvens parecia uma aventura muito mais atraente com Beth e o médico para ajudá-lo, alimentá-lo e dar-lhe uma cama quente à noite.

Talvez Lorcan não fizesse isso, se conseguisse encontrá-lo, e ele era a única outra pessoa que Jack conhecia naquele lugar. Se o homem fosse tão mau quanto tinham dito...

Ele só tinha que torcer para estar certo sobre o relógio.

Parecia exatamente o mesmo. Todo o Palácio de Westminster. O mesmo do qual Jack tinha se aproximado, seguindo o sr. Havelock, o mágico, que ali era Sir Lorcan. O mesmo de onde ele havia saído debaixo de uma tempestade, ainda sem saber de nada, e corrido para encontrar a sra. Pond.

Não estava chovendo agora, e as pessoas, as fadas e as gárgulas incompreensíveis corriam pelas ruas e esperavam os automóveis passar.

— Doutor?

Ele olhou com paciência para Beth.

— Sim, minha querida?

— Que horas são?

E ela achava que *ele* era burro. Havia um enorme relógio, bem acima dela, mas quando Jack olhou para cima e abriu a boca, percebeu por que ela havia perguntado.

Certamente não eram 7h18, da manhã ou da noite.

— Essa coisa tem vontade própria — disse o dr. Cataplasma, tirando um relógio de bolso. — Sempre teve. Uma e meia, Beth. Vamos lá.

Eles cruzaram os portões de ferro que cercavam o palácio. Parecia ter passado muito mais do que um dia desde a última vez em que Jack estivera ali. De repente, ele não tinha tanta certeza. Era apenas uma esperança.

— Tudo bem aí, rapaz?

Ele confirmou com a cabeça lentamente.

— Muito bem, você entra, então. Vamos tentar.

Com o olhar deles em suas costas, Jack atravessou os portões e foi até a parede onde a porta tinha aparecido para Lorcan, e depois para ele. Com nada além dos ruídos altos da cidade, ele colocou a mão sobre a pedra.

E esperou. Em sua mente, imaginou as rachaduras crescendo, dividindo-se para formar uma porta. Ele conseguiu fazê-la aparecer da primeira vez. Será que

conseguiria fazer com que *não* aparecesse, se assim quisesse?

Talvez.

Talvez não.

Nada aconteceu.

— Não estou surpreso. — O dr. Cataplasma franziu o cenho para a torre e para Jack, como se os dois o tivessem desagradado. Possivelmente tinham. Mas Beth bateu palmas, houve um barulho como um toque de sinos, não como o grandalhão que tinha um nome bobo, mas aqueles que os cocheiros penduravam nos cavalos no Natal.

Jack tentou esconder o sorriso.

Eles não se demoraram na torre. O médico parecia pensar que era uma boa ideia sair de lá rapidamente e voltar ao metrô. Mas eles não foram para a rua Harleye. Em vez disso, embarcaram em um trem, como o primeiro, mas para o leste, fora do centro da cidade.

Mas esse trem não ficou no subsolo. Ele subiu, e subiu, até começar a correr em paralelo ao rio. Começou a chover, o que limpou o nevoeiro e salpicou as janelas com gotas compridas. Jack pressionou os óculos contra a janela, desesperado para ver tudo.

O trem foi diminuindo a velocidade até parar, mas Jack não prestou atenção nos passageiros que embarcavam e desembarcavam. Do outro lado da janela, uma coluna alta de pedra erguia-se do chão — o monumento onde ele certa vez havia subido com a sra. Pond, mas não era realmente o mesmo. E alguma coisa nele não estava certa.

— Está errado — disse ele a Beth e ao médico. — O topo está completamente diferente. Não deveria ser assim. De onde eu venho é uma urna, e não um...

— Xiu! — disse o médico. Um homem enrugado olhou para eles com curiosidade, e Jack sentiu o sangue se esvaír de seu rosto, sob os óculos de proteção que deveriam disfarçá-lo. — Maluquinho... — disse o dr. Cataplasma ao homem. — O rapaz não sabe o que diz metade do tempo. Sou médico dele, vou acompanhá-lo até o hospício.

Jack abriu a boca, mas não disse nada.

— Sem dúvida — respondeu asperamente o homem com os lábios secos, olhando para Jack. — Você sabe o que vão fazer com você lá, rapaz? Ah, não há conserto para você. Não, não. Vão amarrá-lo com correias e deixá-lo apodrecer. Ah, sim, é isso que eles vão fazer, exatamente o que você merece. — Ele pegou a maleta e saiu rapidamente pela porta do compartimento, provavelmente em busca de companhia mais desejável.

— Eu não sou louco — disse Jack.

O dr. Cataplasma balançou a cabeça.

— Melhor louco do que peço, rapaz.

Eles passaram o resto da viagem em silêncio, finalmente desembarcando no East End. Lá as ruas estavam escuras — mesmo naquilo que tentava se passar por dia —, mais movimentadas, e os edifícios ainda mais desgastados. Se o centro da cidade era uma grande dama, enfeitada com joias e vestida de seda, a periferia era uma velha dama de pantomima, com a maquiagem manchada, imitações de rubi caindo dos sapatos e correndo como sangue nas sarjetas.

Ali os homens cheiravam a suor, e os vestidos das senhoras eram velhos e rasgados. Jack viu um sujeito com o braço terminando no cotovelo, sem dinheiro para substituí-lo por uma das engenhosas mãos de metal do dr. Cataplasma. Crianças, magérrimas e vestidas com trapos, corriam descalças para mendigar uma caneca de água de uma velha desdentada sentada atrás de um balde enferrujado. Uma delas estava sentada no meio-fio, alisando um corte em uma das pernas.

As veias estavam pretas.

O dr. Cataplasma parou, ajoelhou-se diante da garota e enfiou a mão na grande bolsa de couro para pegar um curativo. Demorou apenas um minuto ou dois, então ele deu a ela um centavo e mandou-a embora.

— Fiquem por perto — ele ordenou a Jack e Beth. O menino não tinha intenção de fazer o contrário enquanto se aprofundavam no labirinto de ruas tortuosas e malcheirosas. Mesas de um restaurante esparramavam-se sobre o calçamento, cheias de almas arruinadas e copos de cerveja, limonada e coalhada. O PÁSSARO FLAMEJANTE, dizia uma placa rachada acima da pintura desbotada de um pássaro dourado em meio a uma grinalda em chamas. Bêbados, metade carne, metade metal enferrujado, tropeçavam na porta e entravam no labirinto de ruas estreitas.

Mesmo em sua Londres, Jack nunca teria sido levado a um lugar assim. Não havia plumas ali, nem candelabros dourados e conservatórios tilintando com a chuva de notas musicais dos pianos. Não havia governantas para fazer bolo todos os dias, nem filhos sendo mandados para a escola com o objetivo de se preparar para carreiras no Parlamento ou na Coroa, ou então para assumir os negócios da família.

Entraram em um beco tão estreito que tiveram de andar um atrás do outro, o médico na frente com seus passos rápidos e bruscos, Beth mancando atrás de Jack. Paredes rachadas apareceram, bloqueando até mesmo o céu cinza-escuro. Não havia esperança de luz solar ali.

Parecia a Jack que nada ali tinha esperança. Ele achou estranho que um homem tão fino — ainda que ligeiramente excêntrico — como o dr. Cataplasma tivesse sequer um conhecido naquele lugar horrível, triste e fascinante, mas o médico movia-se com

rapidez e decisão.

— Ele tem uma pistola na bolsa — Beth sussurrou.

Isso seria útil apenas se ele soubesse como usá-la, pensou Jack.

Havia um arco coberto de lodo no final do beco. Cogumelos em forma de boca tentaram mordê-los pelo caminho, e uma língua úmida e comprida passou sobre a bochecha de Jack. Ele a limpou com a palma da mão, e o lugar começou a formigar.

— Não é venenoso — assegurou o dr. Cataplasma. Ele franziu a testa. — Na maioria das vezes, de qualquer modo. — O médico guiou o caminho através de um pátio coberto de mato, o ar úmido o suficiente para que se pudesse bebê-lo. Em um dos cantos, uma fada pisava em uma flor solitária e ria com som de vidro quebrado. A casa, se é que se podia chamar assim, parecia montada com quaisquer pedaços de aço e tijolos que puderam ser surrupiados, e a porta não tinha aldraba nem número nem nome. Não era um lugar que seria encontrado por acaso.

Farpas de madeira saltaram a cada batida da mão de metal do médico. Jack duvidava que alguém estivesse em casa, tinha certeza de que tinham vindo de tão longe para nada, e não conseguiriam fazer o que quer que fosse que o médico não revelava. Eles ficaram lá por cinco minutos, fazendo um barulho assustador, mas nem o médico nem Beth desanimaram, embora Jack admitisse que, pelo menos em relação à menina, isso seria difícil de dizer.

— Xenócrates! Visitantes! Pare de ser rude e deixe-nos entrar — chamou o médico.

Um assoalho rangeu lá dentro. A maçaneta girou e, lentamente, a porta podre se abriu.

— Você é persistente mesmo! — disse uma voz. Um homem saiu da escuridão para a área menos escura da porta. Jack ficou atrás de Beth. Olhos esbugalhados, um de vidro marrom, um azul com uma fenda profunda no meio, assomavam de uma pele escamosa e doente. Isso porque ali *havia* uma pele. Ela terminava em suas bochechas, fundindo-se com uma mandíbula de bronze cravejada com dentes de marfim. A pele reaparecia logo acima do colarinho sujo.

Ele flagrou Jack olhando.

— O último sujeito que tentou me dar uma surra se arrependeu. Quem é esse, então? — perguntou ao dr. Cataplasma, que riu.

— Pare de provocá-lo, velho amigo. Jack, eu lhe apresento Xenócrates Fink. Xenó, este é Jack Foster. Ele precisa da sua ajuda.

POSSIBILIDADES

A CASA EM RUÍNAS ERA MAIS LIMPA POR DENTRO do que Jack esperava, mas a sra. Pond teria desmaiado diante das teias de aranha nos cantos e das xícaras pela metade nas mesas.

Livros enfileiravam-se em todas as paredes. A sala cheirava a neve e tinta, a fogo-fátuo e luar. Um gato sem rabo dormia em uma poltrona. Frascos pequenos com líquidos oleosos e coloridos como joias estavam pendurados em uma lâmpada incandescente. Uma fada voou através de uma janela quebrada para beber de um deles, o violeta. Um globo girava sozinho em um suporte de madeira, mas não tinha quase nenhuma semelhança com os que Jack vira em casa.

Aquele mostrava apenas os países do Império, flutuando em um mar de azul. Como se alguém tivesse raspado os outros e deixado apenas a ilha em que estavam e mais algumas, muito longe.

— O Xeno aqui e eu temos o que você poderia chamar de *interesses em comum* — disse o dr. Cataplasma.

— *Voê* poderia dizer isso — completou Xenócrates Fink.

— E estaria correto, como quase sempre estou.

— Acho que você pensa muito de si mesmo...

Beth espantou o gato com um cutucão e sentou em seu lugar. Ele se afastou, miando choroso, enquanto ela pegava um livro aberto sobre o braço da cadeira. Jack

retirou os óculos, mas a lombada estava muito desbotada para que conseguisse ler.

— Como eu ia dizendo — o médico limpou a garganta —, interesses em comum. Ambos somos cientistas, mas enquanto eu me ocupo com as porcas e parafusos bem mais sensatos, por assim dizer, o foco dele está mais nas, hã, artes etéreas.

— Foi Xeno quem me deu vida — disse Beth, sem tirar os olhos do livro.

— E fez um trabalho magnífico, pois sem ele você seria um autômato irracional, boa apenas para os estaleiros.

— Como, sr. Fink? Como o senhor faz isso? — perguntou Jack. Ele não sabia, até agora, que o médico precisava de ajuda, que não era simplesmente uma questão de encontrar as engrenagens certas em sua oficina.

— Pode me chamar de Xeno, se quiser. Nada de formalidades aqui. Um pouco disso, um pouco daquilo. Mantenho as fadas felizes com o néctar... Óleos com sabor, noz-moscada, lavanda... e elas ajudam. Dão uma pitada de magia onde é necessário. Agora, o que você precisa de mim? Decerto não é uma alma, a menos que meus olhos estejam me enganando. — Ele riu amargamente por entre os dentes. — Um cérebro? Por acaso você é meio tonto?

— Não — disse Jack, franzindo a testa.

— Precisamos saber sobre portas, Xeno. O jovem Jack aqui acabou do lado errado de uma.

— Negócio arriscado — disse Xeno.

— Eu não fiz de propósito. — Só que, de certa maneira, Jack tinha feito. Ele ficou em silêncio enquanto o dr. Cataplasma contava a história, ou tanto quanto ele sabia sobre o ocorrido. De vez em quando, Xeno corria para puxar um livro de uma prateleira, a fenda no olho azul deslizando sobre as palavras.

— Não teve sorte quando tentou voltar?

Jack viu outra fada, pequena como uma libélula, tomar um gole de óleo esmeralda.

— É — disse ele com cuidado.

— Hummm. Farei algumas investigações. Discretamente, é claro. Melhor mantê-lo escondido ou disfarçado, Cataplasma. Lorcan é um sujeito bem desagradável, assim como a Senhora. Os dois querem nos levar para uma guerra com as colônias, como se não tivéssemos problemas o bastante aqui.

— É o bastante — disse o médico, olhando para Jack e Beth.

— Sim, sim, claro. Agora, você tem de me contar sobre a sua terra. — Xeno tirou uma pilha de papéis de uma cadeira e convidou Jack a se sentar, a mandíbula de metal sorrindo. Uma luz brilhava por trás de seus olhos.

— Hum... tudo bem. — E assim ele o fez. Contou o que sabia, o que tinha

aprendido na escola e com a sra. Pond, e o que escutara escondido de conversas em jantares elegantes, depois que era mandado para a cama. Xeno ouviu fascinado, e até mesmo Beth deixou o livro de lado quando Jack descreveu a luz elétrica.

Para eles, aquilo parecia mágico. Mas Jack achava chato em comparação com as fadas, as engrenagens e as pessoas com pedaços de metal por todo o corpo.

Uma coisa lhe ocorreu, passando da parte de trás de sua cabeça para a da frente.

— O senhor acha que existem outras? Portas, quero dizer.

Xeno não tinha lábios para juntar enquanto pensava, mas parecia que ele faria isso se fosse possível. O dr. Cataplasma passou a mão verdadeira no tufo de cabelos em cima da cabeça, e Beth esperou.

De repente, Xeno riu. Um riso como um chiado áspero, os dentes de marfim batendo juntos.

— Outras? É claro que sim. Em algum lugar lá fora deve haver um mundo governado por água, ou luz solar. Prédios podem estar pendurados no céu, as pessoas fazendo compras de cabeça para baixo. A chave para isso — ele abriu os braços, e uma fada de aço se acendeu na manga de sua camisa amarrotada — é aceitar que tudo é possível.

Xeno serviu pão e queijo de almoço, e havia um jarro de água fria para lavar a fuligem que havia na boca e na garganta de Jack. Beth não comeu nada, mas uma xícara de óleo foi colocada para ela, que bebeu, obediente. O médico discutiu com Xeno até que apenas migalhas permaneceram sobre a mesa, as palavras rápidas e a conversa tão cheia de interrupções que Jack desistiu de tentar acompanhar.

— Sabe — disse Xeno, colocando a faca sobre a mesa —, existe uma possibilidade...

— Não, não existe — disse o médico, com um olhar de quem sabe mais do que demonstra. — Não é possível que você acredite nisso ainda. É um *mito*, velho amigo, e não quero que dê falsas esperanças ao rapaz.

— O que é um mito?

— É uma espécie de história — sugeriu Beth.

— Isso eu sei — disse Jack. Claramente ela ainda achava que ele era burro. — Eu quis dizer: de que mito você está falando, Xeno?

— Não importa. — O médico olhou firme para Jack. — Beth, por que você não o leva lá fora?

A menina o guiou através de uma cozinha minúscula e desarrumada até um pequeno jardim, mais bem cuidado do que o pátio. Borboletas de asas frágeis voavam

em bandos com as de metal. Flores enormes cresciam em um ofuscante tumulto de cores. Mais cogumelos com línguas estavam agarrados às paredes, batendo uns nos outros.

Acima, o céu estava quase escuro como a noite, as nuvens espessas prendendo as luzes da cidade, proporcionando apenas o suficiente para enxergar.

Ele queria perguntar a Beth de que mito eles tinham falado. Com certeza ela sabia, mas ia soar como se ele quisesse ir para casa. Como se quisesse esperança, falsa ou não. Então Jack ficou em silêncio, observando como ela circulava pelos canteiros de flores.

Uma fada, não maior do que seu polegar, chamou sua atenção ao correr para cutucar seu sapato. Através do couro grosso, ele não sentia nada, não importava o quanto a criatura se esforçasse.

Jack inclinou-se, colocando a mão perto, fazendo como Wilson tinha lhe ensinado para pegar joaninhas. A fada inclinou o rosto para Jack e parecia quase humana; olhos, nariz e boca eram de aço, mas, fora isso, eram como os de uma pessoa. Ela subiu lentamente sobre a palma da mão dele, e Jack, com muito cuidado, muito lentamente, endireitou-se, elevando-a à altura de seus olhos.

— Olá — disse ele. A fada olhou para Jack com curiosidade, mas sem os beliscões e cutucões desagradáveis que tinha visto nas outras. Talvez os néctares oleosos de Xeno domassem as que viviam ali.

Ela não respondeu, mas traçou um círculo, pés minúsculos fazendo cócegas em Jack. Asas filigranadas se alvoroçaram, não rápido o suficiente para fazê-la voar.

Ao contrário de Beth, a fada não tinha nada que poderia ser chamado de *pele*, mas era fácil perceber que Beth seria daquele jeito sem nenhuma cobertura. Cada osso cuidadosamente formado, dobradiças nos joelhos, cotovelos e juntas. Filamentos finos brotando de sua cabeça como cabelos.

Será que doeria se Jack a desmontasse? Ele a remontaria, é claro, mas talvez fosse cruel fazer algo assim. Quem as consertava quando elas quebravam? Ou será que podiam consertar a si mesmas, ou umas às outras?

Por serem mágicas, Jack se perguntou se essa não seria a maneira mais simples.

— Não! — Ele fez uma careta para Beth quando ela correu para ele, passos pesados, e a fada guinchou, pulando no ar e voando até não ser mais vista.

Beth encolheu os ombros, despreocupada.

— Tem de monte. Você pega outra.

Mas não havia chance de pegar outra para decifrar como elas funcionavam. A cabeça do dr. Cataplasma apareceu na porta para chamá-los para entrar e se despedir. Xeno saudou-os quando saíram da casa, e Jack se lembrou do que havia dito pouco

antes: tudo era possível.

Jack ficou pensando nisso durante todo o caminho de volta para a rua Harleye. Eles pegaram o trem de novo, Jack um pouco menos perdido dessa vez, agora que sabia o que esperar.

De novo na rua, a fuligem do dia pairava grossa e preta. Não tinha chovido ali para limpar o ar. Através dos óculos de proteção, Jack viu as casas, os escritórios e as torres de Londinium que apareciam entre as nuvens, os telhados completamente ocultos.

Ele estava um pouco cansado, e seu peito ardia a cada respiração.

Mas tudo era possível. Jack poderia aprender magia, ou o funcionamento das engrenagens de relógio, e ali as coisas não eram tão diferentes de Londres. Estavam interligadas, alimentando-se umas às outras. Criaturas mecânicas que voavam e pensavam sozinhas, mistério e maravilha baseados no metal que havia em toda parte.

Era tolice pensar que ele tinha que ficar escondido. Isso não era nada diferente do que o que sua mãe fazia com ele, e, além disso, ninguém tinha comentado como ele era rosado durante todo o tempo em que esteve fora.

Jack queria viver aventuras, explorar. Havia tanta coisa para ver, através do vidro grosso dos óculos de proteção ou não. Ele queria saber como tudo era montado. Como tudo aquilo *funcionava*.

A oficina do dr. Cataplasma estava cheia de barulhos metálicos e outros ruídos quando eles entraram. No andar de cima, o trem dava a volta pela sala, levando os passageiros em sua viagem de ida e volta para lugar nenhum.

— Tenho algumas coisas para fazer lá embaixo — disse o médico depois que se livraram de seus casacos e sapatos, e, no caso de Jack, dos óculos de proteção e da cartola. — Comportem-se, vocês dois.

Mas Jack não queria ficar sentado lá.

— Posso ajudar? — ele perguntou.

O dr. Cataplasma olhou para ele como se o avaliasse. — Tudo bem. Vamos ver se você é bom com esse tipo de coisa, como diz. Mas veja bem: se fizer alguma bobagem, volta direto aqui para cima.

Jack assentiu com a cabeça, sério. Beth seguiu-os, encontrando um banquinho no canto de onde poderia ficar olhando. O médico colocou sobre a bancada algumas caixas de parafusos e outras pecinhas de bronze, chapas, engrenagens e rodas. Uma bolsa de pano tinha todo tipo de ferramenta, desde martelos tão grandes quanto o braço de Jack até chaves de porca pequenas como agulhas de costura.

— O que vamos fazer?

— A-há! — De dentro de um saco de estopa escondido atrás de uma das mesas, o dr. Cataplasma tirou um pé. Ele o colocou sobre a bancada e, diante de seus olhos, o pé foi pulando até a borda e em seguida caiu no chão com um barulhão: *dang*.

— Por favor, pode pegá-lo, rapaz? Ele não vai parar de fazer isso. O proprietário não está satisfeito com esse sapatado em todo lugar, dia e noite. Eu lhe disse que ia examinar.

Jack apanhou o pé, que não era exatamente fácil de carregar, pois ficava tentando pular. Ele o segurou com força, enquanto o médico rapidamente removia peça após peça, colocando-as em fileira, até que a coisa deu um último pontapé e finalmente ficou imóvel, metade dela ainda um labirinto de metal.

— Certo. É possível que algo o tenha corrompido, alguma coisa de fadas ou sabe-se lá o quê, e agora ele tem vida própria. Mas primeiro vamos tentar as coisas habituais. Tome, rapaz — o médico colocou uma chave de fenda na mão de Jack. — Mostre-me como resolveria isso.

Eles estavam esperando que Jack fizesse alguma tolice. Não porque fossem rudes, pelo contrário: o dr. Cataplasma tinha sido muito gentil, e Beth era muito boa para uma menina sem coração. Mas Jack era um estranho ali.

Ele avaliou todas as peças: parafusos e barras, pedaços ligeiramente curvos que claramente eram as unhas dos pés, o pedaço que o médico não tinha desmontado. As outras máquinas na sala faziam barulhos semelhantes a pequenas explosões junto com seus pensamentos.

As engrenagens encaixavam-se perfeitamente umas nas outras, as rodas giravam com um simples movimento. Todo o barulho, a algazarra, a sensação de olhos sobre ele desapareceram.

Jack pegou a chave de fenda do dr. Cataplasma e começou a trabalhar no resto do pé.

Estranho, realmente, pensar que era um pé. Um homem caminhava com ele, passava o dia com ele, talvez o tirasse todas as noites para dormir, e certamente o protegia durante o banho.

Uma a uma, as peças se soltaram, até que apenas um pequeno grupo de partes de metal, parafusadas de maneira tão apertada que eram quase um nódulo sólido, manteve-se em cima da mesa.

— Precisa de ajuda, rapaz? — perguntou o médico.

Jack enxugou a testa com a manga da camisa.

— Não — respondeu, ofegando com o esforço de afrouxar os parafusos. Uma engrenagem se soltou, saltando sobre a mesa.

Algo chiou. Uma névoa rosa apareceu. Faíscas saíram e desapareceram dentro dela.

— Beth. Um frasco, por favor. Depressa.

Jack olhou para a nuvem subindo acima da bancada enquanto Beth entregava um pequeno frasco pesado e com tampa ao médico. Um movimento rápido e a coisa rosa estranha foi presa, zumbindo e chiando contra o vidro.

— Isso explica tudo — disse o médico.

— O que é isso? — Jack viu mais faíscas explodirem. — Magia de fadas?

— Não sei se podemos chamar de magia, se tudo tem uma alma. Esse pedacinho ficou preso onde não deveria estar, só isso. Não é o suficiente para compor uma alma inteira. Duvido que a criatura tenha sentido falta dele.

— De que tamanho... de que tamanho é uma inteira?

— Depende. É preciso de cerca de uma garrafa de conhaque para uma fada, e uma maior para uma pessoa. Ainda bem que conseguimos resolver isso. Você não fez um mau trabalho, rapaz. Acha que pode remontar tudo?

Jack achou que sim, e o fez. Era uma tarefa trabalhosa, e uma ou duas vezes o médico pigarreou, indicando a ele que estava prestes a usar uma peça errada, mas de maneira muito gentil. Finalmente, o pé, completo e brilhante depois de um polimento rápido, estava de volta em seu saco de estopa debaixo da mesa.

No jantar, o dr. Cataplasma serviu um ensopado grosso para si e para Jack, e outra xícara de óleo para Beth. Logo depois, as mãos dela começaram se mover de maneira mais lenta, e as palavras começaram a ficar indistintas. Ela se acomodou em uma poltrona e ficou imóvel, com as mãos cruzadas sobre seu belo vestido puído. O dr. Cataplasma arrastou uma banheira enorme feita de cobre para a cozinha e encheu-a para Jack com várias panelas de água quente.

O sabão era negro, mas ensaboava bem o suficiente, e foi ótimo sentir-se limpo.

A camisola chegava-lhe nos tornozelos, como o uniforme listrado de um prisioneiro.

Ele escolheu um livro — *As personalidades da luz estelar*, de F. Z. Montague —, só porque estava ali perto. A casa estava aconchegante, com o fogo aceso, o cheiro do ensopado ainda no ar. Se estivesse em Londres, já teria sido mandado para a cama, e ficaria escondido enquanto seus pais entretinham as visitas, e não sentado em uma linda sala quente, lendo em silêncio na agradável companhia de um médico estranho e uma menina de corda mais estranha ainda. Ele leu até que a corda de Beth acabou e o médico deu-lhe boa-noite, e em seguida caiu sobre os cobertores e dormiu um sono tranquilo.

UM PLANO EM AÇÃO

QUANDO O PRIMEIRO HOMEM FOI ENFORCADO, Lorcan apenas observou. Não era ninguém que tivesse alguma importância, um sujeito simplesmente tirado da rua. Com a corda no pescoço, ele caiu com tanta força que a tela alojada em suas narinas saltou para longe, fazendo barulho contra as tábuas de madeira.

Apenas algumas pessoas estavam lá para ver, mas a notícia se espalharia. O medo ia atravessar a cidade em ondas, e seria intenso o bastante para alcançar o rapaz, onde quer que estivesse escondido.

Na verdade, seria muito mais fácil agora do que teria sido convencer a tola a deixá-lo ir, ou mesmo do que surrupiar a criança de sua casa em Londres na calada da noite. Um plano estava começando a se formar em sua cabeça, baseado em seu próprio conhecimento secreto.

E, quando Lorcan planejava e tramava, era sempre com o rigor metódico de um homem que teve muitas vidas para aperfeiçoar seu ofício. Ele havia liderado exércitos na guerra e saído vitorioso, construído aquela Londres para se equiparar à outra para a felicidade da Senhora, manteve seus próprios segredos escondidos onde ninguém jamais iria encontrá-los.

Agora não fazia nenhum sentido tentar descobrir exatamente como o menino tinha conseguido atravessar a porta. O cabelo retirado de seu quarto fora suficiente para dar a

Lorcan um breve vislumbre, o suficiente para mostrar que o menino passara por ela.

Pequenas mãos sobre a pedra onde Lorcan tinha estado segundos antes. As rachaduras aumentando de tamanho.

Ele só precisava ter se virado para trás, apenas uma vez, e teria pego o menino.

Lorcan disse um palavrão. O lacaio na porta da sala do trono teve um sobressalto.

Por mais perplexo que estivesse, o rapaz estava *ali*, e isso tornava tudo muito mais fácil, mesmo que essa ideia fosse preocupante.

Lorcan não podia deixar de pensar que talvez tivesse escolhido bem demais; o menino tinha algum tipo de magia nele, essa era a única explicação. Ainda assim, isso ia agradar à Senhora quando o menino fosse dela, o que ocorreria em breve.

E tinha sido útil. Agora havia apenas a questão de fornecer um pouco de incentivo.

— Lorcan — disse a Senhora quando ele entrou. — Alguma novidade?

— Nenhuma ainda, Senhora. Mas logo, logo. — Certamente o menino apareceria.

— Traga-o para mim, Lorcan. Estou cansada de esperar.

— Sim, Senhora.

Se o plano de Lorcan desse certo, ele não teria que encontrá-lo. O menino viria até ele.

Na rua, Lorcan ergueu a mão e apontou para uma transeunte, bonita em um vestido ameixa.

— Aquela. — Ele não olhou quando os guardas do palácio a agarraram, ou quando ela ficou se debatendo ao perceber o que estavam fazendo. Lorcan ouviu seus chutes e seus gritos através da janela do veículo até que o motorista ligou o motor e o jato de vapor obscureceu tudo.

Era uma viagem curta até o cadafalso, onde uma multidão maior do que a da véspera havia se reunido. Bom. Muito bom. É claro que eles estavam lá para testemunhar o enforcamento, por alívio de não ter seu próprio pescoço quebrado, mas Lorcan não podia culpá-los por isso.

Ele apenas esperava.

Minutos depois, a corda balançou, e a mulher também. Lorcan demorou apenas o tempo suficiente para confirmar a morte.

Esperava que não precisasse mais do que isso. Qualquer criança com um coração ia querer parar aquilo, com certeza. Um coração para amar a Senhora. Esse tinha sido o problema com as experiências fracassadas daquele médico idiota.

Afastando-se da força, com as pedras escorregadias pela fuligem, ele voltou para o veículo, envolto em uma espécie de gaze de vapor.

Que bela cidade. Ficou cheio de orgulho. As pessoas ocupadas, em toda parte os

ruídos e zumbidos do trabalho duro. Nos demais lugares, a magia suave que viera antes dele. A mesma magia que garantia que ele ia viver tanto quanto as fadas.

Tanto quanto a Senhora. Para sempre, ele daria a ela tudo o que ela quisesse, como um bom filho faria, mesmo que não quisesse.

Então, primeiro, o menino.

O veículo deixou-o a alguns minutos de seu destino, pois não era sensato permitir que o soldado ao volante o visse aproximar-se da torre.

Enquanto caminhava, retirou do bolso um pequeno aparelho protegido por várias camadas de pano, que havia conseguido com um metalúrgico.

Por um segundo, medido pelo relógio no alto, ele pensou em visitar Londres, a outra cidade, uma última vez. Não. Não havia necessidade.

Seus dedos começaram a formigar com o calor quando se aproximou. Árvores enegrecidas ao longo do rio estremeceram, estreladas com os pontos prateados de pássaros pousados. O pano voou para longe quando ele virou a engenhoca na mão, tendo cuidado para não apertar com força suficiente para quebrar o frasco de querosene dentro.

Lorcan girou a chave que ia liberar a faísca. Apenas o suficiente para lhe dar tempo para se afastar da parede onde a porta não mais existiria dentro de cinco... quatro...

Não foi uma explosão enorme. Pedras voaram e acertaram o chão.

Ele se conformou. Ia enviar alguém para consertá-la mais tarde, refazê-la completamente, mas os poderes estavam perdidos. A torre em si ainda estava segura e forte, muito bem feita para ser abalada pela pequena destruição.

Levou vários minutos para subir as escadas, para ver o céu queimando com o pôr do sol, vermelho e dourado. Sua pele formigou. Ele havia retirado as peças do relógio do bolso, então as recolocou em seu devido lugar, e escutou o tique-taque alto em seus ouvidos.

O menino tinha magia nele — uma afinidade, pelo menos —, ou nunca teria encontrado a porta. E Lorcan tinha a sua, mais forte do que nunca naquele lugar, com vista para a grande cidade que tinha feito para a Senhora. Não precisava ir até ali para fazer aquela mágica em particular, mas, de alguma forma, tinha uma sensação boa ao fazê-lo. O menino entrara furtivamente no Império por ali. Respirou fundo. Ele nunca tinha feito isso antes, o risco de que alguém pudesse descobrir como conseguia era muito grande, mas valeria a pena para pegar o garoto, que certamente não conhecia a lenda. Lorcan não tinha nenhuma dúvida de que o menino ia ouvir.

— Venha até mim.

O sino começou a bater.

E A FORÇA BALANÇOU

OS OLHOS DE JACK SE ABRIRAM. Ele tinha cochilado, aquecido pelo fogo e com a barriga cheia. Os sinos repicavam por toda a cidade, marcando a hora, soando através da névoa preta manchada por um pôr do sol vermelho e dourado. O relógio temperamental estava funcionando novamente.

Venha para mim. Sei que você está aqui, pequeno Jack Foster.

Ele piscou.

— Quem disse isso? — perguntou.

Da poltrona onde estava, o dr. Cataplasma olhou para ele, perplexo.

— O que fô, rapaz?

— Acho que ouvi... — Não, ele sabia que tinha ouvido uma voz, uma voz de homem, e parecia que a escutara em seu sonho também. Mas talvez não fosse inteligente dizer isso em voz alta. Ele acabaria no hospício, como o homem no trem tinha dito, amarrado em uma camisa de força até que seus ossos ficassem mais finos e se desintegrassem, e seus pulmões se tornassem pretos.

Eu sei que está aqui, a voz em sua cabeça repetiu. Destruí a porta e você nunca mais vai voltar para casa. Venha até mim, debaixo do relógio. Você vai ser o filho mais precioso do Império das Nuvens.

A voz parou, e Jack soltou a respiração. Destruíu a porta? Bem, se era verdade,

não havia problema nenhum. Ele não queria voltar mesmo.

Os dois primeiros não foram sua culpa. Você não sabia, mas agora sabe. Um por dia, pequeno Jack. O sangue deles ficará em suas mãos. Um por dia até que você venha a mim.

O corpo de Jack começou a tremer. Ele não precisou pensar muito para descobrir do que a voz estava falando. Os enforcamentos. Quando chegou a notícia do primeiro, o médico balançou a cabeça e Beth sussurrou para Jack que a Senhora devia estar aborrecida com alguma coisa. Cinco, dez, vinte pessoas encontrariam seu fim antes que ela se cansasse e mudasse de obsessão.

— Está tudo bem, rapaz? Você está pálido como um de nós.

— Sim — o menino sussurrou.

Mas com toda a certeza não estava.

O terceiro enforcamento atraiu dez mil espectadores, todos muito elegantes, anéis brilhando nos dedos que apontavam — ou as próprias mãos refletindo a luz.

Para o quarto, foram vendidos ingressos, e as pessoas se acotovelavam para conseguir o melhor lugar. Dizia-se que os lucros iam custear outra aeronave para a frota que Jack tinha visto voando em sua primeira tarde no Império.

A cidade escureceu com medo. Xeno apareceu por lá brevemente e o médico gritou com ele por caminhar sozinho pelas ruas. Os bolsos de moques de rua ficavam pesados com moedas, que era a recompensa por escoltar com segurança ao seu destino aqueles que podiam pagar.

Jack leu tudo isso nos jornais até que o dr. Cataplasma os levou embora, dizendo que olhos tão jovens não precisavam ver aquelas coisas.

Mas Jack *precisava* ver. Os enforcamentos eram culpa dele. A voz tinha dito isso.

Ele ainda não tinha contado ao médico ou a Beth sobre a voz. Sabia o que acontecia com gente louca, e ali não parecia ser melhor do que em Londres. Talvez fosse pior. Todo o metal e as engrenagens não poderiam curar as doenças da mente.

Venha para mim.

Era a voz de Lorcan, Jack sabia. Lembrava-se de ouvi-la através da fechadura do salão de casa. Todo fim de tarde, ao pôr do sol, as fadas se reuniam sob as lâmpadas de gás e as pessoas se reuniam ao redor do cadafalso, e Lorcan falou com Jack quando o sino tocou.

Você pode pôr um fim nisso.

E então a forca balançou. Jack, amontoado em cobertores bolorentos e cheios de pó, tentou não imaginar o momento em que o alçapão se abriria. A madeira rangeria, e o homem ou a mulher sufocaria. Talvez suas mãos estivessem amarradas às costas para

não puxar a corda. Os pés, no entanto, estariam soltos, e eles chutariam, lutando para conseguir um pouco do ar oleoso.

Venha, pequeno Jack, e isso tudo vai acabar.

Ele tapou os ouvidos, o que motivou um olhar estranho do médico, outro levemente curioso de Beth, mas não adiantou, nem um pouco.

— Que triste deve ser para as famílias — disse Beth, batendo os calcanhares enquanto Jack e o dr. Cataplasma cuidavam de um braço na oficina. — Vou ler lá em cima.

— Uma boa menina — disse o médico com carinho, medindo o cotovelo. — Ela tenta. Às vezes me pergunto se lhe ensinei bem demais; até hoje ela se preocupa com a Senhora, porque é gentil, mesmo que aquela mulher não mereça preocupação. Beth é definitivamente meu melhor trabalho.

— Ela disse que havia outras. Doze delas.

— Humm. Precisa de mais alguns centímetros. Sim, as outras, sim.

— Onde estão?

O médico revirou suas ferramentas por um momento.

— Todas em pedaços agora — disse ele, bastante triste. — Não posso dizer isso a ela. A menina pode não ter um coração, mas tem uma alma, a melhor que Xeno conseguiu. Poderia assustá-la. Beth poderia pensar que alguém vai fazer o mesmo com ela.

— E não seria verdade?

— Não vou permitir isso. Ora, ela não está prejudicando ninguém, está? Alegria o lugar, sempre com aquele sorriso no rosto.

Ocorreu a Jack que, sem ele e Beth, o médico passaria a maior parte do tempo sozinho. Ele nem mesmo tinha alguém que arrumasse as coisas para ele, como a sra. Pond, muito menos uma esposa e uma família. À sua maneira, Beth deveria ser como uma filha para ele.

Jack abriu a boca e fechou-a novamente. Não, ele não devia dizer uma só palavra sobre a voz, ou admitir que sabia como chegar em casa, mas que agora não podia mais fazê-lo porque Lorcan tinha destruído a porta. O médico poderia pensar que Jack era louco, ou perigoso. Ou então acreditaria nele, o que implicava outro tipo de perigo. Ele poderia jogar Jack na rua, temendo que Lorcan, de alguma forma, viesse encontrá-lo na oficina.

Acima de tudo, Jack não queria admitir que poderia parar os enforcamentos se quisesse, mas ainda não tinha feito nada. Ele se sentiu mal por pensar tudo isso.

Assim, passou uma chave de fenda para o dr. Cataplasma quando solicitado e fez as partes mais complicadas, para as quais suas mãos pequenas eram uma vantagem, e não

disse nada.

— Conte-me sobre ela. A Senhora, quero dizer.

Beth ergueu os olhos do livro. O almoço de pão, queijo e folhas revirou na barriga de Jack. Em sua cabeça, a corda estava balançando, balançando...

— Ela não era tão terrível, não no início. É muito bonita. — Beth levantou para ajudar um pequeno cavaleiro cuja mala tinha caído ao entrar no trenzinho. — Ela tenta, sabe? Eu gostava de escovar seu cabelo e ela mandava buscar bolo, mas eu não podia comer, claro. E então ela ficava feia. Não realmente, mas seu rosto tornava-se terrivelmente furioso e retorcido, e ela saía correndo para seus aposentos. Dava para ouvir as portas batendo por todo o palácio. Eu fiquei lá por quase um ano inteiro, e no final todos os dias eram assim, porque ela quer muito que as coisas sejam perfeitas e divertidas, e, quando isso não acontece, não sabe o que fazer.

— Ela parece uma criança — disse Jack, pensando na surra que a sra. Pond lhe daria se ele agisse dessa maneira.

As pálpebras de Beth clicaram, um piscar de olhos.

— Ah, não. Acho que ela é tão velha que nunca teve que agir como um adulto. De qualquer forma, há uma biblioteca excelente. Eu ia para lá e ficava lendo até ela me encontrar novamente. O doutor acha que ela ficava incomodada com o fato de eu nunca ter me importado muito com os acessos de raiva.

Os jornais da tarde chegaram, acertando a porta com um enorme baque. Jack olhou pela janela e viu um diabrete em uma bicicleta, deixando um rastro de vapor enquanto corria pela rua, jogando os jornais na direção de cada casa.

ENFORCAMENTO NÚMERO SEIS: PÚBLICO RECORDE PREVISTO, dizia a manchete.

Jack tentou se consolar com o pensamento de que a Senhora tinha feito isso antes, ou assim Beth lhe dissera. Não era realmente culpa dele, não se ela enforcava pessoas sempre que estava com raiva.

— Parece que não vai chover. Quer dar um passeio? Ah, não fique com essa cara de desânimo. Você vai ficar bem com seus óculos de proteção e cartola.

Em uma caligrafia cuidadosa, Beth deixou um bilhete para o doutor saber quando voltasse do mercado com comida para ele e Jack. Os óculos embaçavam as palavras e transformavam o mundo em borrões, deixando passar apenas as cores mais vivas. As moças nas ruas, em seus vestidos de confeitaria, com cor de bala de limão ou torta de morango, a barra manchada de lama. O ar dificilmente poderia ser considerado *fresco*, mas era um alívio estar fora, explorando, esquecendo-se por alguns momentos das

palavras impressas nas manchetes que ficavam chacoalhando em sua cabeça.

Jack desconfiou que o doutor não fosse ficar muito feliz por terem se aventurado sem ele — e isso, por si só, era uma grande emoção. O menino nunca tivera ninguém com quem se meter em apuros antes. A sra. Pond gostava de dizer que ele fazia aquilo muito bem sozinho.

Com a corda dada e lubrificada, Beth caminhava rapidamente, sapatos de fivela novos clicando na calçada. Jack corria para acompanhá-la. Fadas patinavam sobre a sujeira na rua, as asas brilhando. Um menino com um carrinho de mão vendia maçãs muito vermelhas, um sorriso em seu rosto enquanto respirava através da tela no nariz.

Em algum lugar, havia música. Uma melodia alegre, notas saltitando pelas cordas do violino.

— Para onde estamos indo? — Jack tinha pensado, num primeiro momento, que Beth o estava levando ao parque em que ele a tinha visto pela primeira vez na gaiola, mas percebeu que seguiam em outra direção.

— É surpresa! — A risada dela soou como um feixe de canos de cobre caindo no chão.

Beth o conduziu por ruas e becos, contornando as monstruosas carruagens que pareciam estar em toda parte, fazendo com que Jack se movesse muito rápido para que ninguém pudesse dar uma boa olhada nele. Por quase uma hora, caminharam até o peito do menino doer com a respiração. Ele estava prestes a pedir para parar, para que pudesse recuperar o fôlego, quando Beth, de repente, parou.

— Por aqui — ela ordenou, correndo então por uma viela com a largura dos ombros de um homem adulto. No meio do caminho havia uma porta, com algumas partes completamente podres, a fechadura inútil, pendurada e enferrujada.

Subiram um lance de escadas que gemeu e rangeu a cada passo, terminando em outras portas que aparentemente não interessavam a Beth, enquanto Jack suspirava e ofegava atrás dela.

A parte superior do prédio era uma grande sala com janelas em cada extremidade, metade delas em pedaços ou sem o vidro. Cacos chiram sob os sapatos de Jack. Um bando de pássaros de metal gritou, as asas batendo enquanto voavam em círculo em torno de outro que estava no chão, separado das asas dobradas. Jack não sabia se ele estava quebrado ou morto.

Tirou os óculos do rosto e limpou uma janela com a mão. Na rua abaixo, uma multidão começava a se formar com toda a animação de uma festa.

Beth o levou até a força.

— Vai começar. Venha ver.

O estômago de Jack se revirou. Beth tinha arranjado um caixote velho como assento, e estava tirando a poeira dele para não manchar o vestido. Ela sentou ao lado da janela, acenando para Jack, e seu sorriso pareceu deslocado em meio a todo o pó que havia no vidro e aos gritos dos pássaros.

Na rua, a multidão dobrou de tamanho — não, triplicou. Cotovelos empurravam e abriam caminho. Uma mulher perdeu o chapéu, que caiu no chão, foi pisoteado e reduzido a um triste pedaço de fita e palha que nem os cavalos comeriam.

Todas as cabeças estavam voltadas para a plataforma de madeira. Um guarda coberto de metal e com um penacho estava perto da corda, de vez em quando gritando para as pessoas ficarem em silêncio. Ninguém o obedecia, se é que era ouvido, até que, de repente, um silêncio recaiu sobre todos. Um grande veículo, bufando vapor que rodopiava em volta e através das grades em uma janela alta na parte de trás, se aproximou. Parou em um lugar reservado para ele atrás do cadafalso. Um motorista — outro guarda, de penacho igual — desceu.

A respiração de Jack estava presa em seu peito dolorido. Então o primeiro rosto que ele reconhecia apareceu.

Ali Lorcan não usava o terno elegante com o qual havia visitado a casa de Jack, sob o pretexto de ser o novo espiritualista de sua mãe. É claro que o menino já sabia que tudo fora uma farsa e que o sr. Havelock, com sua fala mansa e intrigante, não queria invocar os mortos, mas levar embora um Jack muito vivo.

Não, ali Lorcan usava um casaco comprido de veludo verde-garrafa, uma flor brotando na lapela. Suas calças eram bem afiveladas, as botas brilhavam. Na cabeça, uma cartola com detalhe de metal ligeiramente inclinada para o lado.

— Sempre parece igual — disse Beth. Jack não respondeu.

Muitos outros guardas obrigaram a multidão a recuar, para que pudessem abrir as portas do veículo. Jack fechou os olhos por um momento, mas eles não quiseram ficar fechados, independentemente do quanto ele os apertava.

Era apenas um homem. Um homem como qualquer outro. Uma das mangas de sua camisa fina balançava na brisa, sem um braço para mantê-la no lugar. Talvez tivesse tirado o braço, ou o homem nunca possuía dinheiro suficiente para comprar um. Um carrasco uniformizado estava ao lado dele.

Os guardas o cercaram, fizeram-no subir as escadas. Os pés do homem não pareciam querer se mover.

Jack poderia impedir aquilo. Descer as escadas e sair no meio da multidão, gritando com toda a força de seus pulmões para Lorcan, que iria reconhecê-lo imediatamente.

Não haveria necessidade de a corda ser apertada em torno do pescoço do homem como estavam fazendo agora.

A boca de Beth se abriu com um clique.

Jack se virou, os olhos fixos no pássaro no chão. Ele já estava morto. Ainda assim, Jack percebeu o momento em que o alçapão abriu. Vinte mil suspiros e vinte mil aplausos sufocaram o som do rangido da madeira.

— Foi muito mais rápido do que imaginei que seria — disse Beth com franqueza. Marcas em forma de luas crescentes púrpuras apareceram nas palmas das mãos de Jack.

— Foi horrível — disse ele. Só pensar no que tinha acontecido era terrível o suficiente.

Beth refletiu sobre aquilo por um momento.

— Sim, sim, acho que foi. Eu não entendo, você sabe, não muito. Por não ter nascido como os outros, como você. Também não há como eu morrer como os outros.

Mas Jack lhe dava apenas metade de sua atenção. Os guardas estavam puxando o homem do buraco, retirando a corda de um pescoço que certamente nunca deveria dobrar naquele ângulo. Colocaram-no sobre as tábuas.

Seus pés ainda estremeciam.

Uma névoa como a que envolvia o céu desapareceu da mente de Jack.

— Precisamos voltar. O dr. Cataplasma deve estar preocupado conosco — disse ele, tomando cuidado para manter a voz normal, por mais improvável que fosse Beth perceber qualquer diferença. Eles esperaram até que Lorcan tivesse entrado em um veículo, até que seu rastro de fumaça se perdesse depois da esquina. Era uma precaução boba, pensando bem, mas que devia ser tomada.

Escondidos em meio à multidão que se dispersava, Jack mais uma vez disfarçado, eles deixaram o cadafalso e se dirigiram para a rua Harleze. O sol desceu e ficou abaixo do cinza, fornecendo uma iluminação não merecida ao entardecer.

A barriga de Jack ainda não estava bem. Se isso se devia ao que tinha visto ou ao que estava por vir, ele não sabia. Ambos, provavelmente.

— Eu devia castigar vocês dois — disse o doutor no momento em que eles empurraram a porta, deixando cair um martelo com tanta força sobre a mesa que ela tremeu. — Vagabundeando por aí desse jeito. — A cabeleira dele estava mais desgredada do que o habitual, como se tivesse passado a mão nela várias vezes. Jack tirou os óculos e viu alguns fios brancos presos nas dobradiças dos dedos do dr. Cataplasma.

— Eu quis dar um passeio — disse Beth. — Foi perfeitamente seguro. Nem uma gota de chuva.

— Sim, muito bem. — O médico bufou, e Jack sabia que não era com isso que

estivera preocupado e que suas preocupações estavam certamente mais próximas da verdade, mesmo que Beth não revelasse nada com seu sorriso doce e inocente. — Lá para cima, os dois. E lave as mãos, Jack. Temos ensopado.

Era um bom ensopado, suculento e espesso, cheio de molho, cenouras e cebolas, parecido com a comida da escola. Como de costume, Beth bebeu seu óleo e retirou-se para uma poltrona na sala de estar com um livro, lendo até que seus olhos começaram a se mover muito lentamente, os dedos virando a página devagar. Sua chave deu mais umas poucas voltas finais, e suas pálpebras caíram.

— Eu falei com Xeno — disse o médico, servindo uma xícara de chá. — Ele vai vir aqui amanhã.

Seria inútil, independentemente do que tivesse descoberto. A porta não existia mais, tinha sido destruída para sempre. Jack acreditava na voz, pois ela não tinha mentido sobre os enforcamentos.

Ele pensou nos pés se mexendo.

— Tudo bem — disse Jack calmamente.

O dr. Cataplasma apertou os olhos, tocando com as pontas dos dedos de metal a porcelana.

— Hummm. Vá para a cama agora.

Os cobertores ainda eram sufocantes, e Jack estava com as roupas de dormir, imaginando-se subindo as escadas do cadafalso. Todos os rostos impacientes, prontos para o suspiro de surpresa, embora não fosse nem um pouco surpreendente. As tábuas gemiam, a corda era áspera em torno de seu pescoço. O carrasco levou muito tempo para apertar o laço, já que o pescoço de Jack era muito pequeno, pois ele era apenas um menino.

Jack começou a acordar, os ouvidos atentos. Não havia som nenhum exceto o barulho habitual do trem e outros pequenos ruídos da oficina. Todas as luzes estavam apagadas, os pavios esfriando durante a noite. O dr. Cataplasma tinha ido para a cama.

Em silêncio, encontrou camisa, calça, meias. Beth não ia acordar, e realmente não acordou quando ele deixou cair um sapato ou com o rascar do lápis quando ele escreveu outro bilhete na parte de trás daquele que ela havia deixado no início do dia.

Não levou nada consigo, a não ser o que usava ou tinha quando chegou. Pôs a cartola e os óculos de proteção sobre a mesa, ao lado da bola de cristal que não era tão inútil quanto o dr. Cataplasma fazia crer. No bolso estava a bússola que a sra. Pond tinha comprado para ele.

Jack não conseguia mais lembrar quantos dias tinham se passado. Talvez, se algum dia voltasse para casa de novo, seria para uma Londres onde um ano, ou dez, tinham se passado para cada dia que ele ficara fora. Então, talvez fosse melhor que nunca voltasse.

Meninos aceitam o que lhes é dado e não reclamam, disse uma voz em sua cabeça, mas dessa vez era uma voz amistosa. A voz da sra. Pond.

Lá fora havia uma escuridão pesada que se contorcia, revoava, vibrava. Criaturas moviam-se fora do alcance das mãos e da visão, exceto pelas pequenas fadas que continuavam suas brilhantes danças de luz.

Ele não se perdeu nem ficou assustado, como muitas vezes achou que ia acontecer. Criaturas com voz oleosa e arrastada gritavam para ele das sombras, mas Jack acelerava o passo e elas não o seguiam.

O relógio estava coberto em cinzas e nuvens. Jack seguiu o som dos sinos na noite, depois o sussurro rítmico e preguiçoso do rio.

Na base da torre, dois guardas em pé, o penacho no chapéu acolhendo pedacinhos de luz que vinham de um poste nas proximidades. Mesmo no escuro pastoso Jack podia ver, atrás deles, a nova e brilhante porta de madeira na qual o mágico havia entrado certa vez. Uma porta comum agora.

— Ora, e quem é você? — perguntou um deles, olhando para Jack. — Um pouco tarde para um pequeno miserável ficar por aqui, não é?

A garganta de Jack ficou muito seca.

— Eu sou Jack — disse ele. — Vocês estão me esperando.

Tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. Uma mão apertou seu ombro, muito pontuda para ser verdadeira. Os pulmões de metal do guarda retiniram em seu peito, a respiração perto do ouvido de Jack. Um diabrete correu das sombras, fugindo com um brilho semelhante à lâmina de prata de uma faca.

Momentos depois, ouviu-se um martelar que ficou cada vez mais alto — uma carruagem. Jack prendeu a respiração. Ela mal havia parado quando a porta traseira se abriu.

— Pequeno Jack Foster — disse Lorcan. — Eu sabia que você viria.

O NOVO FILHO DA SENHORA

— PERFEITO, ELE É.

— Quase. Um pouco sujo.

— Um banho logo vai resolver isso.

O salão estava cheio de conversas que Jack não conseguia ouvir direito. Ele estava muito ocupado olhando — ou talvez seria melhor dizer encarando de boca aberta, completamente pasmo. Sempre pensou que sua casa era muito grande, mas aquilo era completamente diferente. Muito ouro cobria as paredes e o teto. Um vapor emanava delicadamente de lâmpadas sobre mesas revestidas de seda, a luz transformando o tom vinho em sangue vermelho em alguns pontos.

— Onde você o encontrou?

— Não acho que isso seja da sua conta — disse Lorcan.

— Venha comigo — ordenou uma menina. Jack a via como uma menina porque tinha sido ensinado a ver qualquer pessoa usando avental como uma menina. Exceto a sra. Pond.

A mão de Lorcan beliscou o ombro de Jack com força suficiente para machucá-lo e o soltou.

O coração de Jack acelerou, mas ele deixou a menina conduzi-lo por entre um conjunto de portas altas de madeira. Ali, um piso de mármore transformava-se

perfeitamente em uma escada ampla e curva.

— Suba.

E ele subiu, até um corredor de portas fechadas e escuridão, de retratos sombrios e um tapete escuro que bebia avidamente seus passos.

— Este aqui é o seu, adequado para um filho da Senhora — disse a menina, com a mão na maçaneta. Jack se sentia como se tivesse engolido várias daquelas fadas de asas de aço, mas entrou atrás dela.

A iluminação do quarto era fraca. Era como se Jack estivesse debaixo d'água, em um escafandro, respirando enquanto tons azuis e verdes ondulavam em todos os lugares ao seu redor. Ao lado de uma enorme cama com dossel, um pequeno dragão estava sentado em uma gaiola, soltando sopros suaves de vapor quando roncava.

A menina viu o que ele estava olhando.

— Sim, a Senhora quer que você tenha um animal de estimação — explicou. Jack se aproximou. O dragão tinha cerca de trinta centímetros de altura e asas articuladas, como as das fadas, porém maiores e um pouco mais pontudas nas extremidades. A maior parte do resto era um aglomerado de engrenagens, rebites e coisas complicadas, e ele era todo coberto por pequenas escamas planas. A cabeça e os pés eram lisos, como se tivessem sido feitos com um molde, embora isso não pudesse ter acontecido. Enquanto Jack observava, a criatura piscou os olhos vermelhos e abriu a boca para bocejar.

O máximo que Jack conseguira ter em casa era um gatinho, e aquela coisa maravilhosa era muito melhor. O menino olhou com admiração para os pés de ferro, as asas que começaram a bater mais rápido e mais rápido. Um jato de vapor quente e ameaçador foi emitido violentamente das narinas do animal, um grito agudo perfurou o silêncio da sala. A gaiola inteira sacudiu contra a mesa.

— Acho que ele não gosta de mim — disse Jack, alto o suficiente para a menina ouvir. Uma patada particularmente violenta acertou e fez estalar uma das barras de metal que o prendiam, e o dragão gritou novamente.

— Ele gosta de você, sim — disse a menina, empurrando Jack para o lado, com uma pequena xícara na mão. Ela habilmente evitou ser atingida por outra nuvem de vapor escaldante e despejou um fio de líquido preto grosso na boca que esperava, sedenta.

Então o dragão precisava beber óleo, assim como Beth. Será que ela teve um dragão durante o tempo que ficou ali? Talvez *aquela* dragão tivesse sido dela. Jack decidiu que ia lhe perguntar, se algum dia voltasse a vê-la.

Eles enforcaram pessoas para me trazer aqui.

— Vou preparar seu banho — disse a garota. Jack assentiu com a cabeça e não falou mais nada enquanto ela abria outra porta.

O banho não era como na banheira de cobre do dr. Cataplasma, com água espirrando pelo chão da cozinha. Havia uma coisa enorme de mármore, torneiras de metal em uma extremidade, a outra tão longe que Jack pensou que talvez tivesse que nadar até ela. Todo o ambiente era de mármore, aliás, e o barulho da água correndo ecoava tão alto que ele poderia muito bem estar no meio de uma tempestade. Reunidas em torno de uma pia havia garrafas e garrafas que brilhavam em cores sobrenaturais, às vezes duas ao mesmo tempo, como se sonhos tivessem sido capturados no vidro e fechados com rolhas.

— Sou perfeitamente capaz de tomar banho sozinho — disse Jack quando pareceu que a garota ia ficar ali.

Ela estreitou os olhos.

— Vou ficar lá fora, então.

Muito bom. Ele não era uma *criança*.

A água estava quente, mas sem exagero. Jack deixou suas roupas em uma pilha amassada no chão e suspeitou que nunca mais iria vê-las. Que eram a última parte dele que ia embora.

Continuou na banheira até que a água ficou morna, depois fria, e então começou a tremer. Um relógio na parede — nem mesmo na casa dele havia essas coisas no banheiro — dizia que o amanhecer estava próximo. Beth e o dr. Cataplasma iam acordar logo. Bem, *ele* ia acordar, e daria corda em Beth antes de tomar chá, e então eles veriam que Jack tinha ido embora.

Um belo terno azul, bordado com prata, esperava por ele, mais bonito do que qualquer coisa que ele tinha vestido antes. A menina o ajudou, pois havia muitos botões e fivelas sobre a camisa, o casaco e as pequenas botas de couro. Havia um espelho, da altura de um homem, mas Jack não se olhou.

— Qual é o seu nome? — ele perguntou à menina.

— Arabella, senhor — disse ela. — A Senhora sem dúvida ficará encantada com você. Talvez nos dê meio dia de folga.

Jack foi até a gaiola, colocou a mão na fechadura. Será que ele voaria para longe? O dragão abriu as asas, batendo-as contra as grades.

— É, esses aí ficam bem bonzinhos assim que a gente dá óleo para eles — disse Arabella —, mas evite os das montanhas. Grandes como casas, eles são. Não que você vá precisar sair do palácio, é claro. Não há risco de vaporização para você.

— E a Senhora? Ela é boazinha? — perguntou Jack.

Os olhos de Arabella ficaram sombrios, como se fumaça girasse pelo vidro. Como bolas de gude.

— Ela vai ser com você. Ficou com muita raiva quando pensou que não o teria.

Sir Lorc... — Ela fechou a boca.

— Sir Lorcan o quê?

— Não importa. A Senhora é encantadora, o senhor vai ver.

Senhor. Jack soltou a trava da gaiola. A porta se abriu e o dragão apontou a cabeça na direção do som. Saltou para a liberdade tão rapidamente que Jack caiu para trás, sobre a cama. Asas bateram, levando-o até o teto, brilhando com a luz do lampião.

Arabella se abaixou quando ele mergulhou passando dois centímetros de sua cabeça. O dragão circulou a sala duas vezes, assoprando jatos finos de vapor pelas narinas. Jack sentou para ver melhor, e ele diminuiu a velocidade, descendo para pousar em seu ombro.

— Oi — disse o menino. Era mais leve do que Jack esperava, e o pano grosso de seu terno o protegia das garras de aço.

— Está vendo? Já são grandes amigos — disse Arabella em tom de aprovação. — Agora está na hora de ele voltar.

— O que aconteceria se eu o desmontasse? — Jack perguntou.

Os olhos dela se arregalaram, chocados.

— Seria um assassinato, senhor — disse ela.

— Por quê? Eu não poderia montá-lo de novo depois?

Arabella sacudiu a cabeça violentamente em negativa.

— As peças estariam todas lá, mas *ela* teria desaparecido. Precisa ficar tudo junto sempre para manter a... essência, entende?

— Ah. — Com alguma dificuldade, ele segurou a criatura e a pôs de volta na gaiola, trancando bem a porta.

Ao longe, no fundo do palácio, alguma coisa se despedaçou fazendo muito barulho. Arabella se encolheu.

— Meu Deus! Ela acordou. Vamos. Tem que se apressar.

Era difícil se apressar naquelas botas novas e estranhas com pequenos saltos, que beliscavam a ponta dos pés. E Jack não queria ir. Naquele quarto, o quarto que era *dele* agora, tudo o que tinha acontecido parecia muito distante, uma história.

Mas ele tinha ido até lá por sua livre escolha, para impedir mais enforcamentos. A multidão havia se espalhado novamente, de volta a casas e lojas, estaleiros e fábricas. Beth, o médico e Xeno voltariam para as atividades que preenchiam seus dias antes de Jack ter ido parar muito mais longe de casa do que pretendia. Ou imaginara ser possível.

Do lado de fora, o barulho estava mais alto, e Jack podia ouvir uma voz que soava como pedra e fogo.

— Onde ele está? Onde está meu filho? Tragam-no imediatamente!

Jack parou. Ela estava falando dele. Arabella segurou seu cotovelo para levá-lo ao longo do corredor até o topo da escadaria de mármore.

— Ele está vindo, Senhora — disse outra voz, mais jovem, uma menina, talvez uma das muitas que o empurraram e cutucaram antes de ele ter sido levado para o quarto. — Chegará a qualquer momento.

Comporte-se, pequeno Jack. Jack começou a andar e viu Lorcan de pé, meio escondido nas sombras, o rosto parecendo uma máscara. *Você já viu o que posso fazer. Agrade-a, ou vai ser o seu pescoço naquela corda.*

— C-como você faz isso? — Jack perguntou a ele.

— Faço o quê? — Arabella parecia confusa. — Ah! Sir Lorcan, não vi o senhor. Estou levando o garoto.

— É claro. — Lorcan abriu os braços. — Não quero atrapalhar.

Ele não respondeu a Jack.

O corrimão estava frio sob a mão do menino. Ele o agarrou com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos como o mármore. *Clique, clique.* Os saltos das botas atingiam a escada, marcando os degraus. Lá embaixo, Arabella conduziu-o para a esquerda, através do grande saguão de entrada e até outro conjunto de portas, em frente àquelas pelas quais já havia passado anteriormente. Um laço estava a postos. Jack sentiu o olhar do homem sobre ele.

As portas se abriram para uma sala ainda mais bonita, mas Jack teve pouco tempo para absorver a mistura de seda, metal e veludo.

Aquela, então, devia ser a Senhora, e ela era a coisa mais linda que Jack já tinha visto, tão bonita que o assustava. Era como uma enorme flor vermelha brotando do chão, seu sorriso mostrando dentes demais. Seus lábios eram muito vermelhos também, e seus olhos eram de um azul perfeito. Em sua cabeça, um pequeno chapéu, cravejado de diamantes.

— Esplêndido — ela suspirou, com os olhos arregalados. — Ah, esplêndido. — Ela se aproximou. — Diga-me o seu nome.

— J-Jack — respondeu ele. Seus joelhos batiam um no outro dentro das calças extravagantes.

— Jack — ela repetiu. — Um nome forte. Um bom nome.

Era o nome do meu avô, Jack quis falar, mas algo lhe dizia que não seria prudente. Então não disse nada.

— Nós vamos nos divertir *tanto*, Jack. — Ela bateu palmas. — Festas e bolo e vários momentos incríveis. Você está satisfeito com seus aposentos? São bons o bastante?

Por mais estranho que fosse, Jack teve a impressão de que ela estava realmente preocupada com aquilo.

— Sim — ele respondeu. — Obrigado.

Ele enforçou pessoas para me trazer para cá.

— Tão educado. Adorável.

Ela o abraçou em seguida, toda perfume e pó de arroz. Ele pensou em sua mãe, embora não soubesse o motivo. Certamente ela nunca o abraçara assim, pelo menos até onde ele se lembrava. E depois pensou na sra. Pond, que sempre o recebia quando ele voltava da escola, apertando-o até ele perder o ar. Jack ficou bem quieto até que a Senhora o soltou.

— Esplêndido — disse ela mais uma vez.

— C-como devo chamá-la? — perguntou Jack.

Ela piscou, surpresa.

— Ora, de “mamãe”, é claro.

Jack olhou mais atentamente para a sala. Havia um trono no meio de um grande tapete e cortinas cobriam as janelas. Uma menina estava agachada, varrendo cacos de porcelana. Retratos cobriam as paredes, como no corredor do andar de cima.

Todos eram de meninos que poderiam se passar por irmãos de Jack, se ele tivesse algum; a pintura a óleo desbotada e rachada, em alguns mais que em outros. Dezenas deles. Mesmo o mais novo parecia envelhecido e, embora todos fossem semelhantes, Jack pôde perceber que um deles era Lorcan, numa versão ligeiramente mais velha do que Jack.

O menino olhou e pensou na pedra branca brilhante na base da torre, tentando ignorar a dor no peito que dessa vez não era causada pelo ar poluído, mas por saber que nunca mais ia voltar para casa.

Preparativos foram feitos.

Um grande desfile, decretara a Senhora. Todos iam conhecer seu novo filho. Outro trono, uma miniatura do que já estava no grande salão, fora trazido, e Jack foi obrigado a sentar ali durante horas a fio, enquanto as pessoas traziam tecidos para a Senhora tocar e comida para experimentar, a fim de que aprovasse tudo para o grande dia.

E então ela mandava todos embora, até mesmo as damas de companhia, e ficavam apenas ela e Jack, cercados por todo aquele esplendor e pelos retratos. O menino foi autorizado a brincar o quanto quisesse com o toca-canção, podendo até mesmo desmontá-lo e montá-lo novamente para se divertir.

— Sir Lorcan de Havelock, Senhora — anunciou o laçao à porta. Jack ergueu a cabeça. A Senhora acenou para que o homem entrasse.

— Ah, Lorcan, quais são as notícias? — ela perguntou. Foi tão rápido que Jack teve certeza de apenas ter imaginado a hesitação, as mãos de Lorcan se contraindo, mas no instante seguinte ele se curvou diante dela, e quando se endireitou novamente estava à vontade.

— A frota está em excelentes condições, Senhora — disse ele. — Pronta para voar a seu comando.

Jack se lembrou das aeronaves rasgando o céu sobre o parque. Será que, agora que Jack tinha ido embora, Beth tinha ficado com o dr. Cataplasma, ou será que ela havia voltado para sua gaiola para ficar olhando as pessoas que passavam?

A Senhora sorriu.

— Excelente. No entanto, tudo isso vai ter que esperar. Devemos comemorar primeiro!

— A senhora acha que é prudente? Quanto mais esperarmos, mais fortes as colônias ficarão, mais gostarão da independência — disse Lorcan.

Daquela vez, Jack estava certo de ter visto raiva. Os olhos da Senhora brilhavam quando ela começou a se levantar do trono, mas ela olhou para Jack e sentou novamente.

— Acho. Agora nos deixe. Vá inspecionar as liteiras, se quiser. Estamos jogando xadrez. — Um sorriso de gato apareceu em seus lábios. — E, no caminho, mande alguém nos trazer bolo.

Os saltos de Lorcan ressoaram alto sobre o assoalho. *Você vai envelhecer*, disse dentro da cabeça de Jack enquanto saía. *Envelhecer e morrer na miséria como todos os que vieram antes de mim, mas eu ainda vou estar aqui. Sirvo a Senhora há duzentos anos, e vou continuar servindo por mais uma eternidade. Aproveite a generosidade dela enquanto puder.*

Um criado entrou com uma bandeja com chá, biscoitos e bolos de diferentes sabores. Limão, morango, amêndoa com framboesa. A Senhora moveu um peão. Arabella e as outras meninas, cujos nomes Jack não conseguia se lembrar de jeito nenhum, estavam sentadas no chão, sussurrando. Jack sabia que ganharia se movesse o bispo e a rainha.

Ele escolheu um cavalo.

— Muito bem, Senhora — disse Arabella, os olhos brilhando sobre Jack quando ele deitou seu rei. O menino desviou o olhar. Mas a Senhora não pareceu perceber que ele havia perdido de propósito, que ele tinha uma ideia do que poderia acontecer se a irritasse. A Senhora afagou a cabeça dele e fez um gesto para uma das meninas servir o chá.

— O que você gostaria de fazer agora, meu querido? — perguntou.

Jack queria explorar o palácio. Até agora, ele só tinha visto realmente seu quarto,

aquele salão e o percurso entre os dois. Até mesmo a sala para onde ele tinha sido levado depois de sua chegada estava fechada para o menino desde então.

Anéis de prata e ouro apertaram-lhe a mão quando ela o levou para fora, ordenando a Arabella e ao laçao que não os seguissem. Eles estariam perfeitamente bem sozinhos, disse. Juntos, percorreram corredores compridos, entrando em quartos vazios que lhe disseram ser usados por dignitários de países estrangeiros quando apareciam para fazer uma visita.

Jack não pôde deixar de notar que estavam cobertos por uma camada fina de pó brilhante.

A Senhora o levou até a biblioteca sobre a qual Beth tinha falado, e ele fingiu estar surpreso com as prateleiras que chegavam até o teto alto.

— Leia o que quiser — disse ela. Jack pensou nos livros de seu quarto em casa.

Mas ele gostava dali. Não havia escola para onde pudesse ser enviado, e em nenhuma ocasião a Senhora o mandou embora para rir com suas amigas em uma sala fechada. As portas da sala do trono nunca estavam trancadas para Jack, e ele não precisava espreitar pelo buraco da fechadura para ver truques de mágica bobos.

Mas os truques de Lorcan não pareciam tão bobos. Com sua magia, ele tinha poder sobre a vida e a morte, matando a margarida, fazendo com que a presilha em formato de pássaro se tornasse real.

— Você sempre morou aqui? — perguntou Jack. Havia outros palácios em sua Londres, mas todo o resto parecia o mesmo.

— Há mais tempo do que pode imaginar.

A Senhora não é como nós. Ninguém sabe de onde ela veio, o médico havia dito.

Por um momento, Jack sentiu pena dela, se aquilo fosse realmente verdade. Seja lá o que fosse, ela era solitária. Por que outro motivo ia querer tão desesperadamente um filho?

Jack seria um bom filho para a Senhora. E ela seria uma boa mãe para ele.

— Obrigado pelo dragão — disse ele. — Gosto de vê-lo voar.

— Eles sempre dizem isso no começo — ela sussurrou. Jack se esforçou para ouvi-la, e a Senhora foi até a janela. — Tão gratos no começo, mas depois crescem e vão embora.

Jack ficou em silêncio. Lorcan não tinha ido embora, mas tinha envelhecido, pelo menos por um tempo. E então tinha... parado.

A Senhora bateu palmas.

— Basta! — disse, com uma expressão alegre mais uma vez. — Ah, como vamos nos divertir! Venha.

Não havia hora de dormir nem sinos para acordá-lo de manhã, embora a torre do

relógio estivesse perto o suficiente para tirar Jack de seus devaneios. As refeições eram servidas em uma longa mesa sob lustres a gás, ou então a Senhora mandava que as levassem aos tronos.

Beth estava certa. Ela não era tão terrível. Nem um pouco terrível, na verdade.

A Senhora amava Jack e o enchia de presentes. Ganhou botas novas, e ela mandou chamar o sapateiro no momento em que ele reclamou que machucavam seus pés; ternos em suas cores favoritas; uma pequena cartola quando ele, por acaso, mencionou uma.

O dia do desfile se aproximava. Mais pessoas com olhos de vidro, mãos de metal ou pulmões barulhentos faziam uma reverência ao entrar e pediam a aprovação ou não da Senhora. Jack ficava sentado em sua cadeira, esperando que eles fossem embora. Ou, caso se cansasse de lá, escapava da sala para explorar.

De longe, sua parte favorita do palácio não era, tecnicamente, *no* palácio. Através de uma sala que parecia existir apenas porque o corredor tinha ficado comprido demais e precisava de uma para acabar com o tédio, portas largas levavam a um pátio. Ventiladores feitos com engrenagens de relógio asomavam como galhos de árvores, de modo que o ar abaixo era limpo e fresco, nada como o do resto da cidade. Fadas brincavam ali, subindo nas árvores para cair sobre os canteiros, esmagando-os ou deixando marcas de pés de fada na grama macia.

Foi ali que Arabella o encontrou, o cabelo esvoaçando enquanto ela corria.

— Senhor — ela chamou, tropeçando no caminho que rodeava o matagal. — Precisa vir comigo. Tem que vir comigo!

Ele a seguiu, através da sala sem sentido, ao longo dos tapetes grossos e sobre o mármore que produzia eco. Por trás das portas fechadas atrás do lacaio, Jack ouviu gritos e um estrondo muito forte.

O lacaio se afastou. Jack engoliu em seco, e Arabella o empurrou delicadamente.

— Por que ela está com raiva? — ele perguntou. Alguma outra coisa quebrou, ressoando.

— Quem sabe? Vá. — Ela o empurrou de novo.

Lentamente, Jack abriu a porta. Ele se abaixou. Um vaso atingiu a parede acima de sua cabeça, um banho de cristal chovendo, uma gota cortando de leve seu rosto.

— Onde você estava? — gritou a Senhora. — Você foi embora! — O rosto dela estava vermelho; os lábios, manchados; e o cabelo, muito emaranhado.

Em suas novas botas de couro, os pés de Jack fraquejaram.

— Eu... não fui embora. Fui ver o pátio.

— Você nunca irá embora — ela sussurrou, entre os dentes. Jack sentiu um frio na barriga.

Nunca, nunca irá embora.

Ele respirou fundo e deu um passo na direção dela. *Garotos não choram*, disse a voz gentil da sra. Pond em sua cabeça. *Garotos são corajosos e fazem tudo o que precisam fazer.*

— Não vou embora — ele prometeu. — Nunca, mamãe.

DRAGÃO VS. DIRIGÍVEL

NA MANHÃ DO DIA DO DESFILE, Arabella acordou Jack com um chacoalhão. Ela abriu as cortinas, mas, com as nuvens carregadas de fuligem que havia sobre a cidade, nunca era possível dizer se o sol brilhava acima delas. De qualquer maneira, o ambiente ficou mais claro do que a escuridão dos sonhos.

Jack piscou e afastou a colcha, deslizando da cama alta para o chão, os dedos dos pés descalços contraindo-se sobre o tapete. Além da janela, Londinium surgia das cinzas da noite, as lâmpadas começando a ganhar vida. Se ele apertasse os olhos, poderia ver os guardas patrulhando as ruas diante do palácio, a pena do chapéu acariciada pela brisa.

O estômago de Jack vibrou, vazio, quente. O desfile. Quando ele olharia para todas as pessoas e...

— De onde é que pensam que eu vim? — ele perguntou.

Um laço de fita caiu da mão de Arabella. Ela se inclinou para pegá-lo.

— Como disse, senhor?

— Todos os... súditos. Eu não sou como eles. Eles vão perceber. — Era por isso que o dr. Cataplasma tinha lhe dado um disfarce, mas Jack decidiu não mencionar essa informação a Arabella, que se ocupava em remexer o conteúdo de uma gaveta.

— Do mesmo lugar que a Senhora veio, acho — disse ela.

— E onde é isso?

Arabella se virou, encostou-se na cômoda e cruzou os braços.

— Algumas coisas são tão antigas que é como se existissem desde sempre. A Senhora me ajudou, me salvou da vida nas docas, onde eu congelava os dedos limpando peixe o dia todo, e por isso aguento o temperamento dela. Intrrometer-me em algo que não é da minha conta não vai me trazer nenhum benefício.

— Mas não sou tão velho quanto ela.

Arabella deu de ombros.

— Vão pensar que você é. Eles não fazem perguntas. Não em lugares em que elas possam ser ouvidas, pelo menos.

Jack vestiu a roupa que Arabella lhe deu. Era um terno verde, como as florestas e os olhos das fadas, e dessa vez o menino se olhou no espelho. Tudo nele parecia novo e brilhante. Um dia antes, a Senhora mandara buscar um barbeiro, que cortou o cabelo de Jack até ficar arrumado. Cachos escuros tinham caído no chão e entrado em seus sapatos.

Lá fora, o sino do relógio soou. No interior, o palácio vibrava, um som contínuo de passos, ordens sendo dadas e frases como *ah-droga-não-posso-esquecer-isso*. As criadas, os servos, os guardas e as damas de companhia saíram do caminho quando Jack atravessou o piso de mármore, passando pelo laçao e entrando na sala do trono.

Ela estava simplesmente linda demais para ser real. A escolha das roupas de Jack não tinha sido por acaso, pois ela também estava de verde, em um vestido bordado com esmeraldas cintilantes. Uma fada saiu correndo de trás de seu vestido, gargalhando para se esconder debaixo de um aparador, e ela nem a chutou, tão grande era seu sorriso vermelho. Na cabeça, um chapéu coroadado com penas de pavão. Dele pendia um véu, como névoa sobre seus olhos, até a curva das bochechas.

— Mamãe — ele disse.

O sorriso dela aumentou ainda mais.

— Querido Jack. Venha até mim.

Um por dia até que você venha a mim. Ele afastou o pensamento como alguém que afasta uma comida desagradável. Lorcan tinha dito aquilo, não ela. A Senhora o abraçou, apertando o suficiente para amassar seu colarinho.

O desjejum foi servido, ovos cozidos recheados e arenque defumado, pêssegos com creme e biscoitos de geleia. Jack queria mingau fino e aguado, do jeito que ele gostava, mas se esforçou para comer um ovo enquanto pessoas entravam e saíam. O barulho da rua se estendeu até tocar o palácio com dedos excitados. Sua garganta se fechou de tal forma que ele não conseguiu nem engolir o chá.

A Senhora não percebeu, ocupada demais em dar ordens e bater palmas diante das mais simples perfeições.

— Tenho a surpresa mais maravilhosa para você — anunciou. — Ah, Lorcan. — O sorriso dela tornou-se frágil quando ele entrou no salão. Jack desviou o olhar. — Está tudo pronto?

— Precisei cuidar de um detalhe, Senhora — disse Lorcan. Seus olhos brilharam. Não vermelho, desta vez, mas Jack ainda se lembrava daquele dia. — Mas agora está tudo pronto.

— Venha, querido — disse ela. Lorcan deu um pequeno pulo engraçado. A Senhora estendeu a mão para segurar a de Jack, e o menino viu a expressão zangada no rosto do homem. Guardas entraram atrás deles, seguindo-os pelo caminho através do palácio até um conjunto de portas altas que dava para um pátio.

Jack apertou a mão sobre a boca para abafar uma exclamação de surpresa. Um dirigível pairava a poucos metros do chão, ocupando quase todo o pátio, de ponta a ponta. Sua fuselagem era lisa, elegante, sem riscos feitos por pedras ou crostas de cracas. Ele esticou a cabeça para ver os mastros amarrados com velas e bandeiras vermelhas com bordas douradas. Guardas corriam pelo convés, plumas esvoaçando, gritando uns com os outros, pedindo cordas.

— Os palanquins pareciam comuns demais — disse a Senhora, encantada. — Agora todo mundo vai ver você! Não é esplêndido?

Era *mesmo*.

Ao lado dele, Jack ouviu Lorcan bufar, mas não se importou. *Ele* era o filho da Senhora agora, e se ela queria que andasse em um navio voador maior do que qualquer navio comum que já vira no Tâmisia, atravessando um mar de ar, Jack não ia se incomodar com o que Lorcan pensava sobre o assunto.

— Podemos subir, mãe? — Não havia a menor angústia na palavra, pois ela era sua mãe agora, e o deixava fazer todo tipo de coisa que sua própria mãe nunca permitira. E a Senhora não tinha ataques de fúria, porque ele podia comer os bolos que Beth nunca comeria.

Beth. Jack sentia falta dela, um pouco. Sem dúvida, devia estar pulando pelas ruas ou abrigada em sua gaiola. Talvez viesse para o desfile. Ele a veria rapidamente e acenaria para ela.

— Claro, meu querido. A escada, por favor, Lorcan. Arabella, tente não parecer tão desleixada.

Lorcan sinalizou para um guarda no convés. Como se a nave fosse ela própria um monstro do mar, uma grande boca abriu-se no fundo, pronta para engoli-los inteiros. Lentamente, a rampa desceu, parando a dois centímetros do pavimento. A Senhora segurou firme a mão de Jack quando o levou para dentro, onde havia uma porção de barulhos metálicos de diversos tipos e o mesmo estrondo ensurdecedor que Jack tinha

ouvido na primeira vez em que vira os dirigíveis. Agora, o som estava muito mais alto. O chão tremia. Os dentes de Jack rangiam, e era difícil manter os olhos abertos.

Mas ele se soltou da mão da Senhora e caminhou na direção do barulho. Já era tarde demais quando lhe ocorreu que aquilo poderia desagradá-la, mas quando olhou para trás, ela estava sorrindo. Era o rosto de Lorcan que parecia o lado cortante de uma faca.

Naquele momento, Jack sequer queria pensar por que Lorcan tivera tanto trabalho para trazê-lo se o odiava. Havia muito o que observar: a escada em espiral que levava ao convés, velas dobradas e cordas enroladas, sombras escuras onde os guardas se escondiam, prontos para serem chamados. Fileiras de canhões dos dois lados, os canos perfeitamente alinhados com os furos recortados nas laterais da nave.

Sobretudo, a porta aberta, ao lado da escada, que o deixava entrever vislumbres do motor na sala que ficava ali. Ele correu até ela e entrou, engolido pelo som. Jack nunca tinha visto nada igual. Era enorme, as nuvens de vapor espessas o suficiente para cobrir todo o céu, sugadas da sala por um eixo que apontava para cima. Cada peça de metal, pequena e grande, fazendo sua parte, devidamente oleada. Girando, asobiando, movendo-se rapidamente.

Dedos apertaram seu antebraço. Jack olhou para cima. Lorcan olhou furioso para ele, arrastando-o rudemente da sala do motor.

— Cuidado com esse vapor, criança — disse enquanto se afastavam. — Seria muito triste se você... se machucasse.

No instante em que entraram no campo de visão da Senhora, Lorcan soltou o aperto e sua boca afrouxou no que poderia ser generosamente chamado de sorriso.

— Vá em frente — ele ordenou a Jack. A Senhora foi primeiro, a seda verde de seu vestido deslizando escada acima.

O deque era quase tão grandioso quanto o interior da nave, ainda que não tão interessante. Velas estalavam frustradas contra os mastros que se erguiam acima do convés. Havia um enorme timão na área do leme, perto do... Certamente nem sempre houvera um salão ali. Aquele devia ter sido feito para agradar à Senhora. Mas lá estava ele, bem na frente. Dois tronos, um grande e um menor, sobre um tapete de tramas finas. Mesinhas com pernas finas como insetos segurando pratos de doces e bolos. Havia até um toca-canção, mas Jack duvidou que iria querer ouvir música. E um tabuleiro de xadrez.

Arabella ajudou a Senhora a se sentar, de frente para o palácio, no nível das janelas do último andar.

Para que pudessem ver a multidão, Jack percebeu, e acenar.

— Sente-se, Jack.

— Sim, mamãe.

— Quer um bolinho?

Mal fazia uma hora desde o jejum que ele havia recusado. Jack pegou um e o segurou, migalhas rastejando sobre seus dedos enquanto guardas andavam de um lado para o outro em torno deles, sem nunca pôr os pés no tapete. Arabella sentou-se encolhida no tapete como fazia no interior do palácio. Não dava para ver Lorcan dali, a menos que Jack esticasse o pescoço. O que ele não fez.

A nave estremeceu com força. Uma corda asobiou e eles saltaram. As janelas do palácio agora estavam na altura dos joelhos de Jack, então do convés, e logo ele teve de se inclinar sobre a grade para vê-las. Lá embaixo, o telhado do palácio subia e descia em picos e depressões. O menino olhou para a outra extremidade, onde ficava a torre do relógio, suas faces envoltas em um véu preto.

Não tinha chovido.

O topo dos mastros criava gravuras nas nuvens. Jack segurou firme nos braços do trono enquanto o navio se distanciava da curva do rio, afastando-se cada vez mais do palácio.

— Para baixo! — alguém gritou. O estômago de Jack saltou, mas a descida foi suave, milimetricamente controlada. Não havia automóveis ou carruagens barrando o caminho nas ruas que, agora ele conseguia ver, estavam cheias de pessoas. Mãos e olhos refletiam a luz como faíscas de diamantes. A multidão não estava tão barulhenta quanto nos enforcamentos, mas o fato era que, naquele caso, todos sabiam exatamente o que tinham ido ver. A curiosidade adornava cada um dos rostos. Os pescoços curvavam-se para ver a nave deslizando sobre a pavimentação, e as pessoas viram primeiro a Senhora, e depois Jack.

— É um menino! — gritou um homem de algum lugar na multidão.

— É sim — respondeu outro.

Vozes sussurravam, e Jack se esforçou para ouvi-las. O que achavam dele? De onde imaginavam que tinha vindo? Apesar do que Arabella tinha dito, eles deviam achar *alguma coisa*, e se ele tinha vindo do mesmo lugar que a Senhora deles... Bem, onde era esse lugar?

— Ah, eles adoram você! — gritou a Senhora.

Era impossível fixar o olhar em qualquer rosto por muito tempo. A enorme aeronave deslizou pelas ruas, ao longo da borda do parque, onde Jack havia encontrado Beth. Ele pulou da cadeira para se apoiar sobre a grade, procurando por ela. Qualquer coisa — um lampejo de fita de cabelo ou o cabelo branco e macio do dr. Cataplasma, porque onde um estava, o outro também estaria.

Não teve sorte. Seu coração se entristeceu, só um pouco. Eles deviam estar

zangados com Jack por ter ido embora, apesar de ele ter explicado tudo o que pôde no bilhete. Tudo menos a voz de Lorcan, que só o fazia parecer louco.

Com o canto do olho, Jack viu Lorcan olhando para ele e sorrindo pela primeira vez.

Aproveite enquanto pode, senhor. Jack sacudiu a cabeça para se livrar da voz, que ressoava maldosa.

A multidão crescia e agora era um fervilhar de bandeirinhas. Ao lado dele, a emoção da Senhora era quente e grossa como lâ. Ela acenou algumas vezes antes de se sentar e ordenar a Arabella que servisse o chá.

Jack sorriu. Desfiles, bandeiras e aplausos, e aquele magnífico lugar onde tudo funcionava a base de engrenagens e vapor sob o domínio de sua nova mãe.

Era tudo para ele.

Lentamente, a multidão foi se diluindo enquanto o navio voador atravessava as ruas mais largas da cidade. Muito atrás deles, as pessoas provavelmente voltavam para sua vida ritmada, num contínuo tique-taque, pequenas engrenagens fazendo as grandes girarem, as engrenagens do Império.

— Vamos voltar para o palácio — Lorcan ordenou a um guarda na frente, mas a Senhora levantou a mão.

— Está tão bom aqui fora — disse ela. — Acho que devemos fazer um passeio mais longo! Sim, Jack deve ver o país.

— Senhora...

Os olhos dela tornaram-se muito duros.

— Não foi um pedido.

Agora ela vai mimá-lo, pequeno Jack, mas você não vai ser jovem para sempre.

Jack ignorou Lorcan. Por dentro, seu coração se animou com a nave subindo no ar. As botas de Lorcan ressoaram sobre o convés, pisando forte e se afastando até que Jack não conseguiu mais ouvi-las com o barulho do motor. O chá que Arabella trouxe ficou frio; os telhados pareceram menores.

Em velocidade, levou apenas alguns minutos para eles chegarem aos arredores da cidade. Chaminés altas nos campos lançavam escuridão aos céus. A nave as contornou, virando habilmente para um lado e para o outro, com a ajuda das velas tremulantes e de bons ventos.

Ao longe, se apertasse os olhos, Jack via, com toda a certeza, luz solar marcando uma espécie de colcha de retalhos de tons de verde. Ele respirou fundo e tossiu. O ar não estava mais limpo. Quando esfregou os olhos, sua mão ficou manchada de fuligem.

— Venha sentar comigo, querido — disse a Senhora. — Quero lhe contar uma história. Arabella, vá se divertir em outro lugar.

Jack queria olhar, não escutar, mas pensou no tom de voz que ela usou quando falou com Lorcan, e por isso se afastou do parapeito e sentou. A Senhora virava a xícara de porcelana nas mãos delicadas. O vento tinha entortado as penas em seu pequeno chapéu, e sua pele talvez estivesse um pouco coberta de cinzas, mas ela ainda estava linda. Sorriu para ele.

— Agora todos conhecem você — disse. Então, sussurrou para si mesma: — Mas nunca dura muito tempo.

— O que você quer dizer, mãe?

A xícara de chá traçou um semicírculo.

— Você vai envelhecer. Acontece tão rápido...

Algo se contorceu na barriga de Jack.

— Você não envelhece.

A Senhora balançou a cabeça.

— Às vezes eu acho que isso seria ótimo, mas não, nunca vou ser nada além do que sou agora.

— Como? — Jack engoliu em seco. — Como é possível... mãe? — Ele estava ciente de que as vozes em torno deles tinham cessado, ou talvez elas apenas tivessem diminuído para que Jack pudesse ouvir corretamente.

— Sou muito especial, meu querido. Bom, não há dúvida disso. — A risada dela retiniu, o som afastando-se com o vento, como sinos, e ela começou a falar a sério. — O lugar de onde você vem, Londres, é um pouco diferente, não é? Lorcan sempre me conta histórias depois de suas visitas. Eu não vejo a cidade há muito tempo, e por isso ele criou esta para mim, para que parecesse exatamente como Londres é hoje: pontes e edifícios, e aquele relógio magnífico! Dessa forma posso conhecê-la, mas ainda assim é bem diferente.

Ela largou a xícara e apontou na direção das montanhas ao longe, cobertas de neve, as encostas nítidas como o silêncio.

— Esta terra sempre foi uma ilha particularmente receptiva à magia das fadas. Aos deuses e monstros.

Jack não conseguia respirar, mas não era por causa do ar sujo. As nuvens tinham ficado mais rarefeitas à medida que eles deixavam a cidade para trás. Um azul gelado, iluminado pelo sol, estendia-se até onde o menino conseguia enxergar.

A Senhora jogou as mãos para cima alegremente.

— Ah, eu não sei exatamente como tudo funciona. Só sei que existe esta terra aqui e a sua, e talvez uma centena de outras. Nunca poderemos ter certeza de quantas.

Todas um pouco parecidas e um pouco diferentes.

Era isso que Xeno tinha dito também. Que podia haver mundos que funcionavam à base de água, luz solar ou outras coisas desconhecidas.

— Há portas entre esses mundos; você só precisa saber onde olhar. Ah, sim, os sinais são sempre claros. Atravesei uma delas uma única vez, há muito tempo, na esperança de tomar sua terra para mim. Os erros alheios me amaldiçoaram. — Ela fez uma careta, seu rosto ficou feio por um instante. — Diga-me, pequeno Jack, é demais exigir perfeição?

Ele não sabia o que dizer. As montanhas estavam quase em cima deles.

— Eu lhe digo: não é. Trouxe para cá o maior número de pessoas de seu mundo que pude, mas os filhos deles não eram perfeitos, e seus netos, menos ainda. Eles são fracos e burros; as nuvens os deixam enjoados. E assim Lorcan atravessou a porta para buscar você para mim, do mesmo modo que o anterior foi buscá-lo, e agora podemos nos divertir bastante enquanto você ainda é jovem. Algum dia, depois que ficar velho, chegará a sua vez de ir me buscar outro filho, mas não vamos pensar nisso agora.

Lentamente, Jack se virou para olhar atrás do trono. Lorcan estava a uns dez metros de distância. Observando.

Ela não sabia.

Conte a ela que eu destruí a porta, disse Lorcan dentro da cabeça de Jack, *e não sairá vivo desta nave.*

— O que você gostaria de fazer enquanto ainda é jovem, querido?

Jack levantou, sentindo-se mais alto do que Lorcan. Agora ele tinha seu próprio segredo.

— Posso dirigir a nave?

O capitão foi chamado, as mãos de Jack foram colocadas sobre o enorme timão. Os olhos de Lorcan queimaram sobre ele como se alguém tivesse deixado cair duas brasas em seu casaco. A Senhora bateu palmas, radiante de alegria.

Jack riu com o vento que ia de encontro ao seu rosto, enchendo seus ouvidos com um uivo. As montanhas os engoliram, uma floresta de pedra. Ele virou a nave tão bruscamente que uma bandeja de bolinhos caiu sobre o tapete, criando uma pasta grotesca de framboesas e creme. Um pássaro voou à frente, asas curvadas em dobradiças para pegar o ar. Um córrego fazia curvas abaixo, branco e cheio de espuma. O timão encaixava-se perfeitamente em seus dedos; o navio parecia responder a seus pensamentos. Por aqui, depois por ali.

Veio do nada. A princípio, Jack pensou que o estrondo fosse apenas o vento e o motor. Atrás dele, os homens gritaram com todas as forças:

— Preparem os canhões!

Jack virou o corpo. Quase caiu para trás de surpresa. Um jato de vapor, fervente, escaldante, foi soprado da boca do dragão. O calor lambeu os braços de Jack. Asas com a metade do tamanho da própria nave rangeram alto, em desesperada necessidade de lubrificação. Grandes escamas de bronze cobriam todo o seu corpo. Olhos de vidro grandes como rochas seguiam para trás e para a frente os homens correndo. Era como aquele seu pequeno dragão no palácio, mas terrivelmente maior.

— Passe o timão para mim — ordenou o capitão.

Mas Jack segurou firme.

— Não o matem! Por favor.

A mão da Senhora estava sobre a boca, e Jack pensou, de passagem, que ela parecia esconder um sorriso.

Mais vapor, uma lâmina afiada o suficiente para cortar uma vela em duas. O pano saiu voando em direção às montanhas e mais além, desaparecendo.

— Os canhões! — gritou Lorcan. Jack girou o timão, esparramando bules de chá e pinças de pegar cubos de açúcar pelo convés. Um tiro de canhão disparado de baixo por muito pouco não pegou a barriga do dragão. Um lençol de pedras caiu pela terra; uma nuvem de fogo levantou-se da encosta da montanha. — Criança idiota!

A bofetada ecoou por todo o navio, acima da cacofonia. Lorcan cambaleou para dentro do campo de visão de Jack e depois para fora dele novamente, recuperando-se do golpe da Senhora enquanto Jack movia a nave entre os picos recortados das montanhas.



— Ele está com sede! — Jack gritou para o capitão. — Só precisa de óleo! — Jack estava certo de que o dragão não queria machucá-los. Ele estava assustado, enjaulado no céu.

O navio se inclinou e girou no rastro das asas do dragão. As juntas dos dedos de Jack estavam brancas contra o timão de bronze, segurando tão firme quanto conseguia, enquanto tentava se esquivar das rajadas raivosas de vapor e da criatura frenética, batendo asas. Homens deslizavam sobre o convés, correndo para lá e para cá. Arabella se encolheu contra um mastro. A Senhora, destemida, estava sentada em seu trono. Lorcan tinha desaparecido.

— Leve-a para cima! — gritou o capitão, tensionando os músculos, um tambor de óleo seguro em seus braços. Dois guardas estavam atrás dele, lutando para manter o controle de outros recipientes pesados.

Com um som semelhante a uma forte rajada de vento, a nave subiu quinze metros, trinta. O estômago de Jack caiu até as botas. O dragão rugiu e bufou vapor, furioso, torcendo o corpo, tentando apontar para o dirigível.

Antes que conseguisse, o capitão derramou o óleo por sobre a amurada, e o dragão pegou aquela fita preta ondulante e engoliu como em um passe de mágica. Ele bebeu e bebeu até que o tambor ficou seco, então esvaziou o próximo, e o próximo. Espirros de óleo caíram sobre seus olhos e seu focinho. Mas seu grande corpo de metal estremeceu e pareceu se acalmar, as asas quase preguiçosas agora, mergulhando e se afastando do navio, passando o próximo pico até desaparecer.

Os dedos de Jack soltaram o timão vagarosamente. Estavam tremendo. Ele olhou para a Senhora, que definitivamente estava sorrindo agora. Ela não tinha medo porque não podia morrer, pensou, e o próprio Jack nunca havia se sentido tão vivo. Ele sorriu para o vento.

A OUTRA PORTA

O PALÁCIO ESTAVA EM SILÊNCIO, como deveria estar. Os carrilhões marcando uma hora depois da meia-noite tinham tocado no grande relógio dez minutos mais cedo. Jack estava sentado diante da janela, bem acordado, pois tinha sido um dia muito emocionante com o dragão, o dirigível e o que descobrira sobre sua mãe.

Ele tinha certeza de que ela não havia lhe contado tudo, mas haveria tempo suficiente para isso mais tarde. Jack seria seu último filho, embora ela ainda não soubesse disso; o último dos filhos perfeitos trazidos pela porta para viver naquele mundo maravilhoso.

Maravilhoso... por enquanto. E só se ele ignorasse a rua, onde as pessoas engasgavam e chiavam através de telas e pulmões de metal, mancando em desesperada necessidade de lubrificação.

Onde pessoas eram enforcadas.

Dentro do palácio, era maravilhoso. Seu dragão, que agora sem dúvida parecia minúsculo em comparação àquele enorme que havia aparecido nas montanhas, voava de barriga cheia, soltando roncos de contentamento preguiçoso. A rua Harleye também era maravilhosa, pensou, apertando o nariz contra o vidro para ver se conseguia identificá-la lá fora, no labirinto de casas e fábricas adormecidas sob um manto de fuligem.

Bang.

Jack deu um pulo, virou-se para olhar ao redor do quarto, mas tudo estava no lugar, em silêncio. Com as orelhas tensas, tentou ouvir barulhos do lado de fora da porta, mas nada aconteceu.

Rasp.

— O-olá?

Não houve resposta. O rosto de Lorcan apareceu por um instante na mente de Jack, uma careta maldosa. Só que não foi ele quem surgiu de repente no espaço da lareira, pisando com cuidado em brasas que tinham esfriado horas antes.

— Beth!

— Oi, Jack — disse ela, pulando sobre o tapete. O menino não sabia para onde olhar primeiro: para ela ou para a porta que havia acabado de se fechar atrás dela, sem um batente, invisível em meio aos tijolos enegrecidos pela fumaça.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele, a surpresa fazendo com que soasse rude, quando não era essa sua intenção. — Isso é uma passagem secreta?

— O doutor me proibiu expressamente de vir, e aí eu tive essa ideia — disse Beth, pulando cuidadosamente até se empoleirar na beira da cama de Jack. — Consegui que dessem corda em mim pra eu poder ficar acordada. Tem dessas passagens em todo o palácio, se você souber onde procurar, e eu sempre tive muito tempo para explorar quando a Senhora estava tendo um dos seus chiquies. Há alguns pontos de entrada e de saída. Talvez eu tenha entortado uma articulação quando entrei — disse ela, examinando um dos dedos.

— O doutor disse para você não fazer isso? — Jack franziu a testa.

— Ele não ficou muito feliz por você ter ido embora no meio da noite, mesmo tendo deixado um bilhete — disse Beth, encolhendo os ombros. — Mas vai se acalmar em breve. Nós vimos você na parada, todo chique naquela nave.

Então, eles *estavam* lá. Jack relaxou e sorriu para Beth. Agora que ela estava ali, o menino percebeu que havia sentido sua falta muito mais do que queria admitir para si mesmo, e, é claro, do que podia admitir para a mãe, Lorcan ou mesmo Arabella.

— Me mostra — disse ele, apontando para a lareira.

— Olha só para você, já dando ordens por aí. — Mas não havia rancor nas palavras de Beth. Era apenas o habitual bom humor dela. — Vamos, então, e traga essa lâmpada.

Foi difícil não rir quando os dois entraram na escuridão e correram, Jack mantendo os olhos nos calcanhares de Beth, que brilhavam à luz do lampião, a chama dançando dentro do vidro. A pedra grossa tornava tudo frio e cheirando a mofo. Algo com uma dúzia de pernas finas e pontudas como agulhas pousou no rosto de Jack, e ele ouviu o

barulho de metal no chão quando a afastou com um safanão. Beth virou-se abruptamente para a esquerda, forçando Jack a colocar a mão livre na frente do corpo de forma a não colidir com a parede em frente.

Ela o levou primeiro ao quarto que tinha sido dela, cheio de rosas e babados cobertos de pó. Bonecas de olhos vazios observavam tudo de cima de uma cômoda, uma gaiola vazia, branca e com ferro retorcido, pequena para um dragão, estava pendurada em um suporte de bronze. Jack percebeu, assim que entrou, que Beth não gostava muito do quarto, mas ele o fez pensar em algo que não tinha lhe ocorrido antes.

— Por que o dr. Cataplasma fez de você uma garota?

— Como assim?

— Todas as crianças que foram pegas de onde eu venho eram meninos. Mas você é uma menina. O doutor disse que todas as outras que ele fez eram meninas. — E não havia retratos delas pendurados na parede. Talvez a Senhora não achasse necessário, visto que Beth e suas irmãs não eram exatamente pessoas.

— Ah. — Beth se aproximou. — Eu não deveria saber, mas ouvi falar, na última vez que Sir Lorcan foi até a rua Harleyle. Foi... vejamos... alguns anos atrás, e a Senhora tinha acabado de me mandar embora, então eu voltei para o doutor. Sir Lorcan veio com um péssimo humor, como sempre. Disse que não éramos boas e que todas deveriam ser despedaçadas.

Jack engoliu em seco. Lembrou que o médico nunca dissera a Beth que, de fato, as outras tinham acabado assim.

— De qualquer forma — ela continuou —, o doutor se ofereceu para tentar fazer um menino, e Lorcan ficou ainda mais irritado. Começou jogando coisas pela oficina como um louco. Disse que *ele* era o filho da Senhora e nunca existiria outro. Embora estivesse errado, claro, já que agora ela tem você.

Sim, agora havia Jack. E Lorcan o desprezava.

— Quer ver meu quarto favorito em todo o palácio? — perguntou Beth, sorrindo iluminada. Jack assentiu com a cabeça.

Foi um longo trajeto, e parecia que tinham percorrido duas vezes o comprimento total do palácio, subindo escadarias e depois descendo, até Jack pensar que estava sentindo a vibração dos trens debaixo da terra. Beth parou em um trecho de parede que não parecia diferente de qualquer outro na pequena piscina de luz bruxuleante da lamparina que ele segurava. Ela a empurrou, e a parede se abriu para uma sala escura, o tamanho tornando-se imediatamente óbvio. Um salão de baile, no mínimo, cada um de seus movimentos ecoando. Jack levantou a luz e suspirou surpreso.

O salão estava muito frio, e isso era estranho. Devia ser acolhedor, quente,

brilhante, porque era coberto com ouro e o ouro parecia fogo. Tudo nele brilhava como o sol que era tão raro ali, como se fosse parte da magia do Império — o próprio sol retirado do céu e preso àquelas paredes. Claro que não era o caso, mas Jack sentia que não poderia ser criticado por pensar assim.

Cortinas de seda dourada com bordados carmesim cobriam as janelas. Pinturas em molduras douradas estavam penduradas nas paredes, as telas refletindo todas as cores do fogo. Um emaranhado de pedestais enchia a sala, com estátuas polidas e brilhantes de pássaros empoleirados em cada um deles. Alguns estavam em pleno voo, as asas abertas, outros, esqueléticos e corcundas, ainda mais sérios e atentos do que gárgulas, tinham um olhar de quase maldade capturado pelo escultor.

Se é que *escultor* era a palavra certa. Jack supôs que deveria ser, mas aquelas criaturas tinham sido construídas, não moldadas. Montadas a partir de pedaços de outras coisas — uma engrenagem de bronze aqui, uma pena prensada ali. Tal como seu dragão, só que aquelas não estavam vivas, e pareciam nunca ter estado.

— Não é lindo? — perguntou Beth, sua voz um sussurro que ricocheteou em cada superfície.

— O que é isso? Por que essas estátuas estão escondidas?

Beth começou a se mover entre elas, tocando uma ou outra de vez em quando com seu dedo torto.

— Desconfio que alguém acha que podem ser roubadas. É mais seguro aqui. Elas costumavam ficar lá fora, na cidade. São estátuas antigas comuns, sabe? — Beth o levou até uma das grandes pinturas, rachada com a idade, o óleo brilhando à luz da lamparina. Era a gaiola em que ele havia localizado a própria Beth pela primeira vez. Uma das grandes aves de ouro fora colocada exatamente onde Beth tinha estado naquele dia.

— Por que este pássaro está em todos os lugares? — perguntou Jack. E estava, não apenas naquele salão, mas em todos os lugares. O cabo da bengala daquele senhor que ele havia encontrado semanas atrás. A placa do restaurante. E a bola de cristal.

— Não sou a mais indicada para contar essa história — disse Beth. — Xeno é o homem para isso. Conhece-a melhor do que ninguém.

— Que história? — Mas Jack achava que sabia. Era a história que o doutor havia insistido ser um mito, e que não deixou Xeno contar a Jack. O menino foi para a pintura seguinte. Nela, o pássaro estava voando acima das nuvens, uma esfera em chamas no céu. — O que é *Voo de fogo*? — ele perguntou, lendo uma pequena placa de bronze afixada sob o quadro.

— É... O que foi isso?

Passos. Não na passagem, mas no corredor, e chegando mais perto. Quase instantaneamente Beth estava ao lado de Jack, dedos fortes beliscando seu braço

enquanto o puxava para trás da cortina mais próxima para se esconder. O vidro da janela gelou suas costas, mas ele não se mexeu, e usou seu último fôlego para soprar a lamparina, depois prendeu o ar enquanto uma chave girava na fechadura.

Jack olhou por uma fresta no tecido. Os sapatos elegantes de Lorcan pisaram lentamente no chão, sua própria lamparina erguida. Ele se aproximou, cada vez mais, até que Jack teve certeza de que Lorcan estava seguindo o som do seu coração, as batidas altas como um farol guiando-o direto para a cortina.

Mas não foi isso que aconteceu. Lorcan parou na pintura que tinha atraído a atenção de Jack segundos antes e, pelo que pareceu uma eternidade, simplesmente olhou para ela. Finalmente, acenou com a cabeça para si mesmo, afastando-se. Jack segurou a mão articulada e estranha de Beth com sua mão suada, um suspiro de alívio escapando do peito.

Lorcan se virou, os olhos sobre as cortinas. O sangue latejou nos ouvidos de Jack, e ele estava em casa novamente, em casa, ajoelhado no chão, olhando pelo buraco da fechadura. Os olhos de Lorcan refletiam a luz da lamparina que ele segurava, brilhando em um tom vermelho, como haviam feito daquela vez, muito antes, quando Jack teve certeza de que o homem sabia que ele estava ali, espiando sua mãe e suas amigas.

Mas o pior que poderia ter acontecido naquela ocasião era Jack levar uma surra, talvez ser mandado para o quarto sem jantar. Ele não queria pensar em qual seria a pior coisa que Lorcan poderia fazer naquele momento. Prendeu a respiração, tentando se tornar invisível por trás do pano pesado, desejando que Beth fosse menos sólida e real. Atordoado, Jack quase não acreditou quando Lorcan se retirou, um breve raio de luz vindo do corredor antes de a porta ser fechada.

— Espere — Beth sussurrou, pouco mais que um suspiro. Depois de vários minutos, parecia que ele realmente tinha ido embora, e os dois saíram do esconderijo e foram até a porta secreta. Eles correram por outras passagens, virando para a esquerda e para a direita, subindo e descendo escadas íngremes.

Os aposentos de Jack pareceram terrivelmente monótonos depois de todo aquele ouro brilhante. Eles saíram da lareira, o dragão gritando diante da chegada repentina dos dois.

— Xiu! — disse Jack, o peito dolorido pela falta de ar. Do outro lado da janela, viu que era quase de manhã, e tinham passado a noite inteira metidos em um labirinto de aventura que parecia inofensivo, agora que estavam a salvo, aquecidos e longe de Lorcan.

— Preciso ir embora — disse Beth. — Você vem?

Jack começou a ir. Ele podia, não podia? Simplesmente fugir com Beth e não olhar para trás.

Mas a porta tinha desaparecido, ele não conseguiria voltar para Londres, e a mãe — sua mãe *dali* — precisava dele. Ela não teria mais filhos. Na tranquilidade daquele quarto, Lorcan não era assustador. Não podia fazer nada para Jack enquanto o menino mantivesse o segredo.

— Eu gosto daqui — ele disse a Beth. Era verdade, quase.

Ela assentiu.

— O doutor vai ficar preocupado se eu não aparecer em breve. Mas posso voltar para visitar você, se quiser.

— Sim, por favor.

Beth passou pela porta secreta e Jack subiu na cama para esperar Arabella, que o acordaria para o café da manhã.

O ACIDENTE PROPOSITAL

QUANDO LORCAN FAZIA SUA MAGIA — *parte* de sua magia —, ele o fazia sozinho. Afinal, era um assunto particular. Aqueles que queriam aprender não seriam ensinados por ele. Poderiam encontrar seus próprios professores, que saberiam magias tão antigas quanto as colinas, e desmontar seus corpos metálicos caso eles se recusassem, como Lorcan tinha feito.

Não havia truques ali. Só um tolo não ia querer conhecer o inimigo.

A tigela de cobre já tinha sido colocada, cinzas no fundo, um quadrado de seda roxo, exatamente quatro ramos de tomilho. Uma pequena quantidade de água, não o muco imundo do Tâmis, mas um frasco de uma fonte oculta nas montanhas. Uma mecha de cabelo. De Jack Foster.

Uma semana; o garoto havia ficado sem supervisão no Império das Nuvens durante uma semana, fazendo sabe-se lá que tipo de malcriação, e aquela esquisita o visitara no palácio na noite anterior. Ele a tinha visto sair, trotando ao longe pelas ruas de madrugada.

Mas Lorcan poderia saber, se não o que ela tinha lhe dito naquela ocasião, pelo menos o que o menino tinha feito antes do corte de cabelo. Poderia descobrir se alguém tinha contado a história a ele.

— Berloque — disse calmamente. O diabrete apareceu do nada. Tremia tanto

que chegava a fazer barulho.

— M-mestre?

— Você sabe do que preciso — disse Lorcan. O diabrete olhou para os objetos sobre a mesa.

— Estou quase sem nada, senhor. — Ele começou a tremer mais.

Lorcan ergueu as sobrancelhas e passou-lhe uma tesoura, forte o suficiente para cortar metal. A criatura subiu na mesa, seu pé prendendo-se mais uma vez em um ponto na borda onde um sulco tinha sido aberto devido a muitas ocasiões como aquela. Fechou os olhos e prendeu a tesoura em torno de um dos dedos.

Não era sangue, não exatamente. Havia muito tempo, a criatura tinha aprendido a não gritar, então só houve um guincho metálico marcando o som da tesoura se fechando, *plaf!*, e o som do metal sobre a madeira quando o dedo caiu, o silvo gorduroso enquanto o líquido escuro caía na tigela de cobre. O primeiro jorro borrifou o fundo, em seguida as gotas continuaram. *Ping. Ping. Ping.*

— Chega — disse Lorcan. Não adiantaria nada secá-lo completamente. — Vá agora, mas fique por perto. Vou precisar de você de novo em pouco tempo.

O diabrete moveu-se, irritantemente lento, pegando o dedo e saltando para o chão. Um momento depois, havia desaparecido da mesma forma que chegara. Provavelmente tinha ido aos metalúrgicos para ser remendado, mas Lorcan não se preocupava com isso.

Ele precisava ver.

Sobre o óleo, deixou cair as ervas, verdes contra o marrom. A luz da lamparina brilhava e dançava. A água, agora, para ficar por cima, prendendo o tomilho, e, em seguida, o cabelo, espalhado como penas escuras. Ele cobriu a tigela com a seda e esperou, ouvidos atentos, um gerador de fagulhas na mão. O momento precisava ser exato. Uma brisa, espessa, entrou pela janela aberta. Lorcan torceu o nariz, mas ele tinha que ouvir.

Percebeu um instante antes de a grande torre do relógio soar meia-noite. Um sopro e, em seguida, o primeiro toque do sino. A seda caiu no chão. O conteúdo da tigela ondulou. Seu polegar acionou o gerador de fagulhas.

Uma coluna de fogo, vermelho e dourado, perfumado com tomilho, levantou-se da tigela, as chamas formando imagens.

Lá estava ele, o menino Jack. As mãos de Lorcan contraíram-se. Como ousava ser tão parecido com a Senhora? E como ela ousava amá-lo tanto, quando Lorcan tinha sido o filho ideal por mais de dois séculos? O garoto era perfeito, mesmo com as roupas sujas, o deslumbramento e a confusão em seu rosto quando saiu pela porta. Olhando as ruas, o estranhamento.

Entrando no parque.

As chamas chiaram, atingidas pelos pingos de chuva que faziam as pessoas correrem para se esconder, por medo da ferrugem, e que encharcaram a camisa do garoto. Ele continuou, pelo caminho que levava ao gazebo, que não estava vazio.

A-há!

Lorcan viu nos próximos cinco minutos tudo o que precisava ver. Estava tudo lá. Satisfeito, afastou-se. O menino não tinha descoberto o que mantinha Lorcan forte e inteiro, e esse era seu único medo verdadeiro. Ele poderia lidar com todo o resto. O fogo diminuiu, até que só uma única chama patinava em torno da tigela, e em seguida ela também se foi, deixando nada a não ser uma pequena pilha de cinzas, que seriam guardadas para a próxima vez. Berloque trouxe-lhe um pano, com o qual ele cuidadosamente limpou os vestígios de óleo e fuligem das mãos, das dobras dos dedos até as linhas das palmas.

Era tarde, e isso era bom. Quando morava no palácio, a estranha criatura sempre deixava a corda acabar à noite. Os guardas apareceram correndo assim que Lorcan os chamou, e saíram rapidamente com as instruções. Aquele médico intrometido, com seus experimentos não naturais, era útil demais para ser eliminado, mas ia aprender uma lição. Ah, sim.

Ele não teve que esperar muito tempo. Os guardas voltaram, com Beth entre eles, carregada como uma tábua de madeira. A fita do cabelo solta, um sapato pendurado precariamente em seu pé.



A janela ainda estava aberta. Lorcan a tomou dos guardas e levou-a até a borda. Precisou apenas de um empurrãozinho para que ela caísse, revirando no ar, o vestido ondulando ao vento. Beth se arreventou em uma tempestade de fios e engrenagens no pátio abaixo.

— Puxa, que pena — disse Lorcan. E sorriu.

A VITÓRIA E A DERROTA

UMA NEVE CINZENTA CAÍA SOBRE O IMPÉRIO, transformando-o em uma paisagem que parecia feita de carvão. Arredondados e sem beiradas, os contornos de um prédio sujo se misturavam com os do seguinte.

Os dias tinham passado a importar pouco, assim como um único grão de areia não importa para a praia. Cada um deles era uma coisinha de cristal cintilante que se desfizera diante dos dias anteriores. Ao observar de sua janela a cidade tornar-se quase escura, com uma luz difusa, Jack conseguia se lembrar apenas de uns poucos meses de risos, música, longas partidas de xadrez perto do fogo. Seu retrato fora terminado e pendurado na parede com os outros. De vez em quando, a Senhora anunciava que estava entediada, e então eles iam voar novamente em uma das aeronaves, mas Jack estava feliz por não ter encontrado outro dragão. Aquele pequenino que havia em seu quarto era o suficiente.

Beth não viera visitá-lo de novo, mas talvez aparecesse depois das férias. Várias vezes ele tentou explorar as passagens secretas sozinho, mas, sem a ajuda dela, terminava irremediavelmente perdido. Não conseguiu descobrir uma maneira de sair do palácio e sequer encontrou os aposentos aos quais Beth o tinha levado: o quarto dela e o lindo salão de ouro com as pinturas e os pássaros. No entanto, lembrando o que tinha acontecido lá, provavelmente era melhor que Jack não bisbilhotasse de novo.

Logo chegaria o Natal. Pilhas de presentes sob a magnífica árvore, pudins de ameixa e enfeites de vidro. Era assim que a sra. Pond sempre fazia, e Jack sabia que só tinha que pedir. Sua nova mãe lhe daria tudo o que ele desejasse.

Na verdade, ia pedir naquele momento mesmo. Arabella o tinha colocado na cama uma hora antes, mas o palácio era seu para andar como quisesse, mesmo depois da hora de dormir. A Senhora seria a última a ficar zangada com ele por isso.

O mármore estava frio sob seus dedos do pé, lembrando o inverno que congelava tudo do outro lado da janela. Jack desceu as escadas devagar. Até os laços e guardas tinham ido para a cama; talvez a própria Senhora estivesse em seus aposentos. Mas não. Havia vozes vindo da sala do trono.

— Eu já disse que não, Lorcan. Por que continua a me testar? Você age como se eu não soubesse seus segredos, ou como se quisesse que os guardasse para você.

Jack se aproximou vagarosamente da porta fechada.

— Fiz isso por você, Senhora — disse Lorcan. Ele parecia perturbado, como Jack nunca tinha visto. — Tudo o que fiz foi por você.

A Senhora riu.

— Mas eu não preciso de você. Tenho Jack.

Silêncio.

— Ele é jovem demais para ser o capitão da frota. Senhora, se simplesmente dermos às colônias o que elas pedem...

— Então todo mundo fica feliz! — disse ela. O som inconfundível de suas palmas perfurou a madeira e chegou ao ouvido de Jack. — Gosto de felicidade. Estou contente demais para ir à guerra, Lorcan. Não preciso desses lugares do outro lado dos mares. Vamos deixar que se governem sozinhos, enquanto gasto meu tempo com meu filho.

— Andrasta...

— Isso aborreceria Jack — ela disse, e ele piscou ao som do nome do garoto. — Pense em como salvou o dragão. Um menino tão bom. Tão gentil. Tão *perfeito*... e você queria matar a fera! Jack não gostaria de ir para a guerra por alguns punhados de terra. Tenho mais do que jamais poderia esperar aqui, nesta ilha. É o suficiente.

Silêncio novamente. Jack pensou nos enforcamentos. Como lhe tinha feito mal imaginar os corpos balançando, os pés chutando. O último, que ele tinha visto com Beth. A mãe estava certa: ele não queria o Império em guerra.

— Vá, Lorcan. Vá fazer... o que você faz. Deixe-nos com nossa diversão. Inspicione a frota se quiser, mas você não vai comandá-la em uma batalha. Vamos ter paz. — As palavras dela faiscavam, sugerindo um incêndio.

— Como quiser, Senhora. — A voz de Lorcan estava tensa como a corda de um

arco. O mais rápido que seus pés o levaram, Jack correu para a sala ao lado e entrou na sombra de um guarda-roupa bastante estreito, prendendo a respiração até que ouviu as botas do homem desaparecerem ao longe. Ele esperou mais um minuto.

— Mãe? — disse, entrando no quarto.

Ela se virou da janela, um sorriso brilhante e os olhos alegres.

— Menino querido, o que foi? Não consegue dormir?

Ele decidiu que era melhor esperar para perguntar sobre o Natal.

— Não — respondeu, e deixou-a acariciar seu cabelo e contar-lhe um conto de fadas, sobre fadas de verdade, até que um bocejo ameaçou quebrar sua mandíbula. Mesmo assim, foi só algum tempo depois de ter voltado para a cama que o sono o encontrou. Então, não haveria guerra. Jack estava contente com isso. Ser soldado supostamente era algo digno, mas, na visão dele, a guerra parecia uma coisa boba. Meninos ficavam em apuros por brigar na escola; isso fazia o diretor Adams gritar e às vezes ele os surrava tanto que ficavam sem poder sentar por uma semana.

Mas essa não era a coisa mais interessante em que podia pensar. *Você age como se eu não soubesse seus segredos.* A curiosidade queimou dentro de Jack. Não poderia ser o fato de Lorcan ser mágico — ele não fizera segredo disso desde o momento em que tocara a campainha dos Foster em Londres.

Era outra coisa. Algo que talvez tivesse a ver com o salão de ouro, e Jack decidiu que ia descobrir.

Talvez Lorcan tivesse seguido o conselho da Senhora e ido embora, pois ele não estava em lugar algum na manhã seguinte. Jack ficou contente com isso. Começou a fazer tudo o que estava ao seu alcance para deixar a Senhora com o melhor humor possível, entretendo-a ao desmontar o toca-canção e remontá-lo, pedindo mais bolo, sugerindo que eles se divertissem com uma brincadeira de esconde-esconde no palácio, revezando-se para encontrar um ao outro. Arabella e as outras meninas riram, apesar de não participarem, e havia chá quente à espera quando a diversão acabou.

Jack tinha desbravado uma boa parte do palácio com aquela brincadeira, embora não tanto quanto Beth conhecia. Havia uma sala inteira cheia de relógios, cada um deles marcando uma hora e andando em velocidade diferente, de forma que nunca era possível dizer se ele tinha ficado escondido por um minuto ou uma hora. Outra era forrada com espelhos e, se Jack ficasse muito tempo nela, talvez se esquecesse de qual deles era o verdadeiro.

No final da tarde, a Senhora sentou em seu trono e ficou olhando enquanto Jack consertava a grande máquina que sugava a poeira dos tapetes, orgulhosa quando parou de fazer aquele barulho irritante ou tossir pequenas nuvens de fuligem.

— Eu gostaria de ficar sozinho com a minha mãe — disse o menino. Arabella

olhou surpresa para ele, mas ela e as outras criadas saíram do salão. A Senhora sorriu iluminada quando Jack foi sentar a seus pés, com um pequeno bolo na mão, que ele despedaçou lentamente.

— O que torna Lorcan tão especial? — perguntou.

A Senhora piscou surpresa.

— Querido! Ele aborreceu você? — Ela começou a se levantar do trono, mas Jack a deteve.

— Não, mãe — disse ele, o que era uma mentira, mas ela não precisava saber disso, embora não fosse puni-lo se soubesse. — Mas, se eu soubesse como ele ficou jovem, então poderia fazer o mesmo, e ficaria com você para sempre.

— Ah. — O tom de sua voz baixou para um sussurro. — Isso não é possível.

— Por quê? Por que não é possível?

Os dedos dela embranqueceram, segurando os braços do trono.

— Porque só houve um, e ele o destruiu. Lorcan me contou, mas já era tarde demais para puni-lo.

Um o quê?, Jack abriu a boca para perguntar, mas então a porta se abriu também.

Lorcan irrompeu na sala, a cartola debaixo do braço estrelada com flocos de neve, as mãos cobertas de óleo e cinzas.

— Senhora — disse ele, inclinando-se respeitosamente. — Pode me emprestar o jovem Jack por um tempo? Senhor — ele disse a Jack, inclinando-se novamente. *Mantenha seu sorriso e segure a língua, pequeno Jack. Não me obrigue a fazer algo lamentável. Vamos apenas conversar.*

— É claro — disse ela, distraída, olhando para fora da janela. — Vão e sejam bons amigos, mas não o deixe longe de mim por muito tempo, Lorcan, ou vou sentir tanta falta dele que será demais para suportar.

— Claro, Senhora.

Jack seguiu Lorcan, quase correndo para acompanhar os passos rápidos do homem, lembrando-se de quando o seguira até o relógio. Não tinha a menor ideia do que queria com ele, mas isso não era problema, pois ele sabia o que queria com Lorcan.

Descobrir o que, exatamente, tinha destruído.

Um guarda do palácio estava na porta da frente, pronto para segurá-la para eles enquanto saíam. Jack não tinha deixado o palácio a pé desde sua chegada. Fazia frio e o vento criava fantasmas em turbilhões na neve. O menino tremeu dentro das roupas finas, quentes o suficiente apenas para ficar dentro de casa.

Além dos portões com crostas de gelo, uma carruagem esperava em uma poça, emitindo calor à sua volta. O motorista saltou para segurar a porta, como Wilson fazia, mas não havia cavalos. Lorcan colocou Jack lá dentro, esperando até que ele estivesse

acomodado em um banco largo, antes de ele próprio subir. Uma divisória espessa separava o compartimento do motorista.

— Não tivemos o melhor dos começos, você e eu — começou Lorcan. Aos poucos, a cidade começou a deslizar pelas janelas.

Jack ficou em silêncio.

— Eu, como qualquer pessoa, tenho de fazer o que é necessário. Isso é algo que você vai aprender. E o que é necessário é a felicidade da Senhora. Sem ela, todos estaríamos... — Ele deixou os dedos flutuarem no ar. — Eu era o filho dela antes de você. Sabia disso?

— Sim — disse Jack. Eles estavam atravessando uma ponte sobre o rio congelado. Rachaduras enormes corriam sobre o gelo, de modo que a coisa toda parecia uma teia de aranha.

— E, agora, não sou nada. Não mais o filho dela, apenas o comandante de um exército que ela quer que fique em casa, quentinho na cama, em vez de lutar pelo Império como é seu dever. Você vai envelhecer, e eu não, mas diga-me, jovem Jack, será que devo esperar? Será que devo ficar a postos e vê-la deixar o Império escapar-lhe das mãos, tudo por causa de um garoto de quem vai cansar em poucos anos?

Jack se perguntou se deveria estar assustado, mais certo do que nunca de que Lorcan o odiava. Ele o conseguira para a Senhora, sim, porque ela havia pedido — ou ordenado —, mas o odiava mesmo assim.

Jack se empertigou. *Ele* era o filho da Senhora agora, e Lorcan estava com ciúmes, mas o menino não seria intimidado.

— O que você vai fazer quando ela descobrir que sou o último? — ele perguntou. — Não contei que a porta desapareceu, mas poderia muito bem contar. Quando eu quiser. — Uma pequena vitória, mas mesmo assim importante. Jack recostou-se no assento, satisfeito consigo mesmo.

— Por que todo mundo quer você? — Lorcan disse entre os dentes. — A Senhora o ama demais. A tola da sua mãe, sua mãe verdadeira, chorando como uma criança quando você desapareceu. Como se fosse especial. — Seus dedos se contraíram e endireitaram novamente. Uma respiração profunda fez seu peito subir e descer.

Jack piscou.

— E-ela chorou? — Em toda a sua vida, ele não se lembrava de ter visto a mãe chorar.

Lorcan ignorou a pergunta.

— Muito bem. É assim que vai ser: diga-me o que deseja para manter o segredo da porta.

Ela chorou. Está triste porque eu sumi.

— Está realmente destruída? — perguntou Jack, e Lorcan assentiu com a cabeça. — Tudo bem. Diga-me por que você não envelhece e como consegue falar dentro da minha cabeça.

Lorcan empalideceu.

— Então você tomou mesmo o meu lugar — disse ele, quase para si mesmo. — Pode ser que eu realmente tenha escolhido bem demais. Tudo bem, pequeno Jack, vou lhe contar, mas não hoje. Aprendi muita magia com as fadas, e vou lhe ensinar tudo o que sei. Na véspera do Ano-Novo, quando o que é velho morre e tudo renasce. Vou lhe mostrar. Exatamente à meia-noite, quando a magia é mais forte. Fique olhando para o relógio e eu irei até você. — Essas palavras foram ditas em um tom tranquilo, e ele estava sorrindo, mas havia algo afiado nelas, como agulhas escondidas em uma manga da camisa, prontas para tirar sangue.

A véspera de Natal veio com uma nova camada de neve, e enormes autômatos percorriam as ruas para limpá-las, deixando a pavimentação perigosamente lisa para trás.

O palácio era tudo o que Jack queria que fosse. Mil vezes melhor do que o azevinho e os pedaços de vidro pendurados pela sra. Pond. Ele comeu pudim de ameixa até enjoar e dançou com a Senhora, enquanto Arabella e as outras meninas giravam em torno deles em lindos vestidos.

O melhor de tudo era a pilha de presentes, alta como uma montanha, debaixo de uma árvore decorada com lâmpadas de ouro.

— Do duque Fulano-de-tal — diria Arabella, carregando outra braçada de presentes que tinham viajado através dos mares.

— Esplêndido! — gritou a senhora. — Todo mundo está muito feliz. Você está feliz, querido Jack?

— Sim, mamãe. — Ele sorriu para ela.

Era impossível dormir. Por mais frio que estivesse, Jack arrastou-se de sua cama para abrir a janela. Um bando de fadas correu para dentro, as asas batendo tão rápido que elas pareciam apenas um borrão. Ele soltou seu dragão da gaiola e ficou olhando as criaturas perseguirem umas às outras em torno das luzes, chamas douradas refletindo nos corpos de aço. As fadas davam gritinhos quando as pequenas mandíbulas do dragão chegavam perto demais de seus pés, e, em seguida, elas se reuniam em um enxame para descer sobre ele, cutucando-o e dando suas risadas de metal.

A grande torre do relógio soava a cada quinze minutos, e Jack controlou as horas até o amanhecer. Em Londinium, o dr. Cataplasma, Beth e Xeno talvez fizessem a ceia de Natal juntos, o óleo de Beth em uma taça especial para a ocasião. Em Londres, a sra.

Pond já estaria acordada, ocupada em cozinhar um ganso gordo.

Apenas nas horas mais sombrias é que Jack se permitia imaginar se eles sentiam falta dele, ou se estavam tão acostumados à sua ausência enquanto ele estava na escola que tudo parecia perfeitamente normal. E então ele pensava na Senhora, que o queria consigo o tempo todo.

Amanheceu por toda a cidade, o que era quase imperceptível, a não ser por um leve clareamento da camada de nuvens. Ia nevar de novo; o ar estava carregado com o cheiro de neve.

— Feliz Natal, senhor — disse Arabella, entrando apressada. — Nossa, você dormiu?

— Estou bem.

— Fico feliz em ouvir isso. A Senhora está tão animada que mal parou quieta para ser vestida.

Jack ficou parado até o exato momento em que Arabella terminou de amarrar os cordões de suas botas. Então ele correu à frente, saindo de seu quarto e descendo as escadas, atravessando a porta do salão do trono para se lançar nos braços da Senhora. Ela riu, deliciada, e o girou ao redor de si.

— Presentes? — ele perguntou.

— Claro! Lorcan, cuide do café da manhã.

— Imediatamente, Senhora. Feliz Natal, jovem Jack.

O menino acenou com a cabeça. Uma espécie de civilidade constrangida tinha se estabelecido entre os dois depois do passeio na carruagem. Logo, logo ele ia aprender a magia de Lorcan, como o homem tinha oferecido no salão em Londres.

A pilha de pacotes parecia ter aumentado durante a noite. E talvez tivesse mesmo. Embrulhados em papel e sedas finos, vindos dos súditos da Senhora e dos cavalheiros e damas das colônias. Ele abria um a um, enquanto a pilha de papéis amassados ficava mais alta do que o próprio Jack no lugar onde estava sentado.

Arabella passou-lhe o próximo, uma pequena caixa embrulhada em um lindo papel esmeralda cintilante. Dentro, embalado em um ninho de tecido, estava um dispositivo estranho, de um tipo que Jack nunca tinha visto.

— Acredito que tenha vindo de um dos duques do deserto — disse Arabella à Senhora.

— Está vendo, Lorcan? — disse a Senhora. — Eles não estariam lhe enviando estes presentes encantadores se tivéssemos escolhido a guerra. Ah, é muito mais agradável quando todos podemos ser amigos.

Jack virou o objeto em suas mãos. Era uma espécie de bola de beisebol. Achatada em uma das extremidades, como um ovo. Bronze e latão entrelaçados em anéis

esposos. Ele virou um, que fez um clique. Curioso. Começando pela parte de cima, girou cada um deles, um por um. *Clique, clique, clique*. Virou o último e o todo se abriu, revelando um nó de engrenagens dentro e uma pequena trava de correr.

A sala prendeu a respiração, esperando para ver o que a geringonça ia fazer em seguida. A Senhora sorriu, deliciada.

Jack fez a trava deslizar. No mesmo instante, percebeu que aquilo tinha sido um erro. Preso lá dentro não estava o pedacinho rosado e reluzente de alma que havia escapado daquele pé rebelde na oficina do dr. Cataplasma. Não, o que estava lá dentro era uma coisa preta, gordurosa, escorregadia e ruim — e estava viva.

Ela se arrastou de dentro da bola sobre a mão que a segurava, queimando, ardendo.

Adeus, pequeno Jack. O riso de Lorcan ecoou na cabeça do menino. *Pequeno e alquebrado Jack*.

Ele começou a gritar, e tudo ficou escuro.

O quarto — seu quarto no palácio — entrava e saía de foco. Uma ou duas vezes ele pensou ter visto Arabella, Lorcan, um velho que ele não conhecia, mas talvez fossem apenas sonhos. Podiam ter sido pesadelos, provocados pela terrível dor que tomava conta lentamente de sua mão e de seu braço. Uma xícara foi levada a seus lábios, e ele engoliu um líquido espesso e repulsivo que tornava tudo distorcido como a neve lá fora. A voz de Arabella era distante e abafada enquanto ela contava uma história para acalmar seus gritos. Algo sobre um pássaro, e fogo, mas não conseguiu prestar atenção. Ele dormiu novamente.

Quando Jack acordou, estava sozinho. Algo parecia muito, muito errado, mas ele não sabia o quê. Não a princípio. Piscando, olhou para a janela. A luz do dia, pelo menos o que poderia ser chamado assim no Império, entrava preguiçosamente através do vidro entre as cortinas semiabertas. O presente. Ele estava abrindo um presente e tinha sido estranho, terrível. Tinha machucado a mão.

Ele olhou.

E começou a gritar de novo.

★

Arabella apareceu.

— Xiu! — ela sussurrou, segurando um pano frio sobre a testa dele. — Eu lhe imploro, senhor, não acorde a Senhora. Ela passou todas as horas do dia e da noite gritando. Está preparando a frota para a guerra.

— Não! — Jack tentou sentar, mas Arabella o deteve.

— Acalme-se, por favor, Jack.

Ela nunca o havia chamado de Jack antes. Foi o suficiente para surpreendê-lo de tal forma que ele ficou em silêncio.

— Dói? — ela perguntou.

O menino engoliu em seco.

— Não. — Não era exatamente uma dor, de qualquer forma. Mas quando Jack levantou o braço e viu o espaço vazio onde a mão deveria estar, onde *tinha* estado até abrir o presente, uma dor horrível se espalhou pelo seu corpo.

Lágrimas começaram a pingar de seus olhos.

— Você pode mandar fazer uma nova — disse ela com uma animação falsa. — Alguém mais vai perguntar de onde você veio. Será igual ao resto de nós. Você tem sorte, na verdade. Foi um ferimento mágico. Eles saram bem rápido, mais rápido do que os normais.

Uma mão com engrenagens mecânicas, como o dr. Cataplasma, ou o lacaio na porta da sala de trono, ou inúmeros outros que Jack tinha visto. Mas isso significava...

— Ela está muito brava? — perguntou Jack. O sorriso de Arabella se desmanchou.

— Nunca a vi com tanta raiva. Quebrou toda a sala do trono e metade do palácio. Mandou enforcar uma dúzia de pessoas de uma só vez.

— Quero falar com ela. — Ele ia confortá-la, dizer-lhe que não se importaria em ter uma nova mão.

— Ah, Jack. Eu fiz o que pude para convencê-la de que você não deveria ser mandado embora até que estivesse curado!

— Ela não me quer mais? — Jack perguntou num sussurro, sabendo a resposta no momento em que formulou a pergunta. Ele não era mais perfeito. Nem inteiro.

— Tenho certeza de que ela vai mudar de ideia assim que tiver se acalmado um pouquinho. Deixe-a descansar. Aliás, você precisa descansar também. — Arabella tirou o pano da cabeça de Jack e se levantou da cama para atravessar o quarto.

Nos dias que se seguiram, parecia que a Senhora estava sempre descansando. Ela nunca estava na sala do trono destruída quando Jack ia até lá, ou na magnífica biblioteca. Arabella levava as refeições dele em uma bandeja, saindo apressada de novo antes que Jack pudesse fazer muitas perguntas.

A ferida em seu pulso começou a sarar, sendo substituída por uma crescente, dolorida, no peito. Uma desconfiança de que a mãe não ia mudar de ideia e Arabella

havia dito aquilo só para silenciá-lo. Isso o levou a esperar até que estivesse certo de que a criada estava na cozinha, preparando sua ceia. Jack seguiu pelos corredores sinuosos, pelos tapetes grossos, passando pelos retratos sombrios e de olhos arregalados.

— Deixe-me entrar — ele ordenou ao lacaio na porta dos aposentos da Senhora. Chocado, o homem girou a maçaneta antes de perceber que talvez não devesse ter feito isso, mas o espaço aberto foi o suficiente para um menino pequeno.

A Senhora estava sentada em um banquinho coberto de brocado cor de ameixa. Seu vestido estava amassado, os lábios vermelhos borrados em seu rosto, um cacho com a aparência de uma mola descendo pelo pescoço. Os aposentos estavam uma bagunça. Uma cortina rasgada pendia molemente do varão.

— M-mãe?

— Não sou mãe de ninguém — disse ela, calma e rouca. — O que está fazendo aqui?

Um calor arrepiou a pele de Jack, queimando mais ainda em seu pulso.

— Vim ver você.

— Bom. — Seus olhos estavam frios, cobertos por lágrimas congeladas. — Pode ir embora agora.

Ele sentiu enjoo.

— Mas...

— Eu disse para ir embora! — ela gritou. — Eu me esforço tanto para que tudo seja divertido e bonito. Por que as pessoas estragam tudo? Você era perfeito, e agora não é mais, então pode ir embora! Lorcan já está procurando outro filho para mim. Um filho inteiro.

Por um momento, Jack contemplou a verdade que tinha em suas mãos. Lorcan ficaria furioso, mas o menino supôs que isso não importava mais agora. O que mais qualquer um deles poderia fazer com ele?

— Não — disse Jack, endireitando o corpo diante da fúria dela. — Ele não está. Lorcan quebrou a porta de entrada para me manter aqui. Pergunte; ele vai confirmar. E foi Lorcan quem fez isto comigo — completou, levantando o braço.

— MENTIRAS! — Ela pegou um objeto que estava sobre a mesa, que se despedaçou contra a parede em uma chuva de luzes brilhantes. — Ele é o mais leal de todos os meus filhos. Realizou uma magia que você nem consegue conceber para poder ficar comigo para sempre!

— Que magia? — Eles mereciam um ao outro, viver eternamente naquele lugar fantástico e horrível com suas belas engrenagens e pessoas que morriam sufocadas. Mas se havia alguma magia que Jack desconhecia, um tipo que ele nunca tinha visto, então, talvez, apenas talvez, haveria uma maneira de refazer a porta.

— Você acha que vou lhe contar? Criança tola. Saia! Saia! Saia! Nunca mais mostre seu rosto no meu palácio novamente.

Meninos fazem o que mandam.

Jack saiu correndo.

A LENDA

NÃO HAVIA NADA QUE JACK QUISESSE LEVAR CONSIGO, ou assim ele pensava. Ninguém tentou detê-lo quando correu pelo palácio, descendo as escadas, saindo pela porta mais próxima. Arabella conseguiu alcançá-lo um pouco além dos portões, a bainha do vestido manchada de lama.

— Leve seu dragão. — A criatura estava bem fechada na gaiola; ela lhe passou a alça. — Está um gelo aqui — Arabella disse, colocando um casaco quente sobre os ombros dele. — Há algo no bolso. Sinto muito. — E, por um momento, ela olhou para Jack. — Tenho que voltar antes que ela comece de novo. Cuide-se. Você tem para onde ir?

Ele esperava que sim. Jack não tinha certeza de nada agora.

— Conheço um médico na rua Harleye. — Se não desse certo, tentaria encontrar o caminho para a casa de Xeno, cheia de néctares de fadas e bocados de magia.

— Conheço esse médico — disse Arabella. — É melhor você ir, ou vai ser a sua morte.

A sra. Pond costumava dizer isso. Arabella tinha ido embora antes que Jack olhasse nos bolsos, e por isso ela não viu as lágrimas que caíram e congelaram em seu rosto. Ele pensou que tinha desaparecido, a bússola que era sua única lembrança palpável de Londres. De *casa*. Onde sua mãe verdadeira tinha chorado quando ele sumiu. De todas

as coisas que tinha lhe dito, essa era a única sobre a qual Lorcan não tinha nenhuma razão para mentir. A agulha da bússola girou, mas a madeira era sólida, ainda quente do toque de Arabella na única mão de Jack.

Levou muito tempo para andar até a rua Harleyste através da neve, e seus pulmões começaram a doer devido ao ar imundo. Muitas vezes ele quase escorregou no gelo sujo, envolto demais em pensamentos para olhar onde pisava. Tudo lhe veio à mente em um verdadeiro turbilhão: sua casa em Mayfair, os soldadinhos de madeira alinhados nas prateleiras, seus livros. A sra. Pond, sua mãe e seu pai, que sempre o consolavam quando ele estava doente ou machucado.

Devia haver um jeito de voltar. Simplesmente tinha que haver.

A rua Harleyste estava envolta em cinza, o topo dos portões de ferro com uma cobertura de gelo que os fazia parecer um bolo horrível. Não havia lâmpadas acesas na casa do dr. Cataplasma, mas Jack foi até a porta, colocou a gaiola a seus pés e bateu, a dor mordendo os dedos gelados.

Um minuto se passou, depois outro, e outro. No fim das contas, era possível que tivesse de ir para a casa de Xenos, e seu corpo protestou contra a ideia da viagem. Seria uma caminhada terrível, com os pés dormentes dentro de botas encharcadas, e Arabella não tinha pensado em acrescentar algumas moedas junto à bússola, se é que ela tinha alguma. A gaiola do dragão era pesada, especialmente porque ele não podia mudar de mão para descansar um pouco.

Finalmente, a porta se abriu. O dr. Cataplasma olhou para ele com os olhos injetados de sangue. O cabelo branco tinha perdido seu aspecto macio e agora estava grudado na cabeça do médico, como um boné gorduroso e imundo.

— Ora, ora — disse o doutor. — O príncipe retorna. Cansou dos desfiles, é?

Todo mundo estava com raiva dele, Jack percebeu cheio de tristeza.

— Lamento por ter fugido — disse ele. — Era muito importante. Vou explicar, prometo.

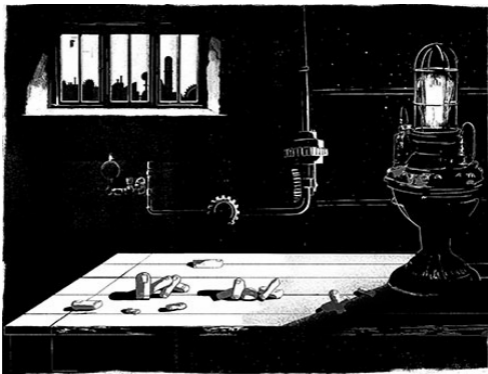
O médico bufou.

— Não gostaria que você se transformasse em um picolé na porta da minha casa — disse ele.

Ah, estava abençoadamente quente dentro da oficina. O vapor era tão espesso que poderia ser cortado, e Jack piscou várias vezes antes de conseguir enxergar direito. Assim que enxergou melhor, desejou ficar cego novamente.

— O que... O que é isso? — perguntou, batendo os dentes, embora já não estivesse mais tão frio. Cada superfície da oficina estava coberta de fios, engrenagens e um tipo estranho de pele que Jack só tinha visto em uma pessoa. Em cima da mesa mais próxima dele, dedos do pé estavam espalhados como dominós. A fita que Beth sempre

usava no cabelo estava jogada em outra mesa.



A voz do dr. Cataplasma tremeu.

— Isso, rapaz, é uma mensagem de Sir Lorcan. Entregue em um saco, como se fosse lixo. Não gostou que nós o acolhêssemos, o que leva à pergunta: por que está aqui agora? — perguntou o médico, segurando a gaiola até a altura dos olhos para examinar o dragão lá dentro.

— Ah, *Beth* — Jack sussurrou. Moveu-se entre as mesas, inspecionando cada parte quebrada. Não tinha percebido até agora o quanto a ideia de que ela estaria lá havia sido um conforto em sua caminhada desde o palácio. Afinal, *Beth* foi a primeira pessoa que ele conheceu no Império e a única que Jack sabia que ia entender o que tinha acontecido com ele. — Ele a matou. — Uma fúria tomou conta do menino, um fogo com o qual desejava poder queimar Lorcan.

— Que bom que você entende — disse o dr. Cataplasma.

— Quando? — Jack perguntou. O médico franziu os lábios, pensando.

— Foi há alguns meses. Antes de chegar o frio de verdade, se bem me lembro, porque eu não ficava preocupado por ela estar fora a noite inteira. Era uma bobagem, visto que o frio não fazia diferença para ela, mas... *Beth* voltou no dia seguinte, alegre como nunca, e saiu novamente. Foi quando...

— Ele é horrível — disse Jack. Então era por isso que *Beth* nunca mais tinha

voltado pelas passagens secretas para visitá-lo. Lorcan a tinha esmagado, como dissera certa vez que deveria ser. — E a Senhora é... Eu acho que ela não é muito boa da cabeça. Acho que está viva há tempo demais, e que isso a transtornou de alguma forma.

— O que aconteceu, rapaz?

Jack afastou-se da mesa sobre a qual havia um pedaço grande de perna, com uma longa rachadura no joelho. De frente para o médico, ele puxou a manga do casaco.

O rosto do dr. Cataplasma perdeu o pouco de cor que tinha.

— Quem fez isso?

— Lorcan. — Jack tinha certeza. Era muito bem-feito, muito ordenado, uma trama marcada passo a passo em um relógio. Lorcan queria ir para a guerra e culpava o menino pela recusa da Senhora. Se ele já não desprezasse Jack, isso por si só teria sido razão suficiente. Que melhor maneira de provocar a Senhora do que convencê-la de que uma das colônias tinha feito mal ao filho? E agora Lorcan não precisaria ensinar a Jack sua magia, se é que algum dia tivera essa intenção. Lorcan sabia, é claro, que a Senhora não suportaria olhar para o menino depois que...

O médico se ocupou limpando uma das mesas, virando cada peça nas mãos e olhando para ela por um longo tempo antes de colocá-la de lado e passar para a próxima. Quando conseguiu espaço para trabalhar, foi buscar caixas e frascos, e sua bolsa de ferramentas.

— Por que o senhor não a montou de novo? — perguntou Jack.

— Tendo em vista que *voce* veio à *minha* casa, e pela segunda vez, devo acrescentar, acho que eu deveria ser o único a fazer as perguntas aqui. Devo esperar outra visita de Sir Lorcan?

— Não.

— Certo. Bem, acho que isso já é um começo. Conte tudo.

Jack encontrou o banquinho que Beth usava enquanto ele e o dr. Cataplasma trabalhavam em mãos, pés e pulmões. Antes de seu tempo no palácio. Antes dos enforcamentos, que foi realmente quando tudo começou. Enquanto o médico trabalhava, Jack contou-lhe sobre tudo, menos as vozes. O dr. Cataplasma não parecia estar com humor para tolerar loucuras naquele momento, particularmente vindas de Jack, e o menino não podia culpá-lo.

— Xenon disse... O sr. Fink disse que pode haver uma maneira de voltar para casa. O médico pegou uma chave de fenda e apertou a articulação de um dedo.

— Xenon não bate bem.

— Mas e se houver? Eu quero voltar, doutor. Não queria antes, mas agora quero.

— Sim, estava claro como água que você não queria antes. Quanto ao que aquele lunático quis dizer, você precisa perguntar a ele mesmo. Não sei a história inteira;

nunca me importei com ela. Superstição e absurdos...

Devia ser estranho ter nascido ali, ter crescido em torno de fadas, dirigíveis e cogumelos com línguas, Jack pensou. Talvez o menino estivesse mais disposto a acreditar em qualquer história de Xeno porque *tudo* ali era tão estranho para ele.

Mas ele não conhecia a lenda ainda.

— Podemos visitá-lo? Eu uso os óculos de proteção, se for preciso, mas não acho que isso importe muito agora. Não estão me procurando.

Clank, dank, dank. O médico martelava um pedacinho de metal.

— Não há necessidade. Na verdade, pensei que fosse ele batendo na porta quando você chegou. Agora Xeno está sempre me incomodando. Deve pensar que estou me sentindo sozinho sem... sem nenhuma companhia. Além disso, ele continua se oferecendo para me encontrar uma alma.

— Você precisa de uma para Beth. É por isso que ainda não a remountou.

Um silêncio como um elástico estendeu-se o suficiente para vibrar nos ouvidos de Jack.

— Sim e não. Uma alma inteira não é o item mais fácil de conseguir, até mesmo pelos métodos de Xeno, os quais é melhor não investigar com mais cuidado do que o necessário. Não há nenhuma garantia de que ela vai acabar se tornando o que era, e uma alma como a de Beth não é tão fácil de simplesmente substituir. Ela era quase perfeita. Meu melhor trabalho. Nunca conseguirei fazer melhor.

Jack compreendia. O médico amava Beth como uma filha, mais do que a Senhora o havia amado, disso ele tinha certeza, e deixá-la em pedaços era, talvez, mais seguro do que vê-la inteira mas diferente.

— Deixe-me ver — o médico disse em voz alta, apontando para o pulso de Jack. O menino levantou-o no ar.

— Mais um dia, talvez dois. Deve deixá-lo curar corretamente. Até lá terei uma nova pronta.

— Obrigado — disse Jack, ciente de que aquela era uma gentileza que ele não merecia. Mas ia aceitá-la, e não só para recuperar a mão perdida.

Mais tarde, muito mais tarde, quando o céu estava escuro e o ar tinha o gosto da luz das estrelas, Jack desceu as escadas, satisfeito com a ceia, aquecido pela aconchegante sala de estar. O dragão estava dormindo, contente por ter bebido um dedal de óleo. As mãos do médico tinham tremido ao colocá-lo dentro da gaiola. Jack acendeu uma lamparina e viu a chama ganhar vida. Os pedaços de Beth brilharam devidamente sob ela. Sua cabeça tinha se quebrado como uma casca de ovo, e ele levou um bom tempo

para encontrar todas as peças.

Ele ia esperar Xeno chegar e sua nova mão ser feita. E, então, se o doutor não remontasse Beth, Jack ia fazê-lo sozinho.

Às nove horas em ponto, na manhã seguinte, Xeno bateu à porta do médico. De seu banquinho, Jack ouviu-os falar em voz baixa na soleira da porta antes que entrasse. Xeno trazia uma grande garrafa de conhaque, com rolda de cortiça e cera, cheia de uma névoa azul-celeste.

— Já estou cansado de suas lamúrias, Mefisto. É a melhor que consegui arranjar — ele disse ao doutor, sorrindo com sua mandíbula de bronze.

— A bebida ou a alma?

— Ambos, na verdade. — O olho fendido de Xeno fixou-se em Jack. — Olá, Jack. Parece que você tem uma história para contar, mas Mefisto já me passou, hã, os detalhes mais importantes. Você está bem?

— Sim — respondeu Jack, balançando a cabeça.

— É uma pena o que houve com a sua mão, mas podemos consertar isso.

— Já comecei. Agora já para cima, vocês dois. Jack tem uma pergunta, e, se eu vou acompanhar essa loucura, é melhor fazer uma xícara de chá, se ninguém se importar.

O dr. Cataplasma demorou mais com o chá do que o habitual, agitando-se quase tanto quanto Arabella faria, com as pinças para açúcar e um prato de biscoitos. Quando não conseguiu encontrar mais nada com o que se envolver, acomodou-se na última poltrona. Jack olhou para o espaço onde a mão deveria estar, onde costumava estar, e estaria novamente.

— Você disse que havia uma lenda — começou ele. — Algo que poderia me ajudar a voltar para casa. Mas se a porta está quebrada agora, então acho que precisamos de uma nova e...

— Ah — interrompeu Xeno, com um sorriso largo se espalhando por todo o rosto. — Você quer saber sobre o Pássaro Mecânico.

“Há muito tempo, esta terra não era nada além de deuses e magia. Alguns dizem que um veio do outro, mas isso é para outra hora. Os deuses martelavam em suas bigornas, forjadas em chamas incandescentes. Suas criações os divertiam e os deuses adoram diversão.

“A terra mudou um pouco. As pessoas vieram. Viram o que estava ao redor, usaram para suas invenções, que dependiam de vapor, engrenagens de relógio, óleo e ar. A Senhora governava o Império, e assim ele cresceu. Um dia, ela decidiu dar ao Império um presente, uma gentileza para as pessoas que havia trazido para cá. Uma

criatura fantástica, um símbolo de esperança e beleza. Ela usou quase toda a sua magia para construir essa coisa maravilhosa, mas o resultado final valeu a pena. Mesmo que isso significasse que seus súditos teriam que trabalhar duas vezes mais, construir fábricas duas vezes maiores para fazer o trabalho que ela já não conseguia sustentar com magia, para manter o Império seguro e próspero.

“No fundo de uma caverna onde a luz do sol não chegava, o Pássaro Mecânico viveu na escuridão, até que chegou o momento em que ele fez sua própria luz. Brilhando com fogo e poder, voou para fora sob o céu. Embaixo, qualquer um que tivesse a sorte de vê-lo prendia a respiração, fazia uma oração e continuava com seus negócios, independentemente do que fossem, mais felizes do que antes.

“Mas esse não era o poder do Pássaro Mecânico.”

— E qual era? — perguntou Jack, a voz não mais do que um sussurro no silêncio que tomou conta da sala. A história parecia familiar, de alguma forma, mas nova também. Ele fechou os olhos, lembrando-se da dor e da voz de Arabella.

Xeno levou um dedo ossudo até sua boca brilhante, pedindo para que não interrompesse.

— As pessoas amavam suas fadas, essas pequenas feras travessas, os dragões grandes e pequenos, pois nunca tinham conhecido qualquer outra coisa. Grifos com grandes escamas de bronze e garras foram vistos muitas vezes nas montanhas; unicórnios mecânicos, sempre tímidos, escondiam os chifres de cobre nas florestas.

“Mas nenhuma criatura foi mais amada do que o Pássaro Mecânico. No alto das copas das árvores ele cantava, uma música diferente de qualquer outra. Sua voz era mais doce no vidoeiro, mais alta na macieira e qualquer um que tivesse a sorte de ouvi-la acabava com a cabeça cheia de belos pensamentos, como se fossem soprados em seus ouvidos.

“Esse, no entanto, não era o único poder do Pássaro Mecânico, nem o mais importante.

“O tempo é diferente para pessoas diferentes: longo e insuportável para alguns, um simples piscar de olhos para outros. Mas ele deve ser medido por um dos nossos muitos relógios. O Pássaro Mecânico voou durante cinquenta anos antes de chegar o momento em que fez sua própria escuridão. Um por um, seus metais iam enferrujar ou esmaecer até que não mais brilhassem sob o sol, apenas captando a luz e a segurando onde estivesse riscado.

“Mas isso não era o pior, ou melhor, dependendo de como você olha.

“Logo depois, o Pássaro Mecânico levaria si mesmo ao isolamento. Cavernas eram sua preferência, mas, à medida que o Império cresceu, um sótão não utilizado ou o palheiro de um celeiro abandonado serviria. Lá, ele deixou-se desintegrar,

engrenagens, placas e rodas dentadas caindo. *Plinc, plinc, tunc*. E onde quer que caíssem, elas ficavam, vivas, mas em partes, como uma pessoa que perdeu uma perna, mas sabe que ela está lá fora ainda, e talvez a perna também saiba.

“E o Pássaro Mecânico ia esperar. Além de seu ninho, o Império parecia ficar cada vez mais sombrio sem sua luz e sua música, embora ninguém saiba o quanto disso foi inventado.

“Nunca demorava muito. Alguém sempre o encontrava, levado até ele por uma sensação que talvez não possa ser nomeada ou descrita. Talvez o encontrasse ao procurar em toda parte por um carretel de barbante, ou enquanto limpava a casa de cima a baixo na primavera. E porque eles sabiam da história, porque todos sabiam, aquele que o encontrasse contaria cada peça, uma, duas, três, até garantir que todas estavam lá. E saberia que tinha tudo de que precisava para remontar o Pássaro Mecânico.

“Um processo complicado, com certeza, mas valeria a pena no final. Os pés são mais simples, pois as garras não se parecem com nada que se tenha visto antes. Quando se constrói uma casa, é sempre melhor começar da fundação e ir subindo. Assim também é com o Pássaro Mecânico. As pernas, o corpo cheio de entranhas complicadas, as pequenas peças de enlouquecer que devem ser reunidas para o coração mecânico. *Tique-taque*. Isso vai dentro do peito antes de as asas serem colocadas, engrenagem de pena por engrenagem. E a cabeça, o bico, que era a última coisa a ser acrescentada antes de dar a corda.

“Só então o Pássaro Mecânico poderia abrir a boca pontuda em um grito musical, agriçdoce e bonito, um grito para invocar a chama. Ninguém sabia de onde vinha o fogo, mas todos ficavam observando enquanto o Pássaro Mecânico o engolia, e olhavam de perto, pois a ferrugem desaparecia de toda a superfície enquanto a alma curava o Pássaro Mecânico de dentro para fora. As manchas desapareciam do metal, e um enorme pássaro vermelho-ouro abria as asas, mas não voava para longe.”

Jack não conseguiu se conter.

— Por que ele não voava para longe?

— Porque o Pássaro Mecânico precisa de nós como nós precisamos dele — disse Xeno. — Ele não consegue se remontar. E por isso concede um milagre a quem conseguir fazer isso.

— Que tipo de milagre?

— Qualquer coisa que se desejar. — Xeno tomou um gole de chá, àquela altura certamente frio. — Riquezas além da imaginação. A afeição da amada. Talvez uma porta para outro mundo. — Estas últimas palavras ele disse com o olho de vidro sobre Jack, esperando que ele entendesse. — Só então o Pássaro Mecânico parte em um voo

de fogo, para cantar nas árvores até que seja hora de morrer de novo.

— Se eu o encontrasse, ele poderia me mandar para casa?

— É bobagem — disse o dr. Cataplasma, falando pela primeira vez desde que a história de Xeno havia começado. — Não vou deixar você dar esperanças para o rapaz com uma história de ninar. Deve haver outra maneira. Só temos que encontrá-la.

Os livros de contos de fadas que pesavam sobre as prateleiras de Jack na outra Londres eram coisas mortas, papel que se desfazia, tinta que sangrava e couro desbotado. Mas tudo o que havia neles tornara-se real ali. Pensou na fênix, ave ardilosa de ouro vermelho. Ela gritava, voava, morria e renascia das cinzas.

— Há uma sala inteira no palácio cheio de estátuas e quadros de aves de ouro e fogo — disse Jack. — Foi Beth quem mostrou para mim.

— Quando? — perguntou o médico.

Jack foi poupado de ter que responder por Xeno, que se inclinou para a frente.

— Qual o tamanho dessas estátuas, rapaz?

— Hum... — Ele tentou lembrar. — Eu diria que nenhuma é maior do que eu.

Os ombros de Xeno caíram.

— Bem, então não está lá. Diz a lenda que a criatura é muito grande. Que pena. Seria inteligente escondê-la entre uma pilha de imitações. Hum...

— Não pode simplesmente ter desaparecido — disse Jack.

— Pois é — Xeno concordou. — Mas digamos que está escuro há muito tempo aqui. Não há ninguém vivo que se lembra disso, com exceção, talvez, da Senhora e de Sir Lorcan. Tendo em vista o estado das coisas, não imagino que eles estejam muito dispostos a ajudar.

Não, eles não ajudariam. Mas Jack ficou bastante animado mesmo assim. O Pássaro Mecânico estava lá fora em algum lugar, esperando. Ele sabia disso agora, ainda mais quando virou a cabeça para olhar a estranha bola de cristal do médico, brilhando sob a luz da manhã.

A bola de cristal talvez mostrasse apenas o passado, mas mostrava a verdade.

— Você acredita naquilo, certo? — disse Jack, apontando.

— Eu posso *vê-la*, tão claramente como o nariz no meu rosto. Mas ninguém jamais entrou aqui com mais do que uma lenda sobre essa ave.

Já não era mais um momento para segredos.

— Eu vi o Pássaro Mecânico — disse Jack. — Na bola. Primeiro foi Lorcan, seguindo-me pela estação de trem. Depois tudo ficou embaçado e, em seguida, um grande pássaro voou, e eu pensei que a bola havia quebrado, só que não quebrou, não de verdade.

Com cuidado, muito lentamente, Xeno largou a xícara de chá.

— Quando foi isso?

— Depois que conheci Beth e ela me trouxe até aqui. Naquela primeira noite.

— Ah, sim, quando você estava tocando coisas que não lhe pertenciam — disse o dr. Cataplasma, mas não havia maldade nele. — Alguma coisa lhe deu um choque naquela noite, é verdade, mas achar que tem alguma coisa a ver com esse mito é uma loucura. Loucura pura! Mesmo que eu aceitasse a possibilidade, visto que os homens da minha profissão devem estar abertos a diferentes teorias, ele poderia estar em qualquer lugar. Em uma caverna que nunca será encontrada, ou espalhado em mil pedaços no fundo do Tâmis!

— Isso é verdade. — Xeno ficou de pé, esticando as pernas. — Vamos ter que pensar, e por mais que você me considere um idiota, Mefisto, não acho que devemos parar de procurar outra opção. De uma forma ou de outra, Jack deve ir para casa.

Eles passaram a falar da alma que Xeno tinha trazido e da mão que o dr. Cataplasma estava construindo para Jack, mas o menino ficou em silêncio, concentrando-se. Algo o incomodava. Um pensamento, que saía voando para longe em asas de fada cada vez que ele chegava muito perto. O médico e Xeno o deixaram, os passos marcando seu caminho até a oficina, mas mesmo depois que o céu lá fora ficou espesso de neve e a sala escureceu completamente no meio do dia, ainda assim, o pensamento não voltou.

BANIDO

QUANDO LORCAN FOI CONVOCADO PELA SENHORA, ele a atendeu rapidamente. O menino fora embora, ferido além de qualquer possibilidade de cura. Lorcan mais uma vez era o único filho dela.

— Senhora — disse ele, entrando em seus aposentos. Tudo estava quebrado ou rasgado, mas a tristeza passaria. Faria bem a ela ser lembrada de como as pessoas eram frágeis e que de nada adiantava se afeiçoar a elas.

— Lorcan, querido. — Um calor irradiou-se por ele quando a Senhora se levantou de seu banquinho. — Preparou a frota? O duque do deserto será punido?

— Da maneira como desejou, Senhora, é claro.

— É curioso que alguém tenha elaborado um plano para fazer mal a Jack depois de eu já ter decretado a paz. Não acha isso curioso? As colônias já podiam governar a si mesmas, sem nossa interferência. — Ela olhava de maneira impassível para ele, mas o cheiro de perigo encheu a sala. Certamente, o menino não tinha... — Jack disse uma coisa estranha antes de eu o mandar embora. Disse que foi você. — A Senhora se aproximou. — Isso não pode ser verdade, pode? Você não ia desejar minha infelicidade, não é, Lorcan?

Não, não. Ele sempre tinha agido para trazer-lhe alegria. Exceto dessa vez. Dessa única vez.

— Senhora, eu posso...

— Eu deveria matá-lo aí mesmo onde está! — ela disse entre os dentes. — Mas você roubou até mesmo essa satisfação de mim, com sua magia perversa. Se você já não o tivesse quebrado, *eu* o quebraria. — Os olhos dela brilhavam. — Você vai embora, Lorcan. Para longe. Não quero nunca mais pôr os olhos em você. Vai viver sozinho para sempre.

Quando Lorcan foi banido, ele se retirou para o canto mais distante da ilha para esperar. Não tivera escolha, a não ser machucar o garoto. A Senhora ia entender em breve. Lorcan não poderia simplesmente ser transformado em uma criatura inútil por um *garoto*.

A culpa era toda sua, Lorcan percebia agora. A Senhora era tudo o que havia de generoso e bom, e ele, apesar da magia, era simplesmente um homem.

Ela ia perdô-lo por quebrar a porta. A Senhora sempre terminava por perdô-lo por seus crimes. A eternidade era um tempo terrivelmente longo para a raiva se prolongar. Ela ia ficar sozinha, e ia amá-lo novamente. Ia recebê-lo em casa como o bom filho que ele sempre fora. Lorcan dissera a verdade sobre o que havia feito ao menino, e com a porta, quando ela perguntou, como um bom filho devia fazer.

Por um breve momento, Lorcan se perguntou se o melhor plano não seria simplesmente matar o menino por contar à Senhora seu segredo, mas ele era muito experiente em táticas de guerra para cometer um erro tão amador.

Era melhor deixar seus inimigos vivos, feridos, com medo. Naturalmente, o garoto havia fugido para a casa daquele médico tolo, mas o que eles poderiam fazer? O pequeno Jack já teria visto a esquisita em pedaços, e com certeza agora estava encolhido de medo, certo do poder de Lorcan, de até onde ele iria se fosse preciso.

Não, o maior arrependimento de Lorcan era não ter tido tempo para verificar seus esconderijos na cidade antes de ir embora. Mas estavam seguros, mais seguros do que nunca. Ele podia sentir isso. Tinha de agradecer a Londres por isso: os arquitetos e urbanistas davam-lhe locais convenientes para proteger seus tesouros. Antes, ele tinha que mudá-los de um lugar para outro, nunca os mantendo em um mesmo lugar por muito tempo. A permanência era um alívio, ele não precisava se preocupar mais. Sequer havia necessidade de guardas vigiarem os locais. O que era bom, porque alguém poderia perguntar o motivo da vigia.

— Berloque — disse Lorcan calmamente. Nome ridículo, mas não fora escolha sua, e a criatura não atendia quando chamada por outro nome.

O diabrete veio correndo, escorregando, caindo sobre o convés da nave.

Atracado em uma área segura ao lado de uma montanha, protegido dos ataques do vento e da neve. Ele tremia, e Lorcan sorriu. Nunca sentia frio.

— Notícias?

— N-nenhuma, senhor. — Não haviam chegado mensageiros nem fadas com bilhetes espetados nos dedos de agulha. Londres poderia ter sido completamente incendiada e ele não saberia.

Só que ele saberia.

Ah, a Senhora veria que ele tinha feito tudo por ela. Acusara-o de ciumento! De ter ciúmes de uma criança boba. Mas a Senhora era inteligente e, quando o menino fosse esquecido e as mágoas estivessem curadas, ele levaria o Império à guerra, expandindo-o até os limites do planeta para que ela governasse.

Porque é isso que um bom filho faria.

INTEIRA DE NOVO

JACK FLEXIONOU A MÃO NOVA, impressionado com sua complexidade. Uma luva grossa de cobre, forrada com seda, estendia-se até seu cotovelo.

Agradecimentos não eram suficientes, mas o dr. Cataplasma não parecia querê-los. Ele apenas resmungou e virou-se para olhar, mais uma vez, as peças de Beth sobre as bancadas.

A mão ainda estava um pouco dura, sem uso, é claro, mas fazia tudo o que ele mandava. De certo modo. Jack fez uma experiência: segurou uma engrenagem entre dois dedos. Ficou segura por um instante, então caiu no chão.

— Você não está pensando, rapaz. A ideia da mão ainda está lá. Diga o que você quer.

Com o rosto retorcido, Jack se concentrou. As hastes de metal começaram a se mover, as engrenagens nas juntas girando. Dessa vez, ele segurou a engrenagem por alguns segundos entre as pontas dos dedos.

Jack praticou, praticou e praticou mais um pouco, ficando acordado muito tempo depois de o médico ter ido dormir. Acomodado em sua cama feita de cobertores, ele praticou um pouco mais. Não que fosse agradecer a Lorcan, mas era muito mais interessante do que uma mão normal. Logo, o médico deu-lhe quebra-cabeças simples, pequenos aparelhos para montar ou consertar. Enquanto isso, Beth continuava

espalhada nas mesas lá embaixo.

Ele certamente não ia agradecer a Lorcan por nada.

— Você tem que terminar, Mefisto, ou decidir de vez não fazer — disse Xeno, admirando a mão de Jack. — Não deixe que ela fique por aí largada.

A alma na garrafa de conhaque girou, sua luz pulsando forte quando Xeno se aproximava.

— Por que ela faz isso? — perguntou Jack, apontando com um de seus novos dedos.

— Bem, veja, eu a capturei, então ela pensa que me pertence. Mas eu já tenho uma alma, ainda que esteja malcuidada, por isso as duas estão tendo uma pequena discussão sobre quem deve ser o chefe. Melhor eu não me envolver.

— Mas vai ser de Beth, quando ela for remontada — disse Jack.

— Vai. Mefisto, por favor. A sensação é bastante desagradável.

— Deveríamos estar procurando uma maneira de levá-lo de volta para casa — disse o médico, apontando para Jack com sua xícara de chá.

— Por favor — disse Jack. — Eu quero ajudar.

Ele já estava longe de Londres havia tanto tempo que seus pais deviam pensar que estava morto. Ou pior. Mais um curto período de tempo não faria diferença. Parecia errado deixar Beth assim, sem qualquer chance de dizer adeus, mesmo se soubessem uma maneira de recriar a porta, o que não sabiam. De jeito nenhum, a não ser por meio do Pássaro Mecânico, escondido sabe-se lá onde, de tal forma que podia muito bem não ser real.

— Está bem — disse o médico, respirando fundo. — Está bem.

Começaram a trabalhar. Xeno, mais preocupado com almas e magia, ficou fora do caminho assistindo a tudo, o olho com a fenda virando para lá e para cá. O dr. Cataplasma limpou um lugar para colocar suas ferramentas, alinhando-as perfeitamente em uma tira de pano.

No primeiro dia, eles puseram as peças em ordem, soltando e separando umas das outras, o que fez Jack pensar na história de Xeno sobre o Pássaro Mecânico e como todas as peças deveriam ser contadas. De vez em quando o médico percebia uma ausente ou danificada demais com a queda para ser utilizada. Metais foram aquecidos, moldados em tornos, resfriados em baldes de água que chiaram com raiva.

Era uma tarefa árdua, e Jack caiu sobre os cobertores depois da ceia, aliviado ao fechar os olhos ainda ardidos por causa do vapor. Horas se passaram em um único piscar de olhos, e em breve a manhã voltou a encher a sala. Durante um café da manhã apressado, Jack se perguntou quanto tempo o dr. Cataplasma tinha levado para construir Beth pela primeira vez. E as outras doze que vieram antes dela, já desaparecidas para

sempre.

Mas ele não perguntou.

Tubos de cobre compridos giraram sobre as mesas, e outros finos como um alfinete.

O médico entregou uma caixa a Jack.

— Você deve se lembrar do pé.

Ele lembrava. O desafio era apenas fazer a mão cooperar, mas depois de um tempo Jack descobriu que seus novos dedos eram rápidos e inteligentes, se ele deixasse. Dos pés, passou para as mãos dela, surpreso ao perceber o quanto eram parecidas com a sua nova mão sem a pele estranha que ia cobri-la. Debruçado sobre as engrenagens e dobradiças durante dias a fio, o pescoço dolorido, um pensamento misterioso continuou a se esconder dele. Era como se sua mente fosse um palácio, com muitos quartos por trás de portas fechadas, muitos guarda-roupas dentro dos quais pequenos pensamentos poderiam se esconder.

Havia alguma coisa. *Alguma coisa.*

— Passe-me o medidor. Muito bem, rapaz — disse o médico.

Jack suspirou.

Beth.

Não estava inteira novamente, nem de longe, mas ele podia ver a forma do que tinha sido. Ainda por nascer, ainda se constituindo, a promessa de uma menina com uma fita no cabelo. Ossos e articulações, tubos finos que funcionariam bem com as xícaras de óleo. Entranhas de engrenagens e cremalheiras, prontas para se mover quando a chave fosse finalmente virada para dar corda.

Murmurando algo sobre uma melhor noção do tempo, o médico mediu o emaranhado de mecanismos que se tornariam seu cérebro, então endireitou o corpo. De seus bolsos saiu um punhado de moedas que se espalharam de forma barulhenta sobre a mesa.

— Eu faço o resto — disse. — Pode ir buscar alguma coisa para comermos, já que ninguém está procurando você. Mas agasalhe-se bem e não vá se perder.

Jack fez uma careta. Ele tinha ajudado, não é? E agora o dr. Cataplasma queria fazer a melhor parte sozinho. Saiu da casa encapotado e mal-humorado, chutando a neve com as botas. Tarde demais, ele se deu conta de que o médico queria terminar Beth sozinho para ter suas últimas horas com a mesma menina de sua memória.

Jack vagou sem lugar específico em mente. Estava frio demais para pensar em lugares específicos, e ele não sabia para onde estava indo até que as ruas conhecidas, mas nem tanto, de Mayfaer apareceram diante dele. Um calor curioso espalhou-se dentro dele. Não tinha procurado o lugar, nem tinha certeza se poderia ter indicado o

caminho se tivessem lhe pedido. Na outra Londres, certamente ele já estaria perdido, mas seu tempo ali lhe ensinara muitas coisas.

A fábrica ocupava um quarteirão inteiro, com pingentes de gelo pendurados nos beirais, mas, fora isso, era a mesma de quando ele a tinha visto pela primeira vez com Beth. Lembrou-se da sensação de terror e empolgação que sentiu de repente, prova certa de que ele estava muito longe de casa.

Com as pontas dos dedos de metal, congelados ao toque embora não sentisse isso, Jack tocou os tijolos. Uma camada de sujeira saiu em sua mão.

Do outro lado de uma porta, estavam sua mãe e seu pai. Tomando chá, talvez, ou sentando-se para jantar.

Chorando, mais uma vez, com a perda do filho. Jack não gostava de manter esperanças, mas ainda assim...

— Oi!

Jack girou o corpo, quase escorregando no gelo. Um homem grande, corpulento, estava a uns três metros de distância, pálido como tudo ao seu redor, a não ser por feias cicatrizes rosadas nos dois lados do rosto esburacado.

— O-olá — respondeu ele.

— Não tem nada aqui para roubar — disse o homem.

Jack balançou a cabeça.

— Não, não, senhor, eu estava só... — Mas o homem não ia acreditar em Jack se explicasse, e então ele fechou a boca.

O homem deu um passo na direção dele.

— Você me parece muito conhecido, rapaz. Será que já vi você bisbilhotando por aqui antes? — Franziu os lábios e estalou os dedos. — É, eu vi você. Lá em cima da aeronave com a Senhora. Bem satisfeita, ela estava, porque finalmente tinha arrumado um filho, mesmo sem um marido por perto. Melhor não falar sobre isso, hein? — O homem riu. O som era tão pegajoso quanto a neve suja.

— Eu não sou... não sou ele — disse Jack com raiva. Não era bem mentira. O menino que tinha morado no palácio era um antigo Jack, um Jack diferente, como uma cobra que muda de pele. Um breve período de tempo, como uma faísca, durante o qual tinha sido muito fácil esquecer as coisas de que ele deveria sempre se lembrar.

O menino olhou para a parede da fábrica novamente.

— Humm. Você deve estar certo. Tenho certeza de que aquele tinha as duas mãos. Que pena. Teria sido uma história e tanto para contar. Chega de você, então. Se não é da realeza, não preciso convidá-lo para o chá. — O homem foi embora, as botas amassando a neve.

— Eu vou voltar, mãe — Jack sussurrou para a parede. — Sinto muito.

Quando voltou à rua Harleye com uma torta, o médico não estava sozinho. Xeno tinha chegado, e o ar estava carregado de expectativa. Se Jack não soubesse a verdade, teria pensado que Beth estava dormindo, mas alguma coisa em relação à sua pele parecia muito grosseira, sem graça. Linhas cruas de pontos avermelhados costuravam seus membros descobertos pelo vestido e sua testa.

Jack colocou a torta sobre uma das mesas de maneira rude.

— Ela não vai ficar assim para sempre, vai?

Xeno piscou. A fenda no olho tornava o ato extremamente desconcertante.

— Fique olhando.

Juntos, o médico e Xeno colocaram Beth sentada, dobrando as pernas para pender da borda da mesa.

— Permita-me — disse Xeno quando o dr. Cataplasma segurou a chave, mas o médico fez que não com a cabeça. Lentamente, ele deu corda, a cada volta o som ficando mais alto, acima das máquinas e das marteladas do coração de Jack.

Com o clique final, os olhos de Beth se abriram. Jack se aproximou, atraído pelo estranho vazio que havia neles. Beth olhou de um para o outro, sem qualquer sinal de reconhecimento. O estômago dele afundou. O dr. Cataplasma estava certo, ela não seria a mesma.

— A garrafa — disse o médico, abrindo-lhe a boca ao pressionar o polegar suavemente no queixo dela. Xeno estendeu seu braço comprido. Dentro do vidro, a alma pulsava azul vibrante com a mão dele em volta do gargalo. — Beba, Beth. Isso, boa menina.

Obediente, ela bebeu, a névoa sugada da garrafa em grandes goles.

Jack se aproximou mais ainda, incrédulo. Os pontos perderam a cor e em seguida desapareceram completamente, curados de dentro para fora. A pele começou a clarear, os olhos começaram a brilhar com vida. Ela bebeu a última gota e colocou a garrafa de lado.

— Uma alma saudável, um corpo saudável — Xeno sussurrou para Jack. — Um cura o outro.

Jack escutava apenas pela metade, novamente fascinado demais por Beth.

— Olá — disse ela, meio boboca. Os pelos do pescoço de Jack se arrepiaram. *Soava* como Beth, mas ao mesmo tempo não era. Ela sempre fora tão alegre antes. — Quem são vocês?

O dr. Cataplasma virou para o outro lado; Jack pensou ter visto lágrimas. Xeno colocou a mão no ombro do médico.

— A alma tem que se curar também. Dê-lhe tempo, Mefisto. Dê-lhe tempo.

O tempo, no entanto, não foi amigável a princípio. Dois dias e duas noites se passaram. O dr. Cataplasma vagava pela casa, resmungando para si mesmo que sabia que aquilo ia acontecer. Que nunca deveria ter escutado os outros e sido persuadido a remontá-la.

Ele mal falava com Jack ou Xenó. Na segunda vez em que a corda de Beth acabou, proibiu os outros de girá-la novamente. Ela não se lembrava de nenhum deles, e mal tinha dito uma palavra depois das primeiras.

— O que vamos fazer? — Jack perguntou a Xenó, que não respondeu prontamente. Seus olhos de vidro passaram pela oficina, sem olhar para nada em particular. No andar de cima, Beth que não era realmente Beth estava sentada indiferente em sua cadeira. O médico havia se fechado em seus aposentos.

— Vamos esperar — disse Xenó depois de um tempo. — Já vi isso antes, uma ou duas vezes.

— Por que isso acontece?

— O cérebro e a alma devem trabalhar juntos — respondeu Xenó. — O cérebro de Beth tem as mesmas peças, como antes, mas a alma é nova. É como sua mão, sabe, mas um pouco ao contrário. A essência e o sólido, um é quase inútil sem o outro. Você viu a pele dela: a alma vai curá-la, lembrar seu cérebro de quem ela é, mas Beth estava muito quebrada. Isso não vai acontecer em um piscar de olhos.

Passos soaram fortes na escada. Jack e Xenó olharam na direção deles e viram o dr. Cataplasma descendo com Beth nos braços, um olhar determinado no rosto.

— Chega dessa bobagem — disse o médico, irritado. — Não vou mantê-la aqui, ocupando espaço. — Ele colocou Beth, dura como mármore, sentada na borda de uma das mesas. — Há peças boas. Posso usá-las para outra coisa. As medidas são perfeitas. Xenó, prepare-se para pegar a alma, se quiser. É inútil, se quer saber minha opinião.

— Mefisto...

— Não! — gritou Jack, correndo para ficar ao lado de Beth. — Não pode desmontá-la de novo. *Não pode.*

O dr. Cataplasma olhou para ele.

— Acho que você vai descobrir que posso, sim, rapaz. Aliás, você só tem trazido problemas desde que chegou aqui. Transformando tudo em caos, fugindo, voltando como se nunca tivesse ido embora, fazendo com que Beth fosse destruída. Pode ir embora, se não quiser ver.

— Ela foi minha primeira amiga aqui — Jack sussurrou. — Sinto muito, por tudo.

Quero ir para casa. Por favor, não a quebre novamente. Não a mate.

— Mefisto — Xeno começou mais uma vez. — Venha até aqui. — Ele arrastou o médico para um canto da oficina; Jack os ouviu discutindo em voz baixa.

Nenhum deles olhava para Jack. Talvez, se os olhos dela estivessem abertos, se estivesse se mexendo, o médico não seria capaz de desmontá-la. Lentamente, para não atrair a atenção, Jack começou a girar a chave de Beth. Quando ele parou, as pálpebras dela tremularam e clicaram.

— Olá, Jack! Você voltou! E continua feio, mas menos cor-de-rosa! E você tem uma nova mão! Puxa, eu me sinto exatamente como eu era de novo — disse ela, olhando para Xeno e o médico com o canto do olho. — E todo mundo está aqui. É uma festa?

Demorou algum tempo para um aliviado dr. Cataplasma explicar que tinha havido um... acidente, mas, juntos, ele, Xeno e Jack montaram-na novamente. A cabeça de Beth se inclinou, como sempre acontecia quando ela estava ponderando sobre o que fazer.

— Obrigada — disse ela, finalmente, enquanto o médico enxugava os olhos com um trapo.

— Não foi nada, minha querida.

A atmosfera do local *realmente* estava festiva, durante o jantar e o chá, com uma nova garrafa de conhaque sendo aberta para Xeno e o dr. Cataplasma. Beth soltou o dragão da gaiola e ele voou preguiçosamente pelo teto, assustando os passageiros no trem em miniatura.

Eles eram uma espécie de família, pensou Jack. Beth, o médico e Xeno, unidos por fortes laços marcados pela estranheza. Fora muita sorte tê-los encontrado. Onde estaria agora, se isso não tivesse acontecido? Esse simples pensamento fez o menino se contorcer.

Mas os laços de sangue importavam também. E talvez nenhuma família fosse perfeita. A sua estava em Londres, esperando que ele voltasse para casa. Uma empolgação secreta borbulhou dentro de Jack, pensando em todas as coisas que podia contar a seu pai sobre metais, vapor e engrenagens de relógio. A Foster & Filhos tinha sido uma grande companhia durante muitos anos, e com o que Jack tinha aprendido no Império poderia torná-la ainda maior.

Se ele conseguisse voltar.

Xeno se despediu, tendo ainda que atravessar o grande Tâmis congelado para chegar à sua cama, e logo depois o médico foi dormir, assobiando no caminho. Beth, que havia sido ativada muito mais tarde do que o habitual, estava sentada em sua poltrona, um livro no colo e os olhos em Jack.

— Eu estava acordada, sabe — disse ela. — Quando eles vieram me pegar. Só fingi que não estava.

Jack pensou que poderia vomitar o que havia comido no jantar.

— Doe u?

— Não. Foi um pouco como deve ser a sensação de voar, e depois disso não me lembro de nada. Lorcan estava em um quarto estranho, cheio de coisas estranhas. Eu acho que ele deveria estar fazendo magia. Magia ruim.

— Ele é *homível* — disse Jack, sentado em seus cobertores. E contou tudo, o motivo dos enforcamentos e até mesmo a voz que ele ouvia na cabeça. A ideia que vinha tentando encontrar havia dias, e que sempre que ele chegava perto fugia novamente, rindo como uma das fadas. Contou a Beth sobre seu tempo com a Senhora, os bolos e o esconde-esconde, dirigindo a aeronave sobre a ilha. O dia de Natal, o ovo na caixa, acordar em sua cama para descobrir que havia perdido a mão. A ira da Senhora e o desejo de voltar para casa.

Finalmente, ele contou a história de Xeno, sobre o Pássaro Mecânico, embora fosse completamente desnecessário, pois ela já tinha ouvido antes.

— Eu acho que ele é real, você não acha? — Beth perguntou.

— Eu acho que é fácil acreditar em qualquer coisa aqui — disse Jack, o sono começando a se aproximar dele. Seus olhos se fecharam, o travesseiro com cheiro de mofo sob sua cabeça. Ele conseguia imaginá-lo, nítido como tinha visto na bola de cristal. Grande, quase como um dragão, cor de fogo, feroz. Mergulhando, mergulhando...

Jack não sonhou, então não sabia por que acordara tarde da noite. Talvez Beth, mas não. O livro descansava aberto, intocado, nas pernas dela, a chave totalmente imóvel. Por um tempo o menino ficou lá, confortado pela escuridão, mas a luz ia aparecer novamente em breve. Outro dia no Império, frio e entupido de fuligem. Dias se transformariam em meses, em anos, e ele poderia morrer ali, as veias sufocadas de preto, ninguém de sua família sabendo o que realmente tinha acontecido com ele.

Não conseguia suportar aquilo. Uma tristeza profunda, terrível, tomou conta dele. Aquele lugar estava cheio de engrenagens de relógio, girando, mas nenhuma podia voltar o tempo para alguns minutos antes do meio-dia em um dia chuvoso de compras com a sra. Pond. Ele duvidava que houvesse em todo o Império homens mais inteligentes do que o médico e Xeno, e a única resposta deles era uma história. Verdadeira ou não, isso não importava.

De repente, muito acordado, Jack endireitou-se. Ele era Jack Foster, o que significava muito pouco ali, mas muito em Londres. Lordes e damas vinham jantar em sua bela casa; ele iria administrar a Foster & Filhos um dia. Aquele lugar louco, estranho

e fantástico não ia prendê-lo.

Levantando da cama, Jack olhou através da sala. Era uma noite incomumente clara, e uma rara faixa de luar entrava pela janela, tornando a bola de cristal uma minúscula lua brilhante. Ele se livrou dos cobertores e atravessou a sala, passando por Beth, perfeitamente imóvel. As pontas dos dedos de metal tilintaram contra o vidro quando ele levantou-a diante dos olhos, bem na trajetória do raio de luar.

— Mostre-me — ele sussurrou, totalmente inseguro sobre o que esperava ver. Lá dentro, a névoa rodopiou ligeiramente.

Tudo estava calmo e quieto. Até o pó estava descansando, aninhado em cantos e recantos. Repetidamente ele deu a ordem à bola de cristal, mas, teimosa, ela não lhe mostrou nada.

Jack fechou os olhos. Música começou a tocar, muito além da rua Harleze.

Ele os abriu novamente. Não era música, mas o início dos sinos para marcar a hora. Não qualquer hora, mas a meia-noite.

Exatamente à meia-noite, quando a magia é mais forte, Lorcan tinha dito na carruagem. *Olhe para o relógio*. O relógio acima de onde a porta mágica havia estado.

A bola caiu de suas mãos no chão com uma pancada tão forte e ele teve sorte de não se quebrar realmente dessa vez. Ela rolou para debaixo de uma poltrona, quase esquecida enquanto Jack saía correndo para acordar o médico.

— Dr. Cataplasma, por favor, acorde! — Jack agarrou seu ombro e sacudiu-o, entusiasmado demais para pensar no quanto estava sendo rude, de pé no quarto do médico a uma hora daquelas. — Por favor.

O médico fungou e piscou, o gorro torto sobre seu cabelo macio.

— É verdade — disse Jack assim que o médico se sentou.

— Hein?

— O Pássaro Mecânico. É real, e eu sei onde está escondido.

O TIQUE-TAQUE DO RELÓGIO

PELA SEGUNDA VEZ, Jack saiu da casa do dr. Cataplasma em meio à escuridão, mas agora não estava sozinho. Beth, que fora ativada pelos dedos trêmulos do menino, seguia com o médico, tentando acompanhá-lo da melhor maneira possível, enquanto Jack corria pela neve. Ele não parou para olhar as fadas à luz dos lampiões, ou para responder às perguntas que surgiam atrás dele.

Eles veriam. Tudo faria muito mais sentido se Jack lhes mostrasse. Um diabrete tinha sido convocado, subornado com óleo para correr por todo o caminho até o East End com seus pés ágeis. A noite os cobria, um manto de frio. Jack olhou para cima, um punhado de pontos brilhantes no céu visível através de uma fina camada de nuvens que dava ao Império seu nome.

— Loucura — resmungou o dr. Cataplasma. Jack ignorou-o, porque não era loucura. Logo eles entenderiam.

O menino podia sentir o cheiro do rio, água salobra, gelo e luz das estrelas, nada do cheiro de verão. Estava perto, ele podia sentir. Deveria ser assim que Lorcan se sentia. O medo cortou Jack; Lorcan poderia estar por perto também.

Mas seus passos vacilaram só um pouco.

Uma figura esperava por eles na entrada da ponte, a mandíbula brilhando.

— Por favor, diga-me por que tive água fria derramada sobre a minha cabeça na

calada da noite, Mefisto — disse Xeno, batendo a neve das botas. — Alguns de nós gostam de dormir.

O médico se apoiou no parapeito sobre o rio, a respiração alarmantemente ofegante. Talvez devessem ter ido até lá de carruagem, ou tomado um dos trens que resoavam por perto. Mas o arrependimento de Jack foi esquecido quando ele se virou para Xeno.

— Eu sei onde o Pássaro Mecânico está — disse Jack. Imediatamente, Xeno pareceu estar acordado há horas.

— Arrastado... por todo esse caminho... na calada da noite — suspirou o médico. — Por causa disso... um absurdo.

— *Não é* um absurdo — Jack insistiu, virando-se lentamente. Ele inclinou a cabeça para o céu inclementemente claro, apontando para cima. — É o relógio. Eu não pensei sobre isso quando você me contou a história pela primeira vez, mas tem que acreditar em mim. Eu o vi. Não apenas na bola de cristal. Eu o vi.

Jack ia voltar para casa. A felicidade borbulhava dentro dele, efervescente como sorvete de limão, brilhante, ensolarada.

— Um relógio é feito apenas de peças. Peças pequenas, peças grandes. O que importa é a forma como elas são montadas.

Eles tinham que ver por si mesmos. Sem dizer uma palavra, Jack saiu correndo em direção à base da torre. Não havia guardas naquele momento, apenas uma simples porta de madeira, com uma alça de bronze arredondada.

E uma tranca. Jack desanimou, seus ombros caíram. Claro que haveria uma tranca, e ele fora tonto de não pensar nisso.

Sem uma palavra, Xeno passou por ele, tirando algo brilhante da espessura de uma agulha de um bolso rasgado. O *dique* pareceu terrivelmente alto; Jack deu um pulo e virou-se para olhar atrás de Beth e do médico. Não havia ninguém à vista. Todos estavam sensatamente dentro de casa, aconchegados e quentinhos.

— Por favor, você primeiro — disse Xeno em tom solene, deixando Jack entrar. Estava tudo exatamente como ele lembrava, o ambiente escuro e uma porta que dava para a escada. Uma luz fraca entrava pelas janelas, o que tornava o subir dos degraus mais uma questão de tato do que de visão. Jack ouviu a respiração ofegante do dr. Cataplasma, os joelhos de Beth estalando e os passos de Xeno bem atrás dele.

Forçando o ouvido, ele procurou escutar sons que viessem de cima, mas nenhum veio. Nenhum, a não ser o do movimento do relógio.

Sua cabeça doeu ao lembrar por quantas portas ele tinha passado antes de chegar ao enorme relógio naquele dia tantos meses atrás. Cada vez mais alto eles subiram, até que puderam sentir o ar gelado soprando do campanário logo acima, aberto para o céu.

— Aqui — disse Jack, a boca seca. O lugar estava escuro como breu e cheirava a graxa. Claro que Lorcan ia mantê-lo funcionando, uma armadilha bem lubrificada, uma ave em uma gaiola feita de si mesmo.

— Não consigo ver nada — disse Beth.

Houve um som repetido, como se alguém — Xeno ou o médico, Jack não saberia dizer — batesse alguma coisa ao longo da parede, e depois o estalar de um acendedor contra a mecha de uma lamparina. O fogo ganhou vida, lançando sombras douradas no chão, sendo refletido no enorme mecanismo de relógio, com a metade do tamanho daquela sala.

— Ah — Beth suspirou.

Estava tudo lá, ou quase, e Jack tinha a resposta para a pergunta que viria, sobre as outras peças. Um relógio, sim, mas agora, olhando para ele com os olhos de tudo o que havia aprendido no Império, podia ver aquela cremalheira como parte de uma perna, aquela engrenagem como o centro de uma asa.

Xeno olhou para Jack, agitado como um homem possuído.

— O tempo todo — ele sussurrou. — Bem aqui, debaixo do nosso nariz. Ou acima dele, na verdade.

— Ele estava sempre quebrado — Jack disse a si mesmo. — Quando vim aqui pela primeira vez, alguém me disse que estava quebrado, mas só estava quebrado aqui, e não do outro lado da porta. Ele quebrou novamente pouco antes de os enforcamentos começarem. Acho que Lorcan voltou para Londres em seguida. Ele não gosta de deixá-lo inteiro e funcionando quando está em algum lugar em que não pode vê-lo, mas precisa mantê-lo funcionando quando está aqui, porque faz parte da magia dele. Quando Lorcan estava na minha casa tinha pedaços dele no bolso. Sei porque os deixou cair e eu peguei um.

Como fazia tempo que isso tinha acontecido!

E não era tudo. Finalmente, Jack revelou seus últimos segredos, explicando como, em Londres, Lorcan tinha esperado que o relógio desse doze badaladas para abrir a porta. A voz, a voz horrível, a voz de Lorcan, cuja descrição fez o dr. Cataplasma empalidecer, apesar do rosto outrora vermelho e suado. O pensamento que tinha incomodado Jack como uma coceira, porque esse era um dos poderes do Pássaro Mecânico, embora ele não tivesse compreendido de imediato. Acima de tudo, o comportamento curioso da alma na garrafa de conhaque, que brigava com a de Xeno, porque ele a havia pego, e assim, por um tempo, teve duas almas em vez de apenas uma, o que era mais normal.

— Lorcan o está usando de alguma forma — disse Jack, ciente de que devia estar parecendo louco. — É como se ele pudesse falar dentro da minha cabeça. E

provavelmente poderia falar dentro da cabeça de qualquer um, se quisesse. Porque o Pássaro Mecânico pode fazer isso, você disse. E é por isso que ele nunca morreu. Lorcan nunca deixou que se desmontasse, como deveria acontecer, então a criatura permanece viva quando não deveria, assim como Lorcan. Só que está um pouco morta, ao mesmo tempo, porque mudou. Não é ela mesma agora.

Magia que você nem consegue conceber.

A Senhora sabia. Talvez tivesse sido ela quem contou a Lorcan sobre o Pássaro Mecânico, ou descobriu seu segredo só depois de ele ter feito essa coisa terrível. Mas Lorcan disse a ela que ele fora destruído, o que não era bem verdade.

— Ele é um maldito de um assassino — Xenon fez uma pausa, depois disse algo que lhe renderia uma enorme surra da sra. Pond, não importava quantos anos tivesse. Estendeu a mão para colocá-la em uma das engrenagens. — Ah, pobre criatura.

Todos juntos, os quatro inspecionaram os mecanismos, agachando-se e inclinando-se sobre ele, enquanto o tique-taque continuava lentamente. Era lindo assim, como um relógio, Jack pensou. Tragicamente belo e errado. Como transformar seu adorável dragão em uma chaleira, mas muito, muito pior.

Beth saiu da sala, em direção a um pequeno lance de escadas. O relógio fez um som alto e tudo estremeceu, *tuncl*, e Jack a seguiu a tempo de ver o martelo bater no grandioso sino que ele já tinha visto. Ferro fundido, grande o suficiente para um homem ficar em pé dentro dele. Pôs as mãos sobre as orelhas, o carrilhão ecoando em seu cérebro.

Uma vez. Duas vezes. Uma terceira. O martelo parou.

— Isso — disse Beth — foi extremamente alto.

Jack não conseguia responder. Seus dentes ainda estavam batendo. Acima do sino maior estavam quatro menores, ainda assim quase maiores do que Jack, que tocavam os quartos de hora. Todos estavam pendurados no telhado, enquanto o vento soprava pelos lados abertos do campanário. Jack se aproximou da beirada, a cidade se estendendo abaixo dele. Nuvens de vapor subiam aqui e ali; lampiões brilhavam. Um autômato, pequeno como um besouro visto daquela altura, limpava a neve da rua. Do outro lado, o rio se arrastava, grandes pedaços de gelo esbarrando e se afastando novamente.

O dr. Cataplasma e Xenon tinham se juntado a eles para se maravilhar com o sino, mas o rosto do médico estava contorcido em pensamento.

— Esperem um pouco — disse ele. — Cadê as penas?

Um brilho de triunfo passou pelo rosto de Jack.

— Os ponteiros, nos mostradores, e as marcas de minutos. Não se consegue vê-los a metade do tempo, tudo está geralmente coberto pelas nuvens. Ninguém percebeu.

— E por que perceberiam? Uma doença asfixiante associada à fuligem alcançava todos eles cedo demais. Quase ninguém ia se lembrar da construção do relógio. Para a maioria, ele sempre fora igual.

— Muito bem — disse o dr. Cataplasma. — Sou um homem que preza pelas evidências; isso tudo pode ser verdade, como você diz, mas nós não podemos sair desmontando a coisa só porque achamos que poderíamos construir um grande pássaro maluco com ela, na falta de uma maneira melhor de passar a tarde, ainda que consiga mandar você de volta para casa. O que, de qualquer maneira, ainda é uma incerteza. Certamente não podemos levá-lo lá para baixo, peça por peça.

Não, isso levaria anos. Alguém notaria antes da metade do processo. Mas Jack tinha pensado nisso, e tinha um plano. Ele só precisava da ajuda de Arabella.

À espera da criada, Jack teve a impressão de que podia sentir cada tique-taque do relógio. Cada segundo, preso em um lugar, de uma forma que não devia estar. E a cada minuto sua raiva aumentava diante de todas as coisas horríveis que Lorcan tinha feito. Os enforcamentos, o fato de manter Jack no Império, sua mão, o Pássaro Mecânico, e muito mais. O menino havia passado a carregar um par de binóculos do médico pendurado no pescoço onde quer que fosse, esgueirando-se habilmente pelas ruas até poder ter um vislumbre da torre.

As nuvens haviam se aproximado de novo, pesadas e escuras. Muitas vezes, o máximo que ele conseguia ver era a borda inferior do mostrador do relógio que estivesse virado para ele.

Três dias se passaram antes de Arabella conseguir escapar das garras da Senhora por uma hora. Ela chegou ofegante, uma das mãos apertando o lado do corpo, como se tivesse corrido todo o trajeto desde o palácio. Um lindo lenço cobria seu cabelo e metade do rosto quando o médico atendeu a porta.

— Arabella! — disse Beth, para a surpresa de Jack. Com tudo o que estava acontecendo, ele tinha esquecido completamente do tempo que ela tinha passado com a Senhora.

Arabella tirou o lenço para que eles pudessem ver seu sorriso nervoso.

— Olá, Beth, minha querida. Não tenho muito tempo, ela está esperando que eu volte. Acha que sai para procurar botões de rosa. Se alguém pudesse me dizer por que uma fada bateu na minha cabeça até eu ler isto — ela levantou um pequeno pedaço de papel —, eu ficaria muito grata. — Seu olhar parou sobre a mão nova de Jack, comovendo-se ligeiramente.

— Sinto muito — disse ele. Jack tinha pedido a Xenô para garantir que a fada fosse

persistente. — Nós, quer dizer, *eu* preciso de ajuda, e pensei que talvez você não se importasse.

— Depende do que for.

Jack contou a ela.

Os olhos dela se arregalaram.

— Você não pode simplesmente roubar um, senh... Jack! Metade da frota iria atrás de você!

— Precisamos dele — o menino insistiu.

— Posso perguntar por quê?

— Acho que é melhor que não saiba — disse o médico atrás de Jack. — Assim, se alguém perguntar, você pode dizer que não tinha a menor ideia do que estava para acontecer.

Arabella lançou um longo olhar para o médico.

— Desconfio que isso tenha a ver com mandá-lo de volta para casa. — Jack arregalou os olhos para Arabella, e ela sorriu de novo. — É engraçado, mas quando você não faz muitas perguntas, as pessoas tendem a esquecer que você está na sala. Dá a alguém muito tempo para obter todas as respostas.

Durante toda a sua estada no palácio, Jack tinha gostado de Arabella, mas agora ele olhou para ela com um novo tipo de respeito. Era muito simpática e realmente inteligente quando queria.

— Devo estar maluca — disse ela a si mesma. — Mas tudo bem. Vou fazer o que puder. Sem promessas, veja bem. As coisas estão todas um pouco estranhas no momento.

Jack engoliu em seco.

— Como ela está?

O menino ficava triste ao pensar que a Senhora ainda estava chateada, mesmo que tivesse sido tão cruel com ele no final. Era apenas velha e solitária, e Lorcan tinha roubado o belo presente que dera a seu Império. E sua mãe — sua *verdadeira* mãe — estava sempre ocupada, sem saber o que fazer com ele quando voltava para casa da escola em que seu pai insistira que estudasse. Ela não sabia nada sobre Jack, mas o menino tampouco a conhecia direito.

Arabella *precisava* ajudá-lo.

— Não muito bem — respondeu a criada, com tristeza na voz. — Passa os dias trancada em seus aposentos; só permite que eu e algumas outras meninas façamos a arrumação e levemos as refeições e outras coisinhas. Ah, tem sido terrível, e ela teve uma briga com Lorcan. Acredite ou não, ela o baniu. Ele fugiu com o rabo entre as pernas, e ela não diz a ninguém o motivo. Dizem que ele está no alto das montanhas, e

já foi tarde. — Arabella levou a mão à boca.

Jack sabia o motivo, mas ficou em silêncio e tentou parecer surpreso. Era melhor, como disse o médico, que ela não soubesse mais do que devia. Uma pequena parte da Senhora devia ter acreditado no que Jack lhe dissera sobre Lorcan, o suficiente para confrontá-lo. E o homem não tinha sido capaz de mentir para ela.

— Eu gostava do palácio — disse Beth, depois de Arabella ter espiado um dos pequenos relógios do médico e se afastado com um grito. — Que pena que a Senhora está sozinha agora.

O dr. Cataplasma deu um tapinha nas costas dela, como fazia sempre que Beth demonstrava gentileza. Não havia nada a fazer agora senão esperar que Arabella mandasse notícias. O médico tentou manter Jack entretido, dando-lhe pequenas tarefas na oficina, mas os pensamentos dele estavam sempre no falso relógio. Será que sentia dor? Será que sabia, como sua mão sabia, o que era, ou seria mais como Beth, que não sentiu nada depois que Lorcan a despedaçou?

A lua podia ser vista entre as nuvens espessas quando uma fada bateu na janela, com um pedaço de papel na mão. Arabella desejava-lhes sorte. O médico deu à fada meia casca de ovo com óleo e a enxotou, porque aqueles pequenos ouvidos eram capazes de escutar muito bem, e era típico das fadas criar problemas.

É claro que seus planos dependiam exatamente disso; só que deveria ser o tipo *certo* de problema.

Xeno chegou, os braços cheios de néctares brilhantes como joias, óleos aromatizados com flores e especiarias, que se agarravam ao vidro no interior das garrafas. Uma bela visão eles formaram, pouco tempo depois, abrindo caminho através do vapor espesso na plataforma de trem e entrando em um dos compartimentos. Havia uma bolsa de ferramentas pendurada no ombro do médico, tornando-o alguns centímetros mais baixo do que o outro lado. Beth sorria para todo mundo que via; alguns retribuía o sorriso distraidamente, outros a evitavam.

Jack mexia impacientemente nos binóculos.

Pouco depois de deixarem Londinium, o trem subiu acima do solo, atravessando barulhento os campos escuros e congelados com a última neve. Ela se acumulava em montes disformes, grandes brasas que ardiavam como gelo, não fogo. Esses montes desapareciam quanto mais ao sul eles se aventuravam, então tudo — a terra, o céu — parecia cinza-escuro com a noite.

Eles foram os únicos a descer na estação cujo nome aparecia nos bilhetes que Arabella tinha enviado, a qual não ficava perto de nenhuma cidade ou fábrica, ou

qualquer outro lugar que uma pessoa pudesse querer visitar. O controlador dirigiu-lhes um olhar curioso através da janela aberta do vagão, mas se um bando de esquisitos queria seguir a pé pelo campo, na calada da noite, não era da sua conta.

Não estavam muito longe, o que era bom. As ferramentas faziam barulho dentro do saco enquanto o dr. Cataplasma bufava e ofegava, e Jack pegou uma braçada de garrafas de Xeno depois da segunda vez em que teve de agarrar uma pouco antes de se espatifar no chão. Passaram sobre uma colina, através de um matagal escuro cheio de criaturas noturnas que conversavam sobre ferro e aço.

Cerca de meia dúzia de dirigíveis estavam espalhados no horizonte, em uma linha arrumada como uma fila de botões, lâmpadas espalhadas no convés. Imponentes, o casco brilhando, pairavam seis metros acima dos campos, prontos para subir ao primeiro chamado.



— Aquele — disse Jack calmamente, apontando para o fim. Era uma decisão sensata não escolher um no meio.

— Ao seu sinal, Xeno — disse o médico.

As garrafas tilintaram. Xeno assobiou uma linda e doce canção, ainda mais melodiosa quando passava pelo bronze quente de sua mandíbula, e o céu ficou prata.

Fadas, milhares e milhares delas, desceram sobre os quatro, uma tempestade furiosa

de asas de metal travessas. Xeno acenou com uma garrafa de néctar para aquela que estava na frente de seu rosto e deu instruções, que foram passadas de fada a fada em pequenos sussurros metálicos. Com a mesma velocidade com que apareceram, elas foram embora, formando uma nuvem densa que mergulhou em direção ao dirigível. Beth bateu palmas. Todos os quatro prenderam a respiração.

— Ai!

— Ataque!

— Danadinhas e pontudas! Argh!

Os gritos encheram o convés. Jack levou o binóculo aos olhos, e era difícil não rir do caos. Fadas rasgavam plumas de capacetes; soldados percebiam que suas armas estavam fora de alcance. Um grupo enorme de criaturas atacou o capitão, cutucando e puxando até que ele abandonasse o timão.

— Salvem-se! — ele gritou. — É uma ordem!

As outras naves, despertadas pelo barulho, correram para os canhões e deixaram as armas a postos. Risadas tomaram conta quando as fadas se espalharam, e logo nenhum dirigível tinha sido poupado.

Da barriga da primeira nave, a que Jack tinha escolhido, desceu uma rampa. Ele se lembrou de ter entrado em uma como aquela com a Senhora e Lorcan. A extremidade ainda estava a alguns metros do chão quando o primeiro homem desceu, dois deles chegando ao solo com um baque surdo horrível, para nunca mais se levantar.

Jack tentou afastar isso da mente.

O plano estava funcionando. Soldados passaram correndo em fila, sem prestar atenção em Jack ou nos outros enquanto atravessavam a colina. Guinchando com a vitória, várias fadas pousaram sobre o timão, trabalhando em conjunto para guiar a aeronave. Ela parou exatamente acima da cabeça de Jack, a rampa a seus pés.

— Não há nada que elas não façam por néctar — disse Xeno arrancando uma risada do médico. — Certo, então. Todos a bordo!

DE CINZAS E CHAMAS

O VENTO ESTAPEAVA E CHICOTEAVA JACK. O garoto sorriu, mostrando os dentes e dirigindo a nave para Londinium. Abaixo, Beth controlava os canhões, alegremente pronta para mirar qualquer dirigível do resto da frota que fosse tolo o suficiente para segui-los. Ao lado da aeronave, as fadas voavam, passando as garrafas entre si até não restar uma só gota, traçando linhas tortas, bêbadas, no ar.

Do outro lado do convés, Xeno e o médico discutiam em voz baixa. Jack apurou os ouvidos o máximo que pôde, de forma a quase chegar perto deles. Mas, ainda assim, não conseguiu ouvir mais do que uma ou outra palavra.

— Conte a ele! — Isso quem disse foi o médico.

— Não importa, nem um pouco... — Esse era Xeno.

À frente, com a ajuda dos binóculos, Jack viu os telhados pontiagudos de Londinium, torres e torreões, fábricas e vapor. Ouviu passos se aproximando. Jack manteve a mão de metal no timão e virou-se para Xeno, a fenda em seu olho contemplando o horizonte.

Ele limpou a garganta.

— *Mefisto* — Xeno começou com uma voz ligeiramente aguda — parece pensar que, tendo em vista até onde chegamos, deveríamos ter uma conversinha.

— Sobre o quê? — Eles não podiam parar agora, seria uma idiotice. E Jack estava

perto, tão perto de conseguir ir para casa.

— Bem, veja, vamos ter de construir a coisa primeiro, é claro. Colocá-la de volta na ativa, pobre criatura. Mas se Sir Lorcan a *está* usando para se manter vivo, como é claramente o caso, e ela convocar sua alma de volta...

— Lorcan vai morrer — disse Jack. — Sim, eu sei. — Ele *esperava* mesmo que morresse.

O rosto de Xeno se iluminou.

— Eu falei pra ele que você era forte. Pode ir para casa sabendo que fez uma coisa boa, jovem Jack. Nós todos vamos ficar melhores sem aquele homem, com seus cochichos nos ouvidos da Senhora e não sei o que mais. E teremos o Pássaro Mecânico de volta.

O Império precisava dele, afinal. Ninguém mais tinha descoberto o segredo do Pássaro Mecânico. Até mesmo para o dr. Cataplasma, que era muito inteligente, era apenas um mito. Mas Jack não ia ficar lá para sempre. Uma casa que era sua o esperava em Londres, completa, com mãe, pai e a sra. Pond, que ficariam muito orgulhosos das coisas que ele havia aprendido ali.

— Atenção! — gritou o médico. Londinium estava abaixo deles, as primeiras casinhas miseráveis espalhadas, pretas como carvão no meio da noite. Ao redor as fadas deram vivas, ou pelo menos Jack acreditava que sim. Era um pouco difícil dizer qualquer coisa sobre elas. O Tâmis se ondulava, como uma grande fita de aço arremessada até o outro lado da cidade, e ao lado dele a torre do relógio perfurava o céu como uma agulha, o topo escondido pelas nuvens.

Jack diminuiu a velocidade da aeronave. O vento em seus ouvidos pareceu se acalmar um pouco. Lamparinas a gás atrás dos mostradores do relógio acenavam para eles, um farol em terra. Tão perto que o menino podia ver cada uma das chamas por trás do vidro branco grosso, uma dúzia delas, confusas e vacilantes. *Tique-taque*, faziam as penas do Pássaro Mecânico, contando os minutos.

— Subindo — disse ele aos outros. Beth havia se juntado ao grupo e ficou na proa, o cabelo esvoaçando atrás dela. Um nevoeiro asfíxiante, cegante, engoliu toda a aeronave, de tal modo que Jack não conseguia sequer ver as mãos no timão, e suas roupas ficaram encharcadas com as gotas imundas. O menino não conseguia respirar, só conseguia segurar o timão com toda a força. O mundo girava ao seu redor e ele não sabia qual direção era para cima ou para baixo.

De repente, os mastros perfuraram a mais grossa das nuvens, deixando entrar jorros de luar, mais e mais brilhantes até que toda a plataforma foi iluminada, e um ar glorioso encheu os pulmões de Jack.

— Todo mundo está bem? — perguntou o médico. Jack fez que sim com a cabeça,

e se virou para olhar os outros. Xeno segurava firme uma grade. Beth, completamente imperturbável, não tinha se movido um centímetro. E ali, bem diante deles, estava o enorme sino de ferro que nunca ia tocar com aquele relógio novamente.

Mais perto, mais perto. O casco de madeira encostou com força na torre de pedra, e Xeno baixou a prancha de desembarque, correndo através dela com uma braçada de corda grossa. As fadas formaram um grande círculo ao redor da torre, batendo asas, prontas para atacar qualquer um que aparecesse em seu caminho.

Amarrada às grossas colunas em dois cantos do campanário, a aeronave balançava apenas um pouco com o vento. Beth pulou para a torre, fazendo com que o médico levasse a mão ao coração antes de se mover com passos lentos e cautelosos, curvado pelo peso de sua sacola de ferramentas. Era realmente um caminho longo até lá em cima; o nó no estômago de Jack ficava mais apertado a cada passo, relaxando apenas quando ele chegou ao campanário.

O cheiro de graxa da sala do relógio fez o menino se sentir mal. Ele havia passado muito tempo imaginando o Pássaro Mecânico preso ali, cada *tique* um pequeno grito. O médico distribuiu ferramentas a todos, e Jack, que tinha as mãos mais hábeis, tanto a de pele quanto a de metal, se arrastou por baixo do mecanismo com uma chave de fenda. O movimento constante acima dele encheu sua cabeça.

— Estamos salvando você — ele disse, o que o fez se sentir melhor, mesmo que o Pássaro Mecânico não pudesse ouvir.

Eles encheram várias vezes a sacola do dr. Cataplasma com peças. As que eram muito grandes foram carregadas por Xeno e o médico, cuidadosamente levadas até a prancha. O suor escorria na testa de Xeno enquanto ele levantava a roda de escape do buraco no chão, puxando rapidamente os cabos grossos.

Um silêncio ensurdecedor encheu a sala. O relógio tinha parado de funcionar.

Aquilo foi crucial. Muitas vezes eles tinham se perguntado se Lorcan sentiria aquele momento, se ia perceber usando sua magia. Jack tinha certeza que sim. Em algum lugar em seu exílio, aquele era o momento em que Lorcan saberia e certamente partiria para Londinium com muita pressa.

O tempo, agora que não estava sendo medido, pareceu acelerar. Os quatro trabalhavam mais rápido, enxugando os olhos com os braços sujos para poder ver as pequenas ranhuras na cabeça dos parafusos. Ponteiros eram limpos com trapos quando se soltavam de parafusos da grossura de um polegar.

— Este é o último — disse o médico, e era mesmo. Tudo o que sobrara do relógio era uma mancha escura de graxa espalhada em metade do piso. — Aqui, pelo menos.

Ele estava preocupado. Jack sabia o motivo, mas tudo ia dar certo. *Tinha* que dar

certo.

Embora o próprio Jack estivesse um pouco preocupado também.

Metal vermelho-ferrugem cobria o convés da aeronave, ao mesmo tempo brilhante e sem luz sob o luar. As fadas riam e apontavam, mas Jack não riu. Ele assumiu o timão e se preparou para prender a respiração, pronto para descer através do miasma da nuvem.

— Vamos — disse Xenó. O dirigível começou a descer. Foi mais fácil dessa vez, sabendo que a desorientação viria, mas ainda assim Jack ficou aliviado ao libertar-se, apesar de ofegante e com frio.

— Ah, não fique tão preocupado — disse Beth quando o menino fez o veículo parar, a parte inferior nivelada com a face oeste do relógio. — Você me monta de novo se eu cair, não é, doutor?

— Claro, querida — disse o médico em um sussurro rouco.

Ela tinha amarrado uma corda em volta da cintura, a outra extremidade presa ao mastro mais resistente.

Jack olhou a proa do navio, imediatamente arrependido. No mesmo instante o chão pareceu muito longe, mas perto o suficiente para ser terrivelmente sólido. Ao lado dele, o médico tremia de nervoso.

Ah, Jack não conseguiria ficar olhando. Fechou os olhos, para não ver o momento em que Beth subiu na amurada e pulou, ficando pendurada abaixo da aeronave.

— Tudo bem — ela gritou. — Aproxime-se o máximo que puder, por favor, e rápido, antes que eu perca um sapato. — Jack colocou a lateral da aeronave rente à torre, os dedos da mão de metal cruzados para dar sorte.

Mas ela não caiu. A corda não se rompeu. Peça por peça, Beth removeu cada pena marcando os minutos do primeiro mostrador, colocando-os em uma sacola presa ao pescoço. Com uma chave de fenda grande, ela soltou os compridos ponteiros de cobre, as penas da cauda do magnífico Pássaro Mecânico, quase vivo, e não mais um mito. Para além do cinturão de fadas sentinelas, o céu estava clareando. Juntos, eles içaram Beth de volta para o convés para esvaziar seus braços e sua sacola, então Jack manobrou cuidadosamente para ficar ao lado do próximo mostrador, depois do próximo e do próximo. Uma montanha de penas apareceu, gastas pelas intempéries, afiadas como navalhas. Quando a última caiu em cima da pilha, os quatro se reuniram em torno dela, olhando um para o outro por um momento.

Todas as peças estavam lá. Eles estavam prontos.

Voaram para oeste atravessando uma tempestade de fadas, o céu entupido com as

criaturas até que Xeno as chamou e lhes agradeceu pela ajuda, que tinha sido muito útil, muito obrigado, tomem mais néctar e podem seguir seu caminho. Agora Jack podia ver, e ele conduziu a aeronave para o local que haviam escolhido, no fundo de uma densa floresta nos arredores da cidade, onde poderia ficar escondida entre as árvores.

Aterrissar foi só um pouco complicado. A parte inferior do dirigível quebrou galhos, o que provocou uma revoada de minúsculos pássaros de aço assustados. Jack raspou o casco contra as rochas, balançando até que se sentiu zozno como se tivesse tomado uma garrafa de champanhe, com a cabeça prestes a estourar.

— Está bom assim — disse o médico. Ele e Xeno ocuparam-se arremessando e amarrando as cordas até que o dirigível estivesse atracado corretamente. Ficou parado no ar, balançando um pouco, mas foi o suficiente para abrir a rampa e todos saírem, se quisessem.

Ninguém quis. Jack sequer estava com sono, embora estivesse acordado há muito tempo. As pontas dos dedos de sua mão normal estavam doloridas; tinha uma sensação semelhante nas pontas dos outros. O médico ordenou-lhe que colocasse roupas secas e quentes, e comesse um pouco de pão e queijo, acompanhado do chá feito na cozinha do navio.

— Eu... eu... — disse Beth, as pálpebras tremulando. Sentou-se, com as costas contra a grade, debaixo de um galho cheio de brotos de folhas.

— Deixe-a — disse o médico. A mão de Jack parou a três centímetros da chave. — Daremos corda nela novamente daqui a pouco.

— A alma precisa de descanso, mesmo que o corpo possa continuar se movendo como um trem a vapor — disse Xeno. — Há camas lá embaixo, se você...

— Não, obrigado — disse Jack.

O médico riu.

— Não me surpreende. Tudo bem, rapaz, você é quem sabe. — Ele acenou com a mão para as peças reunidas, centenas delas, talvez milhares. Uma sensação arrepiante de dúvida penetrou Jack, mas se ele desistisse agora nunca ia voltar para casa.

E eles não tinham muito tempo, se Lorcan tinha mesmo descoberto.

Jack caminhou entre as peças, com cuidado para não pisar em nenhuma. Só por prevenção. Ele era bom nisso, lembrou a si mesmo. Afinal, não era ele quem sempre sabia exatamente como consertar o gramofone ou a campainha, sem nem olhar em um livro?

Pensou em Beth, quebrada e espalhada sobre mesas.

Os tubos longos eram pernas, sim. E os mais curtos eram as articulações das asas. Jack começou a separar as peças, da mesma maneira que tinham feito na oficina, reunindo-as

em grupos, na esperança de que estivesse fazendo certo. O médico corria de um lado para o outro, fazendo medições e anotando-as em um caderno, resmungando.

Xeno tinha razão: as garras, que haviam sido escondidas na parte de trás do relógio, não se pareciam com qualquer outra coisa. Nos primeiros traços rosados da aurora, os pés estavam montados e ligados às pernas. O convés parecia duro debaixo de Jack, depois de ficar sentado durante horas, apertando os olhos, comparando peças lado a lado. Xeno e o médico trouxeram xícaras de chá que esfriaram, pão que endureceu. Seus dedos deslizavam com o óleo, e quando sua mão normal ficou muito rígida de dor para girar outro parafuso, para apertar outro rebite, o médico assumiu, e depois Xeno, que não era tão habilidoso nesse tipo de coisa, mas era quem melhor conhecia a história do Pássaro Mecânico.

— Posso tentar? — perguntou Beth, com corda nova, radiante como a manhã em torno deles. Jack deu-lhe duas peças que ele achava que deveriam ser colocadas juntas para formar a parte de trás, onde as asas seriam presas.

— Você vai ficar triste por ir embora? — ela perguntou.

Jack piscou para Beth, surpreso que ela fizesse aquele tipo de pergunta.

— Um pouco, eu acho.

— Ter você por aqui tem sido uma grande aventura. — Ela inclinou a cabeça para um lado, a chave de fenda ainda na mão. — Tem sido... muito bom. E talvez você não seja tão feio.

Jack sentiu seu rosto ficar um pouquinho cor-de-rosa.

O céu já estava claro quando Jack percebeu que tinha cometido um erro, resultando numa asa torta e errada. A chave inglesa voou até o outro lado do navio, levando consigo um pedaço de bom tamanho de um dos mastros. Com os olhos ardendo de vergonha e cansaço, ele correu para dentro da aeronave e se encolheu ao lado do motor, que fazia um barulhinho suave. Passos soaram na escada, mas Jack colocou a cabeça entre os joelhos e não olhou para cima.

— Eu tive uma filha, uma vez — disse o médico. — Ela teve febre e morreu, assim como a mãe. Eu não era médico naquele tempo.

O menino piscou. Esperou.

— Você não acha que perdi minha mão exercendo a medicina, não é? Tampouco perdi como você. Não, eu tinha uma fábrica na época, fazendo peças para fazer outras peças. Tudo, todas as engrenagens, rodas dentadas, pequenas geringonças e não sei mais o quê, todas tinham de ser do tamanho certo para encaixar. Não muito diferente do que temos aqui, acho.

Não, não era muito diferente.

— Mas você é um médico agora — disse Jack.

— De fato. Mas é tarde para salvar minha própria filha e minha esposa. Então eu ajudo os outros hoje em dia, e fiz as irmãs de Beth, e em seguida a própria Beth. E ela é minha filha agora, pode-se dizer, embora muito autônoma, apesar das deficiências. Que, verdade seja dita, são *minhas* deficiências.

— Por que está me dizendo isso? — perguntou Jack. Não queria ser rude, mas às vezes não conseguia evitar. Ele não entendia.

— Porque, garoto, não há nada que eu não daria ou faria para passar mais um dia com a minha família. E aqui está você, um simples garoto que já sobreviveu ao pior que esta terra pode oferecer, mas que, de repente, está pronto para desistir depois de um único erro? — A voz do dr. Cataplasma assumiu um tom bravo. — Você deveria agradecer por algumas coisas poderem ser corrigidas.

— E se eu não conseguir terminar? — Jack perguntou em voz baixa.

— Então você vai tentar de novo! — O médico respirou fundo. — Vamos lá. Foi um longo dia, e talvez estejamos todos um pouco mal-humorados, mas você chegou bem longe.

Com o corpo rígido e dolorido, Jack ficou de pé. O médico deu-lhe um tapinha nas costas.

No convés, Beth e Xeno davam duro, envolvidos no trabalho. A parte externa do Pássaro Mecânico estava na proa, sem as entranhas, mas a forma estava lá, da cabeça sem bico até o pescoço, da coluna até as pernas. Garras recurvadas no chão. Uma escada encostada à grade. Fios emaranhavam-se nas mãos de Xeno, e alguém tinha consertado a asa quebrada.

Jack ajoelhou-se, procurando. Esta peça, e esta, e esta. Engrenagens e mais engrenagens para girar, fitas espessas de cobre. Vasculhou as ferramentas em busca do que precisava. Tanto o médico quanto Beth pararam o que estavam fazendo para observar o coração começar a se formar. Jack se concentrou: o posicionamento das peças tinha que ficar perfeito. Só quando teve certeza ele se levantou e caminhou lentamente para pendurá-lo dentro do peito da criatura.

— Bom rapaz — disse Xeno calmamente, segurando a escada para Jack, que, por sua vez, segurou-a para Xeno colocar o estômago abaixo e rosquear os tubos finos que transportavam o óleo. — Vamos fechá-lo e colocar as penas em seguida. — Eles cobriram o corpo com as grandes placas de cobre do relógio e colocaram os olhos antes que rolassem pelo convés.

E, então, as penas. Muito esforço, suor, subir a escada para alcançar as partes mais altas. Trabalharam até o convés ficar sem nenhum pedacinho de metal.

— Creio que você deve fazer as honras — disse o médico, oferecendo o bico montado, a admiração estampada nas linhas de seu rosto. Os olhos de Xeno brilhavam

com a luz de uma crença confirmada, nem um pouco apagada pela fenda. Mas Jack não conseguia se livrar do sentimento de que parecia uma estátua, e não a coisa em si. Não havia vida nela, nenhuma fálsea. Esperança e medo guerreavam dentro dele.

Tudo até então tinha sido real. A história não podia abandoná-lo agora. Ele olhou para o Pássaro Mecânico, uma magnífica fênix, assim como em seus livros, não menos viva por ser feito de metal.

— Vou segurar a escada — disse Beth. — É emocionante, não é?

Jack subiu. Com o máximo de cuidado, fixou o bico na cara do pássaro, as dobradiças fechadas, prontas para se abrir em uma canção. Sua mão tremia quando ele a estendeu em direção à chave de dar corda, que ficava no pescoço, como a de Beth. Jack começou a virá-la.

E virou.

E a virou novamente.

Por fim, ela não ia mais. Tudo pareceu prender a respiração, a brisa parou nas árvores, os pássaros silenciaram.

Um olho se mexeu. Em seguida, ambos. Lentamente, o bico se abriu.

E o Pássaro Mecânico começou a gritar. Ah, não era uma canção bonita de jeito nenhum, como diz a história, mas um grito terrível que fez Jack soltar a escada e cobrir os ouvidos. O som perfurou seu cérebro enquanto ele caía sobre o convés com um forte baque: *tump*.

Mas mesmo assim a criatura não parou.

— O que está acontecendo com ele? — Jack gritou, mas ninguém respondeu, ou porque não conseguiam ouvi-lo por causa do grito da criatura, ou porque seus próprios ouvidos estavam cobertos. As enormes asas se abriram e bateram, as engrenagens girando lentamente, e depois rápido e mais rápido ainda. Seus pés deixaram o convés e ele voou em círculos vacilantes, assustado, ainda fazendo aquele barulho horrível, colidindo com os mastros e as árvores além do navio.

Justamente quando Jack pensou que preferia morrer a ouvir aquele som por mais um segundo, alguma coisa aconteceu, algo que o havia deixado em paz desde a noite em que ele acabara com os enforcamentos.

Uma voz apareceu. Mas não era a voz de Lorcan. Era alta em sua cabeça, de alguma forma mais alta do que o grito.

Me ajude, implorava o Pássaro Mecânico, em um tom rouco, metálico, um som profundo com bordas afiadas. *Por favor, me ajude*.

O RETORNO DE LORCAN

QUANDO ACORDOU, envolto nas garras da febre, Lorcan levou vários minutos para lembrar onde estava. Ah, sim. As montanhas, porque a Senhora já não o amava. Mas ela voltaria a amá-lo, voltaria sim. Ele tinha todo o tempo para esperar pelo perdão dela. Isso não era nada mais do que um piscar de olhos, um bater de asas.

Com as pernas bambas, ele se levantou.

— Berloque! — tentou chamar, mas nenhum som saiu de sua garganta. Água, era isso. Água fresca e gelada, e ele estaria perfeitamente bem. Mas a febre afetava sua mente, e assim que ele bebeu do jarro que Berloque tinha enchido em um córrego, a água tornou-se vapor em seus lábios. Desesperado, quase cego, ele voltou devagar para a cama.

Horas mais tarde, Lorcan acordou novamente. O dirigível balançava suavemente para a frente e para trás na brisa, embrulhando seu estômago a cada movimento. Colocou a mão no peito para sentir o calor, o fogo que se alastrava por dentro.

Mas algo estava errado. Algo mais do que a doença. Ele nunca tinha ficado doente; isso era para as pessoas comuns. Para os mortais.

Seu coração não estava batendo, e isso só podia significar uma coisa.

— Berloque! — ele chamou, e desta vez, felizmente, sua voz saiu.

— Mestre?

Ele precisava de... Precisava de...

— Minhas coisas, Berloque. Um fio de cabelo.

— Mas não há mais, senhor — respondeu Berloque.

Claro, não havia mais fazia tempo, ele lembrava agora. Nenhum dos longos e lindos fios escuros da Senhora, nenhum dos cachos curtos retirados do menino no palácio. Mas Lorcan não precisava ver para saber.

O relógio estava quebrado. Não fazia tique-taque, minuto a minuto, e assim seu coração estava parado, tão parado quanto quando ele se aventurou pela porta, para Londres, onde a magia do relógio não funcionava. Ele tocou o rosto, que parecia estar em chamas, imaginando que podia sentir a carne apodrecendo sob seus dedos. Quão mais velho ele pareceria caso se olhasse em um espelho?

Lorcan não se preocupou em descobrir.

— Precisamos voltar — disse ele ao diabrete. — Prepare o dirigível.

— Mas o senhor foi...

Lorcan agarrou a criatura, jogou-a com toda a força contra a parede. Os consertos que ela havia feito em si própria não aguentaram. Berloque se despedaçou no chão.

Não importava. Havia sempre mais de onde aquela criatura tinha vindo. O Império estava infestado delas. Ele precisava voltar para consertar o relógio. Talvez ter um vislumbre da Senhora, simplesmente para se assegurar de que ela era a perfeição de sempre. E então ia se retirar de novo, exatamente como ela desejava, para esperar.

Tremendo, tropeçando, Lorcan se vestiu. Terno, uma gravata de seda carmesim, sua cartola. Nada deveria parecer fora de lugar, caso fosse visto. Ninguém deveria desconfiar de que alguma coisa estava acontecendo.

A luz do dia cegou-o no convés, sem nenhuma nuvem ali tão ao norte para abrandá-la. Ele colocou os óculos escuros. Ah, melhor. Seu relógio de bolso enfureceu-o com sua simplicidade, sua determinação obstinada de simplesmente marcar o tempo.

Mas estava tudo bem. Poucas horas depois, ele estaria de volta a Londinium.

O OVO DE FOGO

— ESTÁ BEM! — Jack gritou, incapaz de ouvir a própria voz. — Está bem, nós vamos ajudá-lo!

Eles já *tinham* ajudado, na verdade, mas ele não achou que aquele era o momento para discussões.

O barulho parou. Um zumbido nos ouvidos de Jack. O fantástico Pássaro Mecânico voltou para o convés, as penas raspavam umas contra as outras ruidosamente assim que ele recolheu as asas.

— Ele não consegue convocar sua alma — disse Xeno. — Lorcan a prendeu em algum lugar. Tenho certeza disso. Como se transformar a criatura em um maldito relógio já não fosse ruim.

Beth franziu a testa.

— Não está dentro dele, como a minha?

— Não. — As mãos de Xeno contraíram-se em punhos. — Não. Um corpo não seria suficiente para impedir o chamado. Buracos demais. Lorcan queria ter a certeza de que, se alguém o remontasse, ainda assim o Pássaro Mecânico não voltaria realmente a si.

Um sentimento de ódio brilhou novamente dentro de Jack.

— É possível que ele *encontre* a alma? Quero dizer, se nós dissermos para ele voar

para longe?

— Provavelmente não. Talvez se chegarmos bem perto, mas ele está confuso. Estar sem alma é algo extremamente desorientador. Para ser franco, estou surpreso por ter conseguido pedir ajuda.

Então eles também tinham ouvido. O Pássaro Mecânico ficou imóvel mais uma vez, como se nunca tivesse se mexido. Xeno andava de um lado para o outro pelo convés, murmurando para si mesmo.

— Claro que ele fez isso. É claro. Não sei por que eu não tinha pensado nisso. Mantive-o perto o suficiente para que pudesse usar seu poder, mas não tão perto para que lutasse. Assim era mais seguro.

O coração de Jack afundou. Ele usara toda a sua inteligência para descobrir o segredo do relógio, mas aquela era uma maldita torre enorme no meio de Londinium, que podia ser vista. A alma poderia estar em qualquer lugar da ilha ou fora dela. Jack não sabia quão perto ela precisaria estar, e duvidava que Xeno soubesse. O Pássaro Mecânico era único, especial, e não uma fada comum rindo enquanto sobrevoava os cortiços de Londinium. Ele imaginou uma alma girando em uma garrafa de conhaque fechada com uma rolha, enterrada a dois metros do solo, escondida em uma caverna, ou presa com pesos no fundo do rio.

Ele tinha chegado tão perto de ir para casa, mas ela nunca parecera estar tão longe quanto agora. Sua mão normal estava caalejada, rachada, com crostas de sangue de arranhões despercebidos, e sua cabeça doía pela falta de sono.

— Quão grande seria? — o médico perguntou a Xeno, que coçou o queixo enquanto pensava, deixando uma faixa mais brilhante do que o resto. Jack se perguntou se ele o polia todos os dias.

— Quase do tamanho de uma ovelha, acho — disse Xeno, muito sério. — Um filhote, veja bem. Não uma ovelha adulta.

O médico ergueu as sobrancelhas grossas, mas concordou.

— Lorcan ia querer que ficasse em algum lugar em que pudesse vê-la — disse Beth em tom decidido. Os outros três olharam para ela surpresos. Beth encolheu os ombros. — O relógio estava, mesmo que disfarçado. Então dificilmente ele ia guardar a alma no fundo de um armário de vassouras, não é? Ele se sentiria muito mais inteligente se conseguisse colocá-la aqui fora, diante de todo mundo, sem parecer o que realmente é.

Ela estava certa, é claro. Jack sorriu para Beth, e o dr. Cataplasma deu-lhe um tapinha nas costas distraidamente, mas uma escuridão de chumbo desceu sobre eles quando lhes ocorreu, juntos, que mesmo essa ideia não ajudava muito. “Algum lugar em que ele pudesse vê-la” significava Londinium, presumivelmente, mas a cidade era

cheia de cantos e recantos, telhados e túneis através dos quais os trens passavam. Embora o subterrâneo não parecesse provável, tudo era possível. Lembrou-se do comentário de Xenô a esse respeito, na primeira vez em que se encontraram.

— Talvez devêssemos esperar pela noite — disse o médico.

Xenô disse em tom de zombaria:

— E de que vai adiantar isso, hein, Mefisto? Não vamos conseguir enxergar nada.

— Isso é melhor ou pior do que todo mundo nos ver, hein?

Jack ignorou a discussão entre os dois e olhou para o Pássaro Mecânico novamente. Ele não tinha se mexido, nem uma única pena. Cautelosamente, Jack se aproximou, com medo de que a qualquer momento pudesse entrar em pânico novamente. Pobre criatura!

— Não tenha medo — disse o menino. — Nós vamos voar. Acho que vai ser um tipo diferente de voar do que está acostumado, mas vai dar tudo certo. — Será que ele tinha imaginado o brilho nos olhos da criatura? Com certeza Jack tinha a esperança de que tivesse acontecido de verdade e, de alguma forma, o Pássaro Mecânico tivesse entendido.

— Não se preocupe, rapaz. — O médico colocou a mão no ombro de Jack, que agora estava segurando o timão. Era evidente que ele havia perdido a discussão. — Vamos encontrá-la.

O dr. Cataplasma só estava tentando animá-lo, Jack sabia disso, mas era bom mesmo assim. Em especial tendo em vista que o médico sequer acreditava no Pássaro Mecânico até poucos dias antes. Que pareciam meses. Meses desde que ele tinha comido ou dormido, meses desde aquele jantar quente regado a risadas na casa do médico depois que Beth fora remontada.

E muito, muito mais tempo desde que estivera em sua casa, seguro em seu quarto com seus soldadinhos de brinquedo para protegê-lo, e ele tinha certeza de que aqueles eram o único tipo que valia a pena ter. Parecia uma eternidade desde que ouvira a risada de sua mãe, vinda da sala de jantar, ressoando no andar de cima.

O dirigível ergueu-se das árvores, deixando para trás um nítido recorte em formato de navio na floresta. Todo mundo — com exceção do Pássaro Mecânico, é claro — segurou-se quando Jack fez a nave virar e zarpar rumo à cidade. Havia alguma verdade na preocupação do médico em relação a serem vistos. Jack gostaria de ter as fadas de novo, mas eles estavam sem néctar e não havia como conseguir a ajuda delas assim.

Então, sozinhos, uma única aeronave no céu, eles voaram de volta para Londinium. À luz do dia, a periferia era ainda mais miserável, com barracos em ruínas construídos com pedaços de madeira velha, cuspe e orações, fábricas imundas, campos

com arbustos enegrecidos, cabras doentes tossindo. Jack desejou que seus bolsos estivessem cheios de moedas que pudesse jogar sobre as pessoas, mas ali ele não era rico.

E tinha os olhos sobre a cidade, perscrutando enquanto ela passava zunindo debaixo deles.

Pode estar *em qualquer lugar*.

Mais nuvens tinham aparecido desde que eles foram sorrateiramente roubar o relógio na calada da noite. Jack voou abaixo delas, olhando, olhando...

Ele precisava de seus binóculos. Bem, tecnicamente, os binóculos eram do dr. Cataplasma, mas serviam perfeitamente bem nos olhos de Jack. Depois de procurar um pouco, Xenos os encontrou e colocou-os no pescoço do menino.

Jack ergueu-os. A torre vazia do relógio parecia perto o suficiente para que a alcançasse, arrastando os dedos sobre a pedra. Os mostradores estavam escondidos, mas, de qualquer maneira, ninguém nas ruas ia usá-los para saber as horas. Não; o relógio servira apenas a Lorcan.

— O que é aquilo? — perguntou o médico, apontando. A respiração ficou presa no peito de Jack, mas era apenas um vestido vermelho em um varal, ondulando ao vento. Xenos assumiu o timão para que Jack pudesse olhar direito.

— É inútil — disse o menino, deixando cair os binóculos, que bateram dolorosamente em seu peito. — Suba. Fique acima das nuvens. Preciso pensar.

Mais nevoeiro horrível e repulsivo. Jack podia fechar os olhos, prender a respiração, mas ainda assim era muito desagradável — frio, úmido, a sensação de estar em um rodamoinho. Acima, o ar ficou menos espesso e mais limpo, e Jack respirou fundo. Os mostradores vazios do relógio olhavam para ele. Ele se virou para verificar o Pássaro Mecânico, que estava imóvel como estivera desde que pousara no convés. Não mostrava nenhum sinal de ter consciência de estar perto de sua prisão.

A alma deveria estar em algum lugar velho, porque Lorcan era velho. Isso não ajudou nem um pouco. *Tudo* em Londinium era velho; Lorcan e os outros antes dele tinham construído aquele lugar como a Londres de Jack porque isso ia agradar à Senhora. E ele havia tomado a grande torre do relógio e a transformado em algo horrível, ruim, quando em Londres era uma coisa bonita, amada por todos.

Em algum lugar velho e *famoso*. Embora essa ideia tampouco fosse de muita ajuda, como ele desejava. Londres era a maior cidade do mundo, conhecida por todos. Ele apertou as mãos nos olhos.

— Eu não sei — disse, desanimado. — Acho que devemos voltar... e percorrer o rio. — Jack apertou os binóculos nos olhos no instante em que se livraram das nuvens, os mastros ainda cortando as mais baixas.

Algo chamou sua atenção. Ele já tinha passado para a próxima área da cidade mas voltou os binóculos naquela direção.

Jack tinha visto antes que era diferente ali, mas *por que* era diferente?

— Ali. — Jack apontou. — Por que aquele ovo está ali?

O médico agarrou o binóculo, quase estrangulando o menino, que estava muito animado para se preocupar com coisas bobas como sua própria respiração. A coluna de pedra se elevava do chão, não tão alta quanto a torre do relógio, mas Jack ainda se lembrava da subida cansativa até o topo com a sra. Pond e de ficar em pé sobre a plataforma estreita que havia lá.

— Ora, é o monumento ao nascimento do Império — disse o dr. Cataplasma. — Supostamente é um ovo de dragão de cobre ou algo assim. Eu mesmo nunca olhei muito de perto.

Não, não, isso estava errado. Mas Jack tinha certeza de que Lorcan devia ter se divertido bastante com a piada. Trocar a urna de um monumento erguido por causa de um incêndio que consumira metade de Londres. *Fogo*.

Engraçado, também, forçar uma criatura que poderia viver para sempre ao tédio horrível de contar cada segundo.

— Jack — disse Beth.

Estava lá dentro. Ele tinha certeza disso. El...

— Jack — Beth disse novamente. — Você não gostaria de saber que Sir Lorcan está se aproximando?

O menino olhou para cima. Para além do ovo brilhante, Beth apontava para um dirigível.

O coração de Jack disparou. O tempo pareceu parar completamente. Com os binóculos, ele podia ver Lorcan, bem arrumado e decidido como sempre, ladeado por dois canhões grandes como homens. Mas havia algo mais, algo que encheu Jack de uma alegria secreta.

Medo. Lorcan tinha avistado o Pássaro Mecânico.

— Depressa — Jack gritou. — Precisamos chegar ao ovo antes dele. Depressa!

No interior da nave, o motor rugiu mais alto e o dirigível saltou para a frente, Xenon sorrindo ao timão. Jack não conseguia tirar os olhos de Lorcan; com os binóculos dava para ver seu rosto e seus olhos brilhando em vermelho.

Uma fúria, como nunca havia sentido, tomou conta de Jack. Lorcan não se importava com ninguém, a não ser consigo mesmo e com a Senhora, e ele havia se tornado uma coisa desprezível que não se incomodava com quem machucasse para

conseguir o que queria.

Eles estavam sobre o rio agora, e cada centímetro que a aeronave atravessava era acompanhado pela aproximação de Lorcan.

— Mais rápido! — Jack gritou. — Precisamos ir mais rápido!

O médico assumiu as velas para conseguir capturar o vento. Lorcan desapareceu da vista de Jack, e o menino apontou os binóculos para toda a parte, desesperado para encontrá-lo. E lá estava ele, uma figura espectral por trás de uma onda de vapor.

— Canhões!

Xeno girou o timão com um puxão violento. A aeronave se inclinou, e tudo o que não estava pregado no chão deslizou perigosamente sobre o convés.

— Beth! Vá lá para baixo, onde ficará mais segura! — ordenou o médico. Ele não seria capaz de salvá-la se ela caísse no rio e enferrujasse antes que a encontrassem. A bala de canhão errou o alvo por pouco e passou assobiando por eles, caindo com um som tão alto que se ouviu do céu.

O ovo estava a cerca de quarenta metros de distância. Trinta metros. Jack estava tão concentrado com os olhos fixos no ovo que viu, tarde demais, a velocidade do dirigível de Lorcan aumentar e o veículo mover-se rapidamente ao redor do monumento. O convés inclinou-se quando Xeno tentou sair do caminho.

Ele não conseguiu. O mundo ficou de ponta-cabeça. Pedacos de madeira choveram sobre a água enquanto toda a aeronave estremeceu com o golpe. Jack caiu sobre a amurada e sua boca se encheu de sangue, uma dor lancinante no nariz. Fora de si, ele procurou o Pássaro Mecânico. Algum instinto de proteção profundamente oculto tinha feito com que ele saltasse do convés para voar em círculos sobre eles. Jack podia sentir o terror da criatura agarrando-se a ele.

— Está querendo briga, não é, Sir Lorcan? — Xeno gritou. — Vamos ver então!
— Ele moveu a nave para abordar a outra. O médico balançou pelo convés, agarrando-se à vela.

Mas Jack tinha visto onde Lorcan mirava.

— Não — ele gritou, correndo em direção ao Pássaro Mecânico, que estava muito alto. *Sai*, Jack pensou com toda a força. *Sai!*

Abaixo, alguma coisa retumbou. Uma nuvem de vapor engoliu Lorcan de maneira que Jack só conseguia ver o topo de sua cartola. A qualquer momento uma enorme bola de ferro ia colidir com o pássaro, e ele ficaria amassado e quebrado demais para que pudesse ser consertado novamente. O convés sacudiu sob seus pés, e uma explosão rasgou o ar.

Beth havia disparado primeiro. A bala de canhão rasgou o casco do navio de Lorcan, desequilibrando-o. O suficiente. Apenas o suficiente para que seu próprio tiro

errasse o bico do Pássaro Mecânico.

— Ah, muito bom! — rugiu o médico. Jack sorriu com os dentes manchados de sangue. Ele agradeceria mais tarde.

— Você não vai me derrotar, pequeno Jack! — A voz de Lorcan atravessou a distância entre os navios. — Pode ter descoberto meu segredo, mas já vivi muitas vezes o tempo que você viveu, e não vou deixar que estrague tudo!

Os olhos de Jack seguiram o Pássaro Mecânico. Ele havia pousado na outra extremidade do convés, raiva, terror e confusão saindo dele como óleo. O monumento estava sessenta metros a estibordo. As aeronaves estavam quase nariz com nariz e não havia nenhum lugar para onde ir, não havia espaço nem mesmo para manobrar.

Ah, sim, ele ia arruinar Lorcan. Sua mão normal segurou a amurada. Ia arruinar Lorcan e, em seguida, iria para casa. Xenon virou a cabeça, e Jack o viu com o canto do olho, apontando para cima.

Xeno piscou.

O ar moveu-se com um uivo quando o navio disparou para as nuvens. Jack engasgou e tossiu, mas em questão de segundos eles estavam livres do nevoeiro e de Lorcan.

— Todo mundo está bem?

— Sim, doutor! Xenon, o ovo, por favor!

O navio girou como um pião e saiu em disparada. Lorcan havia se juntado a eles sobre as nuvens, mas eles tinham a dianteira. Seria suficiente? Jack não tinha certeza. Mas esperava que sim. Outro tiro de canhão foi disparado; desta vez Lorcan não teve tanto azar com a pontaria. Ele acertou direto no navio, e Jack se soltou.

Era como voar sem a nave, como se tivesse asas. O menino foi lançado ao ar, mas havia um limite até onde conseguiria subir antes de a queda começar. Cair sobre o convés não ia ser nada bom.

Por mais espessas que fossem as nuvens, não iam amenizar sua queda, não iam amortecê-la com sua falsa maciez.

Descontroladamente, sem tempo para pensar, Jack estendeu o braço. Seus dedos de metal prenderam-se a um dos buracos na lateral do navio, e ele esperava que Beth não fosse escolher exatamente aquele para disparar outro tiro de canhão.

— Jack? — o médico gritou, apavorado. Seu cabelo espesso apareceu por sobre a amurada, o alvío iluminando seu rosto quando o viu, agarrado à lateral da aeronave como uma craca.

— Está tudo bem — Jack gritou a plenos pulmões. A cada inspiração o ar gelado os queimava. — O ovo, me levem até o ovo!

O rosto de Beth apareceu de dentro do navio.

— Olá, Jack. Puxa, o que está fazendo aí? Quer que puxe você para cima?

Jack fez que não com a cabeça. A mão que o dr. Cataplasma tinha feito segurava firmemente na madeira, sem se cansar nem escorregar, de uma maneira que a mão normal talvez não conseguisse. Seus pés apoiaram-se contra a lateral do navio, que descia por entre as nuvens, e o grande ovo de cobre brilhou a seis metros de distância... Três...

A cabeça do médico apareceu de novo, os olhos arregalados de medo e preocupação.

— Mais perto.

Dois metros. Um metro.

— Mais perto.

Jack fechou os olhos. Ele respirou profundamente o ar fuliginoso do Império.

E pulou.

Jack caiu sobre o ovo. O objeto cambaleou em seu pedestal, preso ali como uma joia estaria presa a um anel. A superfície era lisa, tão polida que pôde ver seu rosto, sangrando e ferido.

Inclinando-se para pegar a parte mais gorda, Jack soltou o ovo, deixando ambos caírem sobre a plataforma estreita que rodeava a coluna. Ele caiu sobre a pedra, curvando o corpo e rolando. O ovo escorregou de seus braços e deslizou para longe. Ajoelhado, Jack arrastou-se para pegá-lo.

Só então olhou para cima e encontrou os olhos de Lorcan. A aeronave dele pairava no ar, e o homem ficou totalmente parado no convés por um momento. Ergueu as mãos, implorando.

— Podemos discutir isso, Jack. Devolva para mim e vou lhe ensinar magia com a qual você nunca sonhou. Magia muito além do que já viu em seu tempo aqui no Império. Vou lhe mostrar todos os meus segredos. Vamos governar juntos, como filhos da Senhora.

Jack olhou para os próprios pés. Ele já havia estado certa vez naquele mesmo lugar, em Londres, com a sra. Pond. Olhou para o outro navio, danificado e ainda lutando, de onde Beth, Xeno e o dr. Cataplasma assistiam a tudo. Xeno fez um pequeno aceno de cabeça para Jack. Atrás deles, o Pássaro Mecânico se levantou, e desta vez não foi medo o que Jack sentiu vindo da ave, mas uma esperança que parecia clara como o badalar de um sino após a hora inteira.

Com muito cuidado, Jack levou o pesado ovo até a amurada. Por um momento ele o segurou lá, muito acima da terra firme na base da coluna, e então o soltou.

AS ÚLTIMAS PALAVRAS DO FEITICEIRO

QUANDO LORCAN VIU A QUEDA DO OVO, uma grande resignação apoderou-se dele. Desde que havia roubado a alma do Pássaro Mecânico, ocorreu-lhe apenas em tempos de grande preocupação que alguém pudesse descobrir seu segredo. Agora ele fora deixado sem a diversão de saber como isso tinha acontecido pelas mãos daquele jovem que tanto o fazia lembrar-se da Senhora, com seu cabelo escuro e suas travessuras.

Lorcan pensou que não importava mais.

O ovo caiu das mãos do garoto, por sobre a amurada, girando, captando a pouca luz que o Império tinha para oferecer e criando muito mais de sua própria luz.

No outro navio estava o pássaro. Alto e orgulhoso, mas sem brilho. Ainda não. Uma coleção de peças colocadas juntas, medindo o tempo de uma maneira diferente do que tinha feito enquanto relógio.

O Pássaro Mecânico não podia escapar do tempo, mas podia se aproveitar dele. Mais e mais.

O rosto da Senhora afastou todos os outros pensamentos da cabeça de Lorcan. Realmente, era muito típico exigir sua atenção. Sua vida tinha sido dedicada a ela, era apropriado que sua morte também o fosse.

— Ela vai ficar tão sozinha — Lorcan sussurrou.

Ele sentiu o ovo se quebrar no chão ao mesmo tempo em que ouviu o som.
E então caiu.

A DÁDIVA DO PÁSSARO MECÂNICO

O OVO RACHOU NAS PEDRAS DO CALÇAMENTO e explodiu em chamas, uma grande bola de fogo, amarela, laranja, vermelha e dourada. O Pássaro Mecânico abriu o bico. Jack preparou-se para tampar os ouvidos, mas a música que veio agora foi uma canção doce, esquentando a cabeça e o corpo inteiro. Ao mesmo tempo atemorizado e maravilhado, observou o Pássaro Mecânico abrir as asas e levantar-se no ar. A chama subiu também, rapidamente, uma serpentina de fogo, até que o Pássaro Mecânico a engoliu.

Uma multidão tinha se reunido na rua, atraída pelo combate das aeronaves. Sussurros circulavam, mas Jack não conseguia pensar em uma única palavra. O fogo ondulou as penas, restaurando-as em aço e ferro, cobre e latão brilhantes. O próprio céu pareceu clarear, o ar ficou mais quente, e um sorriso largo tomou conta do rosto de Jack. Com alegria, o pássaro voou, metade do tamanho de um dragão, subindo e mergulhando de novo, para subir novamente em seguida.

Obrigado, disse.

— Isso foi muito bom — disse o médico, enxugando os olhos. Beth estava sorrindo, mas ela sempre estava sorrindo. Xeno dirigiu a aeronave até perto da embarcação de Lorcan, e os cascos bateram um contra o outro. Xeno baixou o veículo para que Jack pudesse subir a bordo, seus braços longos e fortes estendendo-se para

manter Jack firme.

— Devemos pegar o outro também — disse o menino. Ele não queria que caísse do céu bem em cima da cidade.

— Bem pensado, companheiro. — A aeronave se levantou e voou para emparelhar com a de Lorcan. Xenon segurou firme para que Jack pudesse passar para a outra.

O feiticeiro estava no convés, inerte, murcho, cinzento. Ossos apodrecidos, a pele derretida sobre eles. Alguns fios de cabelo incolor brotavam da cabeça. Sua cartola tinha rolado para longe. Certificando-se de que ninguém estava olhando, Jack deu um leve chute no corpo, aproveitando o último e curto espaço de tempo em que não havia a sra. Pond para dizer que ele estava sendo maldoso. Os ossos se desfizeram em pó, foram levados pelo vento e desapareceram. Um par de óculos escuros deslizou de um bolso do terno que murchou, e Jack pensou que finalmente havia entendido o pequeno mistério. Curvando-se, ele os surrupiou, colocando-os rapidamente onde não seriam vistos.

— Quando você quiser, rapaz — o médico chamou.

O Pássaro Mecânico voou ao lado dos navios, brilhando como uma forma vislumbrada no fogo de uma lareira. Gritos de viva explodiram de baixo para cima diante do retorno da criatura mais famosa de Londinium, voltando para dar-lhes esperança novamente. A notícia tinha viajado rápido, correndo de uma esquina à outra. Parecia que todos tinham saído às ruas para vê-lo.

Tendo desaparecido todos os pedaços de sua vida na forma de relógio e com a alma restaurada, o Pássaro Mecânico era mesmo magnífico. Ele sobrevoou os dois navios, como se estivesse verificando se Jack, Beth, Xenon e o médico ainda estavam lá, sua bela canção enchendo o céu.

Eles guiaram as naves para aterrissar nos jardins perto do rio, um lugar cheio de lembranças para Jack. As aeronaves danificadas cambalearam e balançaram vacilantes, mas pousaram bem.

— Jack!

Seus pés de volta ao chão pela primeira vez em muitas horas, o menino virou-se para encontrar a dona da voz. Ele a conhecia. Arabella correu sobre a grama, despenteada, o rosto pontudo cheio de espanto.

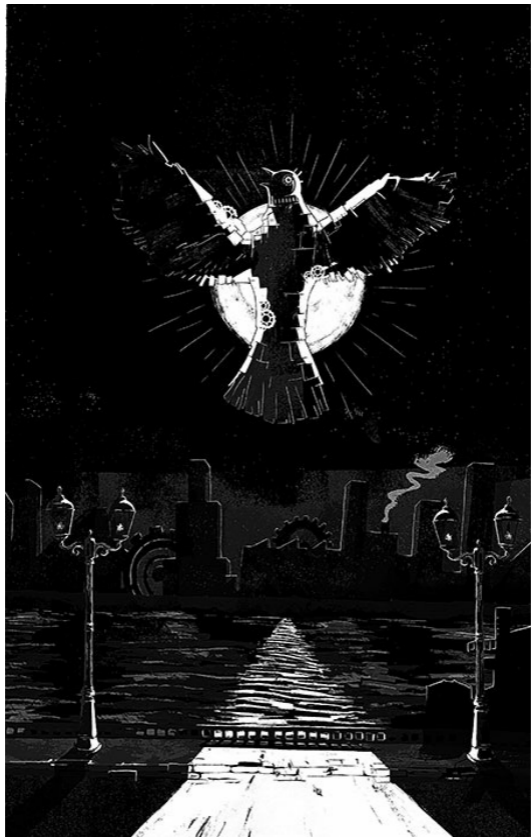
— A notícia chegou ao palácio — disse ela, a respiração um pouco tensa. — A Senhora me enviou para descobrir o que era toda essa confusão. Disseram que um dirigível... — Ela parou. — Bom, tinha que ser você, não é? E, ah, que coisa, isso é o que eu acho que é?

— Ora, ora, Arabella — disse o médico, aproximando-se com as pernas

ligeiramente bambas. — Todo mundo conhece a história do Pássaro Mecânico.

— Ah, puxa vida. *Você* o encontrou? Ah, puxa vida.

Jack levou-a a um banco, enxotou as fadas empoleiradas lá, para que não tivessem ideias sobre puxões de cabelo, e contou-lhe toda a história.



— Ele está... morto? De verdade? Para sempre?

— Para sempre — Jack concordou.

Um sorriso ameaçou dividir seu rosto.

— Você é um bom rapaz, Jack. E foi um bom filho para a Senhora, não importa o que ela tenha dito no final.

— Será que ela vai ficar bem? — Jack perguntou.

— Não se preocupe com isso. — Arabella se levantou. — Vou garantir que sim.

Fadas de asas alongadas ziguezagueavam sobre a água densa do rio quando Jack se juntou aos outros. O Pássaro Mecânico havia parado de voar em círculos e veio pousar diante deles, altivo, brilhando com vida. Ele levantou uma perna de cobre para apontar uma garra na direção de Jack, que se adiantou.

Tenho uma grande dívida com você, disse. Como posso retribuir?

Jack lhe disse. O grande pássaro abriu as asas e faíscas estalaram ao longo das penas de metal. Elas se reuniram em um único filamento, vermelho-brasa, que subiu no ar, girando, estalando, voando na direção da torre do relógio.

Está à sua espera. Assim que você estiver pronto.

— Obrigado.

Sou eu que agradeço, jovem amigo.

O Pássaro Mecânico recuou, as articulações flexionando, as engrenagens girando. Mais uma vez, ele levantou uma garra afiada, mas não a apontou. Metal raspou em metal quando ele passou a garra de cima para baixo no centro do peito, as bordas do corte se abrindo, e ficou seu coração como um peixe. Houve um guincho terrível e a coisa se soltou, balançando pendurada na pata por um segundo antes de voar pelo ar para cair nas mãos de Beth.

Jack abriu a boca para gritar, mas descobriu que não conseguia. Grandes asas se abriram, as engrenagens mordendo umas às outras com dentes longos, e Jack percebeu, de alguma forma, o que a criatura pretendia fazer. Correu para o local onde o Pássaro Mecânico estava, mas ele já tinha ido embora, longe sobre a água, e ele só pôde assistir a tudo com os olhos molhados enquanto ela refletia a luz, a chama lambendo o cobre. Ao longo de todo o rio, o povo de Londinium gritava e aplaudia. Atrás de Jack, Xeno bateu palmas e gritou.

Ele explodiu como um fogo de artifício. Peça por peça, o Pássaro Mecânico que eles tinham montado tão cuidadosamente choveu sobre o rio em mil respingos.

Jack correu para Beth, um nó na garganta.

— Por que ele faria isso? Ele lhe perguntou o que você queria? — Como tinha perguntado a ele, Jack imaginou que também poderia ter perguntado a ela. — E você

dise que queria o coração dele?

— Não seja tonto. — Ela revirou os olhos, mas não havia tristeza neles, como se o coração que segurava já tomasse conta dela. — Eu não fiz nada. Foi ele que me pediu algo. — Beth olhou para o coração nas mãos. — O Pássaro Mecânico me pediu para cuidar disto até que ele volte. Para que ninguém mais faça o que Lorcan fez.

O médico colocou o braço em volta dela. Xeno curvou-se para que seus olhos de vidro se nivelassem com os de Jack.

— Você conhece a história.

— Mas foi... Tudo o que fizemos... Tudo para nada!

— Ah, não. — Xeno balançou a cabeça. — Ele sobreviveu a coisas piores do que isso! Pense bem. Você já viu com seus próprios olhos. É uma lenda, e você pode acreditar em mim. Lendas não morrem tão fácil como as pessoas. O Pássaro Mecânico voltará quando for a hora certa. Escute o que estou dizendo.

Jack afastou-se um pouco. O Império das Nuvens era turbulento, agitado, tossia vapor. E assim ia continuar fazendo, muito tempo depois que ele fosse embora, assim como Londres devia ter feito em sua ausência.

— É muito triste — disse Jack depois de um tempo. Xeno lhe deu um tapinha no ombro.

— Você acha?

— Ora, você não?

— Olhe ao seu redor — Xeno disse suavemente. Jack olhou para os rostos pelas ruas e perto do rio, felizes de uma forma que ele nunca tinha visto, não em todo o tempo que estivera ali. — Você o trouxe de volta para nós quando pensávamos que tinha desaparecido para sempre. Ele tem que morrer para que possamos ter a esperança de que vai viver novamente.

Juntos, pegaram um atalho até a torre do relógio, vazia, exceto pelos sinos. Beth andou mais devagar para alinhar o passo com Jack, o médico e Xeno à frente. A multidão se abria para eles, olhares de admiração e até mesmo medo nos rostos, mas Jack sentiu uma mão ou duas dando-lhe tapinhas desajeitados nas costas.

— Ela vai me amar agora — disse Beth. — Eu serei capaz de amá-la também, e vou morar no palácio, e o dr. Cataplasma vai me visitar para cuidar de meus rangidos quando eu precisar.

Jack parou e olhou para ela. Seus olhos brilhavam, mas não com um vermelho furioso como os de Lorcan. Era um olhar quente, amigável.

Beth sorriu docemente.

— Faz sentido. Ela não pode morrer, e eu também não, por isso vamos ficar juntas por muito tempo. Pelo menos até o Pássaro Mecânico precisar disto novamente. É

melhor do que nada, não é? Ela vai me dar vestidos bonitos e ser agradável sem Lorcan por lá para fazê-la infeliz.

— Ah, Beth — disse Jack. Um bocejo quase lhe quebrou a mandíbula. Ele pensou que dormiria bem até mesmo nos cobertores do dr. Cataplasma, mas a melhor cama de todas o aguardava em Londres. Do outro lado da porta.

Eles se aproximaram da porta na parte inferior da torre — ainda de madeira, mas adquirindo um brilho vermelho em volta das bordas quando Jack se aproximou. Agora que tinha chegado o momento, ele não tinha a menor ideia de como dizer adeus ou agradecer pela ajuda.

— Está tudo bem, rapaz — disse o médico. Xeno apertou sua mão, um cumprimento adequado entre homens, e Beth, segurando o coração, deu-lhe um rápido beijo no rosto. Jack limpou-o com a manga da camisa. Segurou a maçaneta e, com um último olhar para o grande e agitado Império, abriu a porta.

LONDRES

DO OUTRO LADO DA PORTA, o sol brilhava, como uma bola de fogo. Havia lágrimas nos olhos de Jack, e ainda bem que ele estava certo sobre os óculos. O menino os colocou, a claridade incômoda sendo imediatamente atenuada. Muito melhor. Agora podia ver a rua movimentada para além dos portões, repleta de cavalos resfolegando e carruagens puxadas por eles.

O jardim onde havia visto a sra. Pond pela última vez estava quase vazio; apesar do dia ensolarado, o inverno ainda se agarrava à cidade com dedos congelados. Bem acima, o ponteiro maior do grande relógio movia-se lentamente de um minuto para o outro. Debruçado sobre a grade ao lado do rio, ele viu os barcos, os conveses cheios de capitães e mercadores. Não havia nenhum indício de bronze, latão ou aço brilhando para ele das águas rasas frequentadas pelos catadores de lixo.

Soou a meia hora.

Eram alguns minutos até os limites do parque, onde havia encontrado Beth pela primeira vez, um pouco mais até o local onde sua gaiola deveria estar, mas não estava. Lordes e empregadas movimentavam o local, nem uma única grade de metal à vista nos narizes. Os pássaros que cantavam nas árvores eram de carne e osso, mas talvez não estivessem mais vivos do que os do outro tipo. Jack ia sentir falta deles, das criaturas fantásticas, de Beth, de Xenó, do dr. Cataplasma. Até mesmo da Senhora, que fora boa

com ele por um tempo. Mas Beth ia amá-la agora, e a Senhora também ia amar Beth. Elas iam resolver a questão do bolo de alguma forma.

Ali, naquela Londres, a bússola funcionava. A agulha girou, pensando o que fazer, e decidiu qual caminho era o norte. Jack colocou sua mão mecânica no bolso — ele ia se divertir muito mostrando *aquilo* para sua mãe e seu pai — e começou a andar na direção de Mayfair.

Para Mayfaer e suas fadas!

Não era bem assim. Mas estava em casa.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram cruciais para que *Pássaro Mecânico* — título pelo qual essa história foi conhecida durante vários meses — desse o longo salto da imaginação até a realidade. Agradeço eternamente:

À minha família, pelo amor, incentivo, insetos e abacaxis.

A Brittany e Brie, que me mantêm sã.

A Brooks Sherman, agente extraordinário e amigo melhor ainda, para quem este livro é parcialmente dedicado porque a ideia nasceu depois de uma conversa com ele e porque ele se recusou a me deixar desistir quando desanimei. Nenhum “obrigada” jamais será suficiente. Muita gratidão aos demais da FinePrint, em particular Janet, a Kathleen Ortiz e a todos na New Leaf Literary & Media, e sempre, sempre a Meredith Barnes.

À minha editora, Zareen Jaffery, que precisou de exatamente um minuto e meio da nossa primeira ligação para me convencer de que as engrenagens delicadas do *Pássaro Mecânico* estariam seguras — e operando de maneira mais suave — em suas mãos. Zareen, obrigada pela sua paixão e tranquilidade. Você é completamente incrível, então tanto o mundo real quanto os imaginários são infinitamente mais brilhantes quando você faz parte deles. Todos da S&S BFYR, incluindo (mas não se limitando a) Justin Chanda e toda a equipe editorial por apoiar o livro, e a designer Lizzy Bromley, que o tornou tão lindo que quero abraçá-la para sempre. Lizzy literalmente pesquisou por todo o mundo, até chegar à Austrália, onde encontrou Glenn Thomas, cujas ilustrações ainda me deixam sem fôlego de tanta admiração.

Glenn, nunca nos conhecemos e você não só enxergou dentro da minha cabeça e deu vida às imagens ali dentro — você as melhorou. Foi um feito e tanto. Muito, muito obrigada.

Às pessoas maravilhosas que trabalham nos museus e atrações históricas de Londres, sem as quais esta história teria uma profundidade e um detalhamento infinitamente menores. Quaisquer erros são culpa minha, quaisquer liberdades foram tomadas apenas quando necessário.

A Bradley, que leu um rascunho quando tinha exatamente a idade de Jack, e Tonya, que leu junto com ele.

A Katherine Catmull, por iluminar meus dias mais do que ela imagina; Claire Legrand, por compartilhar tudo — de editores a guacamole — comigo, e especialmente Stefan Bachmann, meu camarada entusiasta de pássaros mecânicos, pela amizade peculiar.

EMMA TREVAYANE é escritora em tempo integral. Adora música e fotografia. Também escreve livros para o público juvenil, Como *Coda*, seu primeiro romance, e a sequência *Chorus*. Já morou no Canadá, Inglaterra e Estados Unidos.

Copyright do texto © 2014 by Emma Trevaune
Copyright das ilustrações © 2014 by Glenn Thomas

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

O trecho do poema de Emily Dickinson na epígrafe foi retirado de *Emily Dickinson: Loucas noites/ Wild Nights* (Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Disal, 2010).

TÍTULO ORIGINAL Flights and Chimes and Mysterious Times

CAPA Lizzy Bromley

ILUSTRAÇÃO DE CAPA © 2014 by Glenn Thomas

MAPAS © Drew Willis

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Mariana Cruz e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-438-0105-6

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

